

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

MAGALI APARECIDA RIBEIRO DE SOUZA

**APRENDIZAGEM EMOCIONAL: O DESAFIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LAGES/SC

2014

MAGALI APARECIDA RIBEIRO DE SOUZA

**APRENDIZAGEM EMOCIONAL: O DESAFIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada à Universidade do
Planalto Catarinense/UNIPLAC, Programa de
Pós-Graduação em Educação – *Stricto
Sensu*, para obtenção do título de Mestre em
Educação, na Linha de Pesquisa II: Educação,
Processos Socioculturais, e Sustentabilidade.

Orientadora: Prof. Dra. Marina Patrício de
Arruda

LAGES/SC

2014

MAGALI APARECIDA RIBEIRO DE SOUZA

**APRENDIZAGEM EMOCIONAL: O DESAFIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Marina Patrício de Arruda (PPGE/UNIPLAC) -Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Ceron Trevisol (UNOESC)- Examinadora externa

Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Diez (PPGE/UNIPLAC) - Titular

Prof^a. Dr^a Lilia Aparecida Kanan (PPGE/UNIPLAC) – Titular

Prof^a. Dr^a Vera Regina Roesler - Suplente

LAGES- 2014

DEDICATÓRIA:

A Deus pelo o dom da vida;

A meus pais por deixar-me como principal herança a oportunidade de estudar;

A meu marido André, por assistir a muitos jogos de futebol enquanto eu estudava.

AGRADECIMENTO:

Agradeço a ajuda de minha orientadora Marina, pela paciência e carinho com que sempre me acolheu.

Agradeço a minhas amigas Karyne e Juciane por fazerem parte dessa conquista.

Três Apitos

Noel Rosa

Quando o apito da fábrica de tecidos

Vem ferir os meus ouvidos

Eu me lembro de você

Mas você anda

Sem dúvida bem zangada

Ou está interessada

Em fingir que não me vê

Você que atende ao apito de uma

chaminé de barro

Porque não atende ao grito

Tão aflito

Da buzina do meu carro

Você no inverno

Sem meias vai pro trabalho

Não faz fé no agasalho

Nem no frio você crê

Mas você é mesmo artigo que não se

imita

Quando a fábrica apita

Faz reclame de você

Nos meus olhos você lê

Que eu sofro cruelmente

Com ciúmes do gerente

Impertinente

Que dá ordens a você

Sou do sereno poeta muito noturno

Vou virar guarda-noturno

E você sabe porque

Mas você não sabe

Que enquanto você faz pano

Faço junto ao piano

E estes versos pra você.

RESUMO

A educação tradicional, por muito tempo, priorizou a racionalidade e a prática esportiva escolar, o rendimento e a competição. Essa fragmentação do conhecimento fez com que a aprendizagem não atendesse a complexidade do ser humano, dificultando o aprender a ser e o aprender a conviver. A pesquisa teve como objetivo geral, **conhecer o entendimento dos professores de Educação Física escolar sobre a relação entre a** aprendizagem emocional e a prática pedagógica. Considerou-se que a aprendizagem emocional é fundamental à formação do ser humano e fortalecimento de uma condição humana mais harmônica e menos violenta. Essa formação diz respeito à humanização do homem como um ente que não nasce pronto, mas que está em contínuo desenvolvimento. Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e análise de conteúdo de entrevistas semi-estruturada com dez professores de Educação Física atuantes em escolas do município de Curitiba-SC. Concluiu-se provisoriamente que os professores de Educação Física consideram importante trabalhar a aprendizagem emocional com seus alunos, entretanto há uma lacuna teórica por parte dos mesmos. A maioria dos professores relatou ser importante investir na formação humana dos alunos, porém a prática pedagógica insiste nas modalidades esportivas e a desenvoltura motora. Dessa forma, “o Soar do Apito” confirma a dualidade educacional da Educação Física e a necessidade de ampliar a discussão para religar formação humana e técnica.

Palavras- chave: Educação Física, Aprendizagem emocional; Formação Humana e técnica; Prática pedagógica.

RESUMEN

La educación tradicional, por mucho tiempo, dio prioridad a la racionalidad y la práctica deportiva escolar, el rendimiento escolar y la competición. Esa fragmentación del conocimiento hizo con que el aprendizaje no atendiera la complejidad del ser humano y así lo mismo teniendo dificultad en aprender a ser y en convivir. La pesquisa tuvo como objetivo general, conocer el entendimiento de los profesores de Educación Física sobre la relación entre el aprendizaje emocional y la práctica pedagógica. Hubo la consideración que el aprendizaje emocional es fundamental a la formación del ser humano y fortalece la condición humana de manera más harmónica y menos violenta. Esa formación tiene relación con la humanización del hombre como un ente que no nace listo, pero que está en continuo desarrollo. Esta pesquisa tuvo un pie de imprenta calitativo y también un análisis del contenido de encuestas hecha con diez profesores de Educación Física que trabajan en escuelas del municipio de Curitibanos-SC. Así se alcanzó provisionalmente que los profesores consideran importante trabajar el aprendizaje emocional con sus alumnos, sin embargo hay una brecha teórica por parte de los mismos. Gran parte de los profesores reportado que es muy importante hacer aportes en la formación humana de los alumnos, sin embargo, la práctica pedagógica insiste en las modalidades deportivas y en el desarrollo motor. Así, “ El sonido del silbato “ confirma la dualidad educacional de la Educación Física y la necesidad de agrandar la discusión para reencuadrar la formación humana y técnica.

Palabras-clave- Educación Física, Aprendizaje emocional; Formación humana y Técnica, Práctica pedagógica

LISTA DE ABREVIATURA:

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação

MEC - Ministério da Educação e do Desporto

PCN'S - Parâmetros Curriculares Nacionais

SCIELO - *Scientific Electronic Library Online – BRASIL*

UNICAMP -Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
1º SOAR DO APITO: DO PARADIGMA CARTESIANO AO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NA EDUCAÇÃO	27
1.1 O REFLEXO DO PARADIGMA CARTESIANO NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO FÍSICA	30
1.2. PARADIGMA DA COMPLEXIDADE: PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO NA ERA PLANETÁRIA	36
2ºSOAR DO APITO: PERCURSO DA PESQUISA	43
2.1 SUJEITOS E LÓCUS DA PESQUISA	46
2.2. TIPO DE PESQUISA:	52
2.2.1-Pesquisa de campo:	52
2.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA:	52
2.3.1- Entrevista	52
2.4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDOS:	53
3º SOAR DO APITO: RAZÃO E EMOÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: APRENDIZAGEM EMOCIONAL COMO PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO HUMANA	55
3.1 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENSINAR A COMPETIR OU A APRENDER A VIVER JUNTOS NA COOPERAÇÃO?	58
3.2 O PROFESSOR REFLEXIVO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, EMOÇÕES E LINGUAGENS	70
3.3 AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMOCIONAL	76
4 ° SOAR DO APITO:REFLEXÕES E ESCUTA DOS PROFESSORES	83
4.1- QUEM É ESSE PROFESSOR?	84
4.2. POSSIBILIDADES DA APRENDIZAGEM EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	85
4.3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA FRENTE AOS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	92
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O Soar do Apito confirma a dualidade educacional da Educação Física?	108
6.REFERÊNCIAS :	115
APÊNDICE:	123

INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento em educação realizada por meio da pesquisa científica é um processo instigante e desafiador, o qual nos remete a compreender e refletir sobre a sociedade e o mundo no qual estamos inseridos.

No âmbito da educação a produção de conhecimento científico que ocorre dentro das universidades seja nos cursos de graduação ou pós-graduação justifica-se por “desenvolver uma pesquisa que realize, efetivamente, um ato de criação de conhecimento novo e científico um processo que faça avançar a ciência na área”(SEVERINO, 2006, p.69) e que, portanto, pode levar o professor formado ou em formação refletir sobre sua prática pedagógica ao construir outros conhecimentos científicos sobre a educação que praticamos.

Percebemos, que o conhecimento científico provoca inovações, mudanças e leva a compreensão de diversas realidades. O sujeito ao produzir conhecimento transforma e é transformado.

A pesquisa tem como objetivo proporcionar entendimentos, respostas e novas discussões sobre os problemas que aparecem na sociedade. Sendo que a mesma pode ser solicitada em qualquer momento e principalmente “quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema” (GIL,2002, p.17).

Corroborando com o conceito de pesquisa acima citado Rey (1993, p.21) aponta que:

Qualquer dicionário da língua explica que pesquisar é buscar com diligência; é fazer pesquisas. Pesquisa é definida como investigação e estudo minudentes e sistemático com a fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer de conhecimento.

Segundo Demo (1999) o pesquisador ao realizar a pesquisa científica tem o que comunicar, produz instrumentos e procedimento de comunicação, ou seja, quem não pesquisa reproduz apenas o que escuta, e assiste a comunicação dos outros, aceitando muitas vezes tudo como verdades absolutas.

A pesquisa enquanto princípio científico e educativo faz parte de todo processo emancipatório, no qual constrói o sujeito histórico autossuficiente, crítico e autocrítico, participante, capaz de reagir contra a situação de objeto e de não tomar os outros como objeto. A pesquisa em educação pretende “conhecer, saber, informar-se para enfrentar a vida de um modo mais consciente, contribuindo para tornar os professores mais reflexivos, críticos”, ultrapassando o senso comum (DEMO, 1999, p.16). Tal possibilidade torna-se viável a partir da prática investigativa na qual:

A pesquisa científica ultrapassa o senso comum (que por si é uma reconstrução da realidade) através do método científico. O método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de um processo de categorização (possuidor de características específicas) que une dialeticamente o teórico e o empírico (MINAYO, 1994, p.35).

Quando pautada na prática docente, a pesquisa científica permite um crescimento intelectual, pessoal, social e reflexivo do professor - pesquisador. Assim, “pesquisar a prática docente é hoje um ato reconhecido na comunidade educacional”. A importância da mesma vem há muito tempo sendo discutida em associações, com os conceitos de reflexão e crítica, sob a perspectiva de uma prática reflexiva, do professor ou pesquisador (LUDKE *et al.*, 2001, p.36).

Para Ponte (2002) é fundamental que o professor em sua vida diária de educador aproxime-se da pesquisa científica, tornando-a um instrumento para enriquecer o seu trabalho, pois no ambiente escolar cotidianamente emergem muitas situações que podem tornar-se atividades investigativas, inquiridoras, questionadoras e fundamentadas.

A investigação sobre a prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem esse sentido, o ensinar exige a pesquisa como prática de transformação da ação educativa, ao ampliar o conhecimento do professor e, assim, ressignificar a prática pedagógica, pois,

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino por que busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso

para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2011, p.30-31).

Por meio da citação acima percebemos que a pesquisa quando se faz presente em nossa prática pedagógica o ensino não se torna apenas uma transmissão de conhecimento do professor para o aluno. Por meio da pesquisa podemos inovar questionar, comunicar, ou seja, podemos ir além e transcender o senso comum.

Com tais finalidades, buscamos pesquisar sobre algumas indagações que emergem durante a prática pedagógica dos professores de Educação Física escolar. Inicialmente, trazemos o relato sobre a minha aproximação com o objeto desta pesquisa, ao citar momentos que considero primordiais nessa caminhada de educadora.

A Educação Física começou fazer parte da minha vida a partir do momento que ingressei na escola, mas especificamente na pré-escola. Recordo-me que era a aula mais esperada por mim, onde podia sair da sala de aula, pois permanecia por muito tempo sentada em fila, lendo, copiando e principalmente em silêncio somente a voz da professora ecoava na sala de aula. Sobre esta caracterização da escola Soler realiza a seguinte crítica:

Manter os alunos em silêncio, e imóveis nas salas de aula e contidos em filas, fora da sala de aula, só reforça um modelo de que não gostamos, mas infelizmente conservamos. O corpo deve ter seu lugar garantido dentro das escolas, valorizando o movimento, a alegria, o prazer, enfim tudo o que gostaríamos de ver na vida. Muito triste encontrarmos algumas escolas sem vida e sem esperança (SOLER, 2006, p. 24).

Os dias mais tristes na escola, que minha memória guardou, era quando não tinha a aula de educação física, pois a mesma acontecia apenas três vezes na semana, o que sempre me indignou desde pequena. Como criança não entendia por que uma disciplina tão significativa não era praticada todos os dias.

A partir da configuração legal, entendemos que a educação física, assim como outras disciplinas escolares são obrigatórias e recebem um tratamento sistemático, alternando-se na educação escolar. A este respeito, podemos encontrar em diferentes realidades escolares, múltiplas formas de organização da educação física, mesmo diante de sua regulamentação que se apresenta da seguinte maneira:

A lei diz que a EFE deve ser obrigatória e que deve estar dentro de todas as escolas. Acredito que o mais importante é ela ser essencial,

pois sem o movimento não conseguimos construir o ser humano integral. Somente ao ser essencial na formação do ser humano, possibilitará que a Educação Física resista e permaneça em todas as modalidades de ensino sendo respeitada e valorizada. Hoje embora a lei garanta sua permanência, encontramos escolas com apenas uma aula por semana, ou pior, sem aula nenhuma, oferecem uma modalidade específica no lugar da EFE (SOLER, 2006, p.24).

Recordo que a partir da 5ª série do ensino fundamental quando o professor de educação física terminava a chamada, eu corria muito para conseguir chegar rápido na quadra para integrar a primeira equipe que jogaria, toda aula era assim.

Lembro que durante um jogo de vôlei, por exemplo, surgiam muitas brigas, discussões, agressões verbais e físicas, os motivos muitas vezes estavam associados ao fato de não conseguir marcar ponto ou à falta de habilidade motora excelente, exigida para tal modalidade o que me levava, às vezes a abandonar o jogo e ficar sentada na arquibancada, chorando, irritada e triste, sem conseguir lidar com as minhas emoções. A postura do professor era a seguinte: surgiu um conflito, saia do jogo e ainda era castigado. O que era o castigo? Ficar na sala de aula lendo, ou muitas vezes sem fazer nada. Neste contexto,

Quando o professor de Educação Física Escolar arranca de um jogo uma criança, ele está negando a ela o direito a uma prática pedagógica, que é fundamental para a formação do tão sonhado ser humano integral. O professor de Língua Portuguesa, por exemplo, não pede para a criança que não sabe nada sobre o verbo ficar de fora de suas aulas. Pelo contrário insiste em que ele aprenda [...].O professor não deve ser apenas o treinador de habilidades, mas sim, um despertador de habilidades, pois trabalhar com as habilidades é fácil, difícil é propiciar as habilidades de quem não as tem(SOLER, 2006, p. 18).

Desde muito cedo estive em contato com o mundo dos esportes, e com as práticas corporais. Sempre que tinha a possibilidade participava de eventos esportivos realizados por meio da escola que eu estudava.

A minha entrada no ensino superior iniciou no ano de 1999 na Universidade do Planalto Catarinense/UNIPLAC. A intenção em realizar o vestibular para a Educação Física surgiu a partir do momento que comecei a trabalhar em uma academia de ginástica. Esse trabalho foi crucial para minha decisão, pois o contato com os alunos e com os educadores físicos fez com que eu passasse a ler e pesquisar sobre Educação Física.

No ano de 2000 deixei a academia de ginástica e parti para a sala de aula, por entender que a educação gerava caminhos para a realização profissional,

possibilidades que eu poderia experimentar. A prática pedagógica instigava-me à busca de um sentido para a formação de educadora física num movimento de investigação do meu saber e das relações com o outro (aluno). Devido regime de contratação de professore ser de caráter temporário (ACT) passei por diferentes escolas, com diferentes culturas.

Finalizei minha graduação em Educação Física no ano de 2004, onde nesse mesmo ano busquei e especialização na pós-graduação em Educação Física e qualidade de vida. Busquei na especialização o entendimento dos movimentos da minha formação, a pesquisa e um envolvimento maior com o “cuidar do outro”. Reafirmei as reflexões feitas na graduação, dividi experiências com colegas e professores em uma constante atualização.

Atualmente faço parte do corpo docente da Universidade do Contestado-Campus Curitiba (SC) lecionando nos cursos de Educação Física e Pedagogia. Fazer parte do corpo docente dessa Universidade me instiga pesquisar, pois assim poderei auxiliar os acadêmicos a serem futuros educadores comprometidos com a Educação Física e Pedagogia. Leciono também na Escola de Educação Básica Edmundo da Luz Pinto, nesse mesmo município, com crianças de 6 a 15 anos de idade, sendo que a partir da vivência com os alunos me aproximei do objeto dessa pesquisa.

Em minha prática pedagógica, presenciei muitas situações onde as crianças que durante a aula de educação física demonstravam estar com as habilidades motoras dentro dos padrões para a idade em que se encontravam, não conseguiam lidar com algumas frustrações. Dentre essas frustrações a que mais chama a atenção diz respeito à questão das emoções, por diversas vezes quando estavam em desvantagem em alguma atividade motora, ou não conseguiam realizá-la se tornavam violentas, choravam, ou simplesmente abandonavam a aula.

A observação desse descontrole emocional constante fez emergir em mim a vontade de pesquisar para aprender e desvendar algumas questões que dizem respeito à prática pedagógica dos professores de educação física escolar. De que maneira o professor pode auxiliar o seu aluno na aprendizagem emocional? Como os professores vêem essa questão da aprendizagem emocional durante a educação física escolar? Pelo suporte teórico de Maturana (1998), o ser humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. E de fato, aprendemos muito sobre

a razão. Mas quando aprenderemos a lidar com as emoções na escola? Percebemos que,

A escola continua a estar mais preocupada com a transmissão de conhecimento do que com a qualidade e com o modo de vida da pessoa que fará uso deles. A dimensão afetivo-emocional é básica, essencial e fundamental na pessoa e, portanto, em sua educação e desenvolvimento (TORO, 2007, p.231).

Ao iniciar a pesquisa junto ao programa de mestrado em Educação instigava-me a necessidade de aprendizado sobre a pesquisa científica. Como professora atuante na disciplina de Educação Física escolar, retomei reflexões anteriores sobre a prática pedagógica dos professores que atuam nessa área, em relação à aprendizagem emocional dos alunos durante as aulas de educação física. Afinal, porque pesquisar? O que busco aprender para melhorar a minha prática pedagógica?

Para seguir nessa pesquisa é necessário em um primeiro momento compreender e refletir sobre as mudanças de paradigmas que ocorreram na educação e que ainda estão presentes na educação física escolar e na relação entre a razão e emoção. Para tanto, escolhemos direcionar esta pesquisa a partir da perspectiva teórica da complexidade¹, por considerar que tal teoria pode contribuir de forma abrangente na construção e compreensão do conhecimento acerca da aprendizagem emocional na prática pedagógica do professor de educação física.

A educação por muito tempo foi pautada na racionalidade e a educação física escolar voltada para o rendimento e a vitória a qualquer custo. Hoje ganhamos possibilidades de ampliar a reflexão sobre a nossa prática pedagógica, pois, o século XXI permite novas discussões e renovação pela pesquisa.

Behrens (2011) afirma que durante séculos a educação foi conduzida por paradigmas conservadores. As escolas influenciadas por esses paradigmas ensinavam as crianças desde a mais tenra idade, a separar mente e matéria, propondo a divisão e fragmentação do conhecimento em campos especializados denominados como paradigma newtoniano-cartesiano.

A fragmentação do conhecimento, fez com que o ser humano acabasse por desconsiderar importantes aspectos de sua complexidade pessoal, “levando muito

¹ A educação da complexidade centraliza-se, sobretudo, na produção e na problematização dos conhecimentos e dos saberes articulados com a tecnologia, a ciência e sociedade, num permanente diálogo entre elas (MORIN, 2001, p 24).

em conta a razão e a experimentação, deixando de lado o coração” (CARDOSO, 1995, p.30).

Nesse contexto, percebemos que no processo de ensino e aprendizagem passamos a atender de maneira secundária a complexidade do ser humano, afastando a possibilidade de aprender a ser e aprender a conviver na escola.

A educação da sensibilidade, do respeito, da compreensão, da solidariedade, do trabalho em equipe pode ser ressignificada a partir da valorização da condição humana vivenciada na prática do professor de educação física. Assim, o ser humano entendido em sua complexidade, é reconhecido em suas diferentes dimensões, tal como nos explica Morin:

O ser humano é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Essa unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio de disciplinas, tendendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos (*ibid*, 2003, p.15)

A educação nesse século XXI busca retomar a ideia do ser humano como um todo, pautando-se na racionalidade (razão), e na compreensão (emoção), sendo essa considerada como a um só tempo o meio e o fim da comunicação humana, pois o planeta necessita da compreensão mútua das pessoas.

Segundo Morin (2000), a verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste, sendo que a mesma reconhece a parte do afeto, do amor e do arrependimento. À educação pautada na compreensão pode ser entendida como:

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita de reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro (Morin, 2002, p.104).

Um dos grandes méritos deste século está no fato de que os homens despertaram para a importância de uma educação de qualidade, onde a separação entre razão e emoção já não é mais aceitável, pois vivemos em uma era onde o ser humano pode ser visto como um todo e não fragmentado. A formação voltada para a humanização e não apenas para a área técnica.

Pensar em uma educação voltada para a não fragmentação do conhecimento e repensar as práticas pedagógicas nas aulas de educação física escolar, pode contribuir na formação do ser humano.

Na escola aprendemos a sistematizar e metodizar conteúdo, com isso dividiu em momentos distintas aprendizagem.

Durante as aulas de educação física escolar encontramos sequências de treinamento que se aproximam das formas finais de movimentos esportivos esquecemo-nos de relacionar os conteúdos da educação física com a formação do ser humano como um todo.

Portanto, vivemos um momento como professores de Educação Física no qual se faz necessário chamar atenção, (como faz o soar mais alto do apito) dos professores de educação física com relação a uma tomada de posição quanto à sua prática pedagógica na educação física escolar, discutindo esse novo momento onde razão e emoção entrelaçam-se e são aliadas.

Com a proposta de pesquisar aprendizagem emocional dos alunos durante a prática pedagógica do professor de educação física escolar este estudo terá como eixos a teoria da complexidade, a formação humana os jogos cooperativos e a teoria da aprendizagem significativa.

A aprendizagem emocional trata da capacidade do aluno identificar, selecionar, e poder utiliza-se das emoções em vários momentos da sua vida. Geralmente estamos preocupados em fazer com que nossos alunos aprendam apenas o que consideramos importante para a vida pública, esquecendo-nos de auxiliá-los para que também tenham uma formação emocional. Desenvolver uma aprendizagem emocional para Moreno e Sastre (2002, p.51) é importante por que:

Se não há uma aprendizagem, o sujeito recorre a “cortar com os dedos”. No caso dos conflitos, isto supõe deixar-se levar pelas emoções e pelos impulsos sem nenhuma reflexão prévia que conduz a respostas primitivas, tais como agredir, inibir-se para agir, esconder-se no ressentimento e outras respostas afins.

Na aprendizagem emocional proposta pelos autores acima citados, a mesma não pode ser considerada como uma receita ou fórmula para determinada situação, até por que esta (s) formula (s) não existe. Cada situação é diferente e os sentimentos das pessoas nelas envolvidas podem ser distintos, mas isso não significa que, diante de uma grande variedade de sentimentos e situações, não seja possível estabelecer algumas constantes de comportamento que conduzam a

situação satisfatória, ou descobrir as formas de comportamento que não devam jamais ser usadas por que são inadequadas a todos os casos.

Oportunizar aos alunos uma aprendizagem emocional é algo que não podemos mais deixar de lado durante nossa prática pedagógica. Para essa transformação Morin orienta que o comportamento das pessoas, modifiquem-se levando-as a viver uma vida mais saudável e feliz em comunhão com o outro.

Pesquisar e compreender a teoria da complexidade é viável nessa pesquisa, pois a mesma vê o mundo como um todo indissociável, propõe uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento, ou seja, uma prática pedagógica que privilegie aprender a ser, aprender a conviver, por meio da aprendizagem emocional, ou seja, voltada para a formação humana.

É indispensável que o aluno tenha na escola uma formação humana, isto é, que aprenda a compreender a si mesmo, aos outros seres humanos e à sociedade em que vive. Busca-se hoje o processo de formação de um sujeito ético, cidadão e político, pessoa-habitante de um universo coletivo.

Nesse contexto Arruda (2008) afirma que o professor não é mais um transmissor de conhecimentos, mas um mediador de saberes e emoções. Não basta apenas ao professor transmitir o conhecimento, e preciso ir além.

Sendo assim trazemos para esta pesquisa a proposta de desenvolver os jogos cooperativos na educação física escolar, com o objetivo de que alunos joguem com os outros e não contra os outros. Joga-se para superar desafios, e aprender a viver com o outro, a definição dos jogos cooperativos apresenta-se como:

[...] jogos para compartilhar, unir as pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, gerando pouca preocupação com o fracasso ou com o sucesso como fins em si mesmo. Eles reforçam a confiança mútua e todos podem participar autenticamente. Ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo (SOLER, 2011, p.51).

Ou ainda para Brotto (2013,p.68),

Estes jogos são estruturados para diminuir a pressão para competir e a necessidade de comportamentos destrutivos. Visam promover a interação e a participação de todos e a deixar aflorar a espontaneidade e a alegria de jogar.

Percebemos que para que ocorra a aprendizagem emocional os jogos cooperativos aparecem como uma alternativa, pois o seu objetivo é unir as pessoas, promover a interação entre todos e diminuir a competição exacerbada.

Buscamos também como suporte teórico para essa pesquisa a Teoria da Aprendizagem Significativa, pois a mesma “subjaz à integração construtiva entre pensamento, sentimento e ação que conduz ao engrandecimento humano” (MOREIRA, 2000, p. 43).

O problema que guiou esta discussão assim se apresenta: Como o Professor de Educação Física, favorece a aprendizagem emocional durante sua prática pedagógica?

Como objetivo geral, buscou-se conhecer o entendimento dos professores de Educação física escolar sobre a relação entre a aprendizagem emocional e prática pedagógica.

Os objetivos específicos vislumbraram discutir a prática pedagógica do professor e as mudanças paradigmáticas na educação e na educação física escolar; destacar as possibilidades da aprendizagem emocional na educação física escolar; e buscar o entendimento dos professores de educação física sobre formação humana e a aprendizagem emocional.

Portanto, na perspectiva da teoria da complexidade, esta pesquisa justificou-se por fazer refletir a prática pedagógica do professor de educação física e ampliar a compreensão sobre a aprendizagem emocional nesse campo de atuação. As práticas pedagógicas de educação física podem ir além da fragmentação de seus conteúdos, geralmente previstos para cada faixa etária das crianças e adolescentes que a praticam. Tais conteúdos podem estar articulados à aprendizagem emocional, fortalecendo assim a cooperação, aceitação, o respeito a si e aos outros e a formação humana.

Movidos pelo desafio de conhecer e produzir mais sobre o assunto, essa dissertação se desenvolve em quatro capítulos, nomeados como “O soar do apito”. Essa denominação surgiu a partir da ideia de chamar a atenção sobre algo. No caso, chamar a atenção dos professores de educação física para as mudanças de paradigmas que estão ocorrendo e a necessidade de auxiliar seus alunos na aprendizagem emocional.

Como se trata de uma construção orgânica, de um professor de educação física que problematiza sua prática, a retomada do termo "soar do apito" diz respeito à experiência vivida ao longo de seu próprio processo de formação.

Dessa forma, buscamos associar a música “Três Apitos” de Noel Rosa, composta em 1933 e gravada em 1951, após a sua morte. Os apitos, traduzidos

para o campo acadêmico, chamam a atenção para as principais tendências educacionais desse início de século e discutem algumas alternativas para o desenvolvimento do pensamento complexo buscam juntar razão e emoção ao falar de aprendizagem emocional.

A organização desta dissertação pode fugir dos moldes tradicionais, entretanto, sua forma justifica-se de certa forma. Estaremos descrevendo as principais mudanças ocorridas nas últimas décadas nas práticas pedagógicas dos professores de Educação Física e construindo discussões, reflexões e entendimentos sobre as alternativas de atuação e compreensão de novos paradigmas educacionais, para depois então apresentar os caminhos percorridos para a realização da pesquisa empírica.

Sendo assim o capítulo I destacou o 1º soar do apito onde trazemos reflexões e discussões acerca das mudanças paradigmáticas em educação e em educação física, considerando que tanto as sociedades como a educação passaram por diversas modificações. As referências teóricas escolhidas para sinalizar essas mudanças evidenciam-se em: Behrens (2005), Kuhn (1992), Santos (1989) Delors (2003), Morin (2006), Capra (1996), Maturana (2002). Arruda, (2008), Capra (1996), Maturana (2002). Weil (1991) Gamboa (2005) Santin, (2001) Libâneo (1998) Soler (2005).

Após as reflexões e discussões trazidas acerca das mudanças de paradigmas apresentamos para o II capítulo, o 2º soar do apito onde apresentamos a metodologia que irá garantir as etapas e os procedimentos utilizados para realizar a pesquisa. Consideramos que após essas reflexões é necessário partir para os procedimentos metodológicos. Para fundamentar a metodologia da pesquisa foi utilizado, Minayo (1994), Thiollente(2000), Marconi e Lakatos (2003), Barbanti (2005), Severino (2002), Furasté,(2012), Martinelli (1999), Rey (1993), Demo, (1990) Lüdke e André (1986) Chizzoti,2001, Marli André , (2001) Diez Horn ,(2011) .

Descritos e comentados os procedimentos metodológicos exploramos no capítulo III, o 3º soar do apito onde será abordado discussões e reflexões sobre a emoção, razão, linguagens, aprendizagem significativa, inteligências múltiplas e as suas implicações na aprendizagem emocional dos alunos. Para tanto, como referencial teórico utilizaremos Moreno e Sastre(2002), Goleman (2001), Freire

(2012), Soler (2011), Linhales (2009), Arruda (2004), Le Doux, 2001, Toro (2007) e Maturana (1998), Orlick (1978)

No IV capítulo denominado de reflexões e escuta de professores está relatado a análise dos dados coletados que foram realizados por meio da entrevista semi-estruturada realizada com dez professores de Educação Física do município de Curitiba- SC. Esses profissionais atuam nas seguintes escolas : Escola Estadual Básica Casimiro de Abreu, Escola Estadual Básica Santa Teresinha, Escola Estadual Básica Sólton Rosa, Colégio Maria Imaculada, Escola Estadual Altir Webber de Mello, Escola Getulio Vargas. Sendo assim nosso estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa.

Com a proposta de ampliação do conhecimento foi realizado o estado da arte, com o objetivo de conhecer algumas das pesquisas que estão sendo ou foram realizadas abordando o tema pesquisado.

Haddad (2002, p .9), define o estado da arte como:

Um estudo que permite num recorte temporal realizar um estudo definido e sistematizado em um determinado campo de conhecimento, onde é possível reconhecer os principais resultados da investigação identificando temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos a pesquisas futuras.

Foram pesquisadas as seguintes categorias: aprendizagem emocional, prática pedagógica, educação e educação física.

Sendo assim foi realizada uma busca na base de dados de dissertações, teses e artigos da CAPES; UNICAMP, UFSC, UNIPLAC. Os bancos de dados foram escolhidos por serem referências na produção científica.

Delimitamos o período de 2000 a 2011 como período a ser pesquisado, tendo como referência o início do sec. XXI. As categorias pesquisadas foram: aprendizagem emocional, educação, prática pedagógica, educação física.

Na base de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (teses e dissertações), utilizamos as combinações aprendizagem emocional/ educação, prática pedagógica/educação física foram encontrados 05 dissertações de mestrado. A partir destas leituras realizamos amplas reflexões sobre o objeto desta pesquisa.

Na primeira dissertação, de Santos (2005) intitulado como: Ludicidade e educação emocional na escola: limites e possibilidades, apresentado a Universidade Federal da Bahia. Essa pesquisa apresenta como objetivo investigar as atividades lúdicas como recurso de prática educativa, que tenha presente o desenvolvimento emocional do estudante, como também compreender as possibilidades e limites de se trabalhar as emoções no contexto escolar, mediadas por atividades lúdicas. A preocupação em realizar essa pesquisa, segundo o autor constituiu-se nas constantes queixas dos professores com relação ao que chamam de “comportamento inadequado” de seus educandos, tais como: agredir física e moralmente os colegas, funcionários e professores, humilhar, coagir, xingar, não prestar atenção à aula e, sobretudo, apresentar dificuldades na aprendizagem. Essa tese nos chamou a atenção por considerar que tais “comportamentos inadequados” estão presentes na prática pedagógica da pesquisadora.

A segunda dissertação de Rego (2007) denominada de Inteligência emocional e educação: as emoções reencantando o ensinar-aprender, apresentada a Fundação Visconde de Cairu -. Esta pesquisa relaciona o papel da educação emocional nas aprendizagens e nos relacionamentos humanos, dentro e fora da escola, exige que se deva "educar" as emoções para que as pessoas tornem-se aptas a lidar com frustrações, a reconhecer suas angústias e medos e a negociar e fazer concessões. Esta dissertação teve como propósito refletir a cerca da dimensão emocional no contexto educacional. Esta pesquisa nos interessa por tratar da aprendizagem emocional como proposta de auxiliar as crianças nos relacionamento com o outro e que os mesmos estejam aptos a lidar com as frustrações.

Na terceira dissertação de Pereira (2005) denominada como: A saúde emocional do educador: saberes necessários aos trabalhadores da educação, apresentado á Universidade Federal de Uberlândia- MG. A pesquisa aborda a saúde emocional dos educadores. A partir deste trabalho a pesquisadora percebeu que o investimento na saúde emocional dos educadores é uma estratégia de ação necessária nos nossos tempos, que permitirá aos próprios profissionais da educação, encontrar saídas para os entraves do dia-a-dia. Sabemos que a saúde emocional do educador não é o eixo principal dessa pesquisa, porém estará permeando algumas das discussões sobre a importância de desenvolver a aprendizagem emocional para a saúde dos educandos.

Com relação a quarta dissertação de Coquemala (2008) intitulada como: Contribuições da educação física na formação humana: práticas pedagógicas no ensino fundamental. Esta pesquisa discute o papel da Educação Física na formação humana. Aponta que a partir da sua trajetória escolar e formativa como profissional da área levou a pesquisadora a questionar a importância da Educação Física escolar na formação de crianças e jovens. O objetivo geral desta pesquisa foi discutir as práticas pedagógicas em Educação Física e sua contribuição na formação. As discussões realizadas nesta pesquisa sobre a formação humana estão presentes no centro desta investigação.

A quinta dissertação apresentada a Universidade Federal de Santa Catarina de Erbs (2007) denominada de: As relações afetivas nas aulas de Educação Física escolar: espaço de encontros e reencontros. Este trabalho teve como objetivo refletir sobre a prática pedagógica da Educação Física escolar, tendo como eixo-orientador o movimento humano e as relações emocionais-afetivas entre professores e alunos. Esta pesquisa reflete as relações que a nossa investigação trás como reflexões a serem feitas pelos professores de Educação Física.

Com relação a base de dados da UNICAMP – Universidade federal de Campinas- SP, encontramos 03 pesquisas que consideramos relevantes para a nossa investigação:

Na primeira pesquisa intitulada de Inteligência emocional e liderança no esporte de Silva (2001) a mesma apresenta o esporte, como um fenômeno que desperta em nós muitas emoções. Quando estamos assistindo a um jogo podemos exaltar nossos sentimentos de alegria, raiva, frustração, sem que esse ato prejudique o nosso desempenho de meros espectadores. Mesmo que a nossa investigação não seja direcionada ao esporte de rendimento essa pesquisa trará reflexões acerca das emoções que podem ocorrer quando somos expectadores.

Na segunda pesquisa, uma tese de doutorado intitulada como: As emoções na educação física escolar de Hiram (2002).No presente estudo, buscou compreender como ocorrem as manifestações das emoções de crianças de terceira série do ensino fundamental em aulas de Educação Física. Entendemos que as emoções constituem-se em um aspecto importante no desenvolvimento do indivíduo e temos presenciado a negligência com que esse vem sendo tratado no âmbito educacional. Autores como Antônio Damásio (1996 e 2000), Howard Gardner (2000), Joseph LeDoux (1998) têm colaborado com pesquisas que mostram a

influência dos aspectos mental e cerebral nas emoções do ser humano, procurando romper com a dicotomia existente entre razão e emoção. As manifestações das emoções são particulares a cada indivíduo e não há a possibilidade de analisá-las do ponto de vista factual, como causa e efeito, buscando medir sua intensidade ou explicando-as, e sim entendê-las como experiência vivida por um grupo determinado, ou seja, como experiência situada em um contexto vivido. Esta pesquisa é pertinente ao objeto da nossa investigação, pois, a mesma trás os questionamentos sobre a dicotomia entre a razão e a emoção.

A terceira dissertação diz respeito às manifestações da emoção vivida no processo de aprendizagem da educação física escolar: totalidade ininterrupta de troca e construção de experiências humanas de Antunes (1993). O presente estudo teve por objetivo a compreensão do modo como se relacionam professores e alunos diante das suas manifestações em situações emocionais que ocorrem no processo de aprendizagem, nas aulas de Educação Física Escolar. Para nossa pesquisa essa dissertação é relevante, por abordar a relação entre o professor e o aluno.

Com relação à base de dados da UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina encontramos relevância nas seguintes pesquisas;

A primeira tese que nos chamou a atenção foi a de Berger (2001) denominada de: As emoções na comunicação professor-aluno : um caminho para o resgate do prazer no ensino superior. A comunicação humana é um processo complexo. Transmitir uma mensagem para outra pessoa e levá-la a agir coerentemente com esta mensagem, parece algo muito simples, mas é um processo que pode ser influenciado em vários momentos e por diversos motivos, visto que nele intervêm habilidades e competências técnicas, sistemas de comunicação, atitudes e emoções dos interlocutores envolvidos.

A segunda dissertação de Filho (2001) A escola do sentir: a aliança entre o racional e o emocional. Esta dissertação convida a educação a abrir-se à percepção de um homem não fragmentado em suas múltiplas capacidades sensíveis e inteligentes, ao mesmo tempo em que enfatiza, na formação do educador, que este seja em si mesmo a prática viva de uma nova teoria lógico-sensível-emotiva integrada. Buscando estabelecer uma dimensão articulada ético-estético e crítico-sociológica como viabilizadora de um educar que promova o desenvolvimento onilateral da personalidade, descobre a sensibilidade empática como um dos pontos

centrais desse processo. Relevante ao nosso objeto de pesquisa por tratar da não fragmentação do homem.

A terceira de Kerkoski (2001) intitulada de Esporte e inteligência emocional. A partir da teoria da inteligência emocional, a percepção de desempenho humano, entre eles o profissional, sofreu grandes alterações. Estudos posteriores buscaram identificar quais as facetas da inteligência emocional que estavam diretamente relacionadas com o mundo do trabalho e como eram desenvolvidas e aprendidas suas aptidões básicas. Nesta busca muito pouco foi estudado em relação à contribuição do esporte para a inteligência emocional e conseqüentemente para as aptidões básicas relacionadas com o mundo do trabalho.

As constatações trazidas no estado da arte demonstram a pouca abordagem sobre o problema central, dessa pesquisa que foi a aprendizagem emocional como desafio da prática pedagógica do professor de Educação Física. Consideramos, portanto a relevância dessa pesquisa.

A seguir apresentamos o primeiro soar do apito com as reflexões referentes as mudanças de paradigmas na educação e na Educação Física.

1º SOAR DO APITO: DO PARADIGMA CARTESIANO AO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NA EDUCAÇÃO.

Pensar na educação implica em um primeiro momento refletir, compreender e discutir sobre as mudanças de paradigmas que caracterizaram a história da humanidade, influenciando a sociedade e modificando a educação.

As mudanças de paradigmas geram turbulências e manifestações de apoio ou repúdio sobre as novas concepções e abordagens sobre a ciência. Nesse momento histórico, a transição de um paradigma para o outro influencia a sociedade, a educação e o ensino oferecido nas universidades. Os paradigmas afetam toda a sociedade e principalmente a educação.

Compreendemos, que “os paradigmas não se sucedem linearmente, mas vão sendo construídos e acabam se interpenetrando, criando novos pressupostos e novas referências que caracterizam diferentes posturas na sociedade”. Porém, percebemos que na educação, a mesma parece estar em uma redoma de vidro e demora a absorver as concepções dos novos paradigmas (BEHRENS, 2011, p.40).

Consideramos que a transição de paradigmas, não ocorre de maneira rápida, segundo Santos (2000), *apud* Arruda (2008, p.12) essa transição pode:

[...] levar até 200 anos e começa a partir de reflexões que fazemos sobre os paradigmas sociais, pois uma transformação profunda nos modos de conhecer está relacionada, de uma maneira ou outra, com uma transformação igualmente profunda nos modos de organizar a sociedade.

Por diversas vezes seguimos a nossa prática com técnicas conservadoras que dificultam a aceitação de um novo paradigma, sendo que o mesmo geralmente anuncia novas descobertas.

Vivemos a inevitabilidade de uma transição paradigmática (da qual tomamos consciência), entre o “paradigma dominante, construído por uma ciência moderna, para um paradigma emergente, identificado por uma concepção de ciência pós-moderna” (ARRUDA, 2008, p. 12).

Portanto, antes de analisar as transições paradigmáticas é importante trazer algumas definições sobre a mesma. Essas definições tornam-se importantes para que ocorra a compreensão ao que se quer problematizar na produção do conhecimento. Weil (1993, p.14-15) organiza o significado do termo paradigma e apresenta:

Em grego, paradigma significa exemplo ou, melhor ainda, modelo ou padrão, e acrescenta Na sua origem o termo foi usado mais especialmente em linguística, para designar em gramática um exemplo-tipo.

A contextualização abordada por Gamboa (2005, p. 308), sobre a definição de paradigmas é entendida como, “paradigma vem do termo grego, *deiknumicujo* sentido é, indicar, mostrar ou demonstrar que unido ao para significa mostrar ou fornecer um modelo”.

Compreendemos, portanto que para esses dois autores o termo paradigma é considerado como uma modelo ou um padrão.

Gamboa (2005, p. 308), nos apresenta a definição de que na linguagem da epistemologia o conceito de paradigma foi introduzido por Kuhn e afirma:

Sendo que este, por sua vez, utilizou o termo paradigma para explicar o processo histórico e não acumulativo das ciências, que avançam mediante as “revoluções científicas” que acontecem quando a “ciência normal” não dá conta de todos os fenômenos descobertos. Surge então a crise, a qual só é solucionada com a formação de uma nova estrutura científica ou a criação de um novo modelo científico que substituiu o anterior.

Segundo Khun, (1995) o paradigma pode constituir-se como crenças, valores e técnicas partilhados pelos membros da comunidade científica. Ao referendar um modelo, a força de um paradigma está constituída no consenso de determinada comunidade científica durante certa época.

Ainda para o mesmo autor acima citado, o paradigma pode ser definido como um modelo de pensar e ser capaz de engendrar determinadas teorias e linhas de pensamentos, oportunizando certa homogeneidade e um modo de o homem ser no mundo.

A grande contribuição de Khun (1995),foi a de demonstrar, para toda comunidade científica, que as nossas verdades, por mais sofisticadas que sejam, são sempre posições, ideais e procedimentos de verificação de conhecimento, compartilhados num contexto historicamente datado numa determinada época.

Corroborando com esse conceito Lima (2006), aponta que tanto a sociedade quanto a educação são influenciadas pelas mudanças de paradigmas, a mesma acompanha a linha histórica da humanidade. Evidenciamos essas mudanças à medida que avançamos nas abordagens dessa discussão. Percebemos que hoje há uma crise que se amplia em função da crescente complexidade e incerteza que dominam a vida contemporânea.

A partir dessa nova visão do mundo, um novo paradigma está se formando, Behrens (2000, p.58), aponta diferentes denominações para esse novo paradigma que surge com essa mudança na sociedade.

No final do século XX, como o advento da Sociedade do Conhecimento, da revolução da informação e da exigência da produção do conhecimento, aparecem outras denominações para o paradigma inovador: Cardoso (1995) e Crema (1995) denominam 'Holístico', Prigogine (1991) e Capra (1996), 'Sistêmico', Moraes (1998), Boaventura Santos (1989) e Pimentel (1994) 'Paradigma Emergente'.

Para essa pesquisa, buscamos nesse primeiro capítulo refletir sobre as mudanças de paradigmas na sociedade, aprender e desvendar a aprendizagem emocional na prática pedagógica do professor de Educação Física pautando-se no "paradigma da complexidade", sendo o mesmo denominado por ASSMANN (1993) MORIN (2003) CAPRA, (2002). Esse termo complexidade vem de *complexus*, que significa segundo Morin (2001, p.38) "o que foi tecido junto".

Nesse contexto concordamos que:

O pensamento complexo deve realizar a rotação da parte para o todo, do todo para a parte, do molecular para o molar, do molar para o molecular, do objeto para o sujeito, do sujeito ao objeto (MORIN, 2003, p.57).

Analisar a prática pedagógica do professor de Educação Física, com a aprendizagem emocional e relacioná-las com a teoria da complexidade é o foco desta pesquisa, pois quando a metodologia de ensino-aprendizagem estiver relacionada "com o paradigma da complexidade, que contempla o diálogo, á problematização do conteúdo, a uma prática reflexiva a qual mostrará aos alunos as redes de conexão que o conhecimento é capaz de proporcionar" (BEHRENS, 2000, p.83).

A partir das contribuições dos autores acima citados para a compreensão do termo paradigma, emerge agora com o intuito da continuidade desta pesquisa realizar reflexões sobre as transições paradigmáticas que ocorreram na história da humanidade e a repercussão da mesma na educação e na Educação Física escolar. Trazemos nesse primeiro soar do apito, o reflexo do paradigma cartesiano e o paradigma da complexidade.

1.1 O REFLEXO DO PARADIGMA CARTESIANO NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Toda a sociedade passa por mudanças que ocorrem continuamente. A sociedade atual é fruto de um longo processo histórico. Refletir sobre as mudanças de paradigmas que ocorreram é significativo, pois assim, compreendemos as implicações que as mesmas tiveram na educação.

Para melhor elucidar essas mudanças, optamos por realizar a trajetória do desenvolvimento das ciências, do pensamento científico e as diferentes visões históricas do conhecimento.

Durante a Pré História, todos os fenômenos da natureza eram atribuídos aos deuses, logo, a verdade era sobrenatural, revelada por inspiração divina, período esse caracterizado por mitos que acabaram refletindo na proposição do conhecimento. Para Vasconcellos (2002), o “*mythos*” é uma forma de conhecimento onde a inspiração se dava pelos deuses, sem preocupação de colocá-los à prova. A humanidade nesta época construiu o primeiro paradigma da ciência, definindo a existência de dois mundos: o real e o sobrenatural explicando a vida social e o mundo psíquico.

Na Grécia antiga, séculos VIII a VI, a.c surgiu a Era da Teoria do Conhecimento Clássico. Nessa concepção, a razão se sobrepõe ao conhecimento puramente religioso e místico, ou seja, à busca de verdade se dá pela razão.

Neste período, o conhecimento científico caracteriza-se pela abordagem racional, discursiva e demonstrativa. O objeto é focalizado a partir da visão de racionalidade. Institui-se com isso uma forma de conhecer o mundo, uma forma aceita como correta e aceitável e que só pode ser válida se puder ser comprovada. As consequências da adoção desta racionalidade focalizam-se no sacrifício do sujeito, na exclusão do subjetivo, na submissão à razão, no expurgo do sensível e na negação do mundo sensível e das percepções. Neste sentido, busca entender a natureza apenas em sua essência, sem olhar as circunstâncias e o contexto (BEHRENS, OLIARI, 2007, p.56).

Percebemos que neste período, acreditava-se que na natureza tudo tinha uma ordem, uma causa e um efeito, onde tudo poderia ser explicado como parte dela, pois a verdade estava contida nela; sendo que a verdade somente se daria pelo uso da razão, sendo assim a ciência se caracterizava por uma abordagem racional. O homem nesta perspectiva desaparece por completo e a razão

sobrepõem-se ao sensível, as percepções, desconsiderando as circunstâncias e o contexto.

No período denominado de Idade Média, surgiu a Teoria do Conhecimento, onde a verdade está em Deus, que é um criador, o sumo bem. Sendo assim, compreendemos que o homem era entendido como criatura deste Deus. A fé é a verdade baseavam-se nas escrituras sagradas. A cultura era centrada no teocentrismo, onde Deus era o centro do universo. Aceitava-se nesse período a razão, mas acima dela estava a fé.

Neste período, ocorreram poucas inovações científicas, pois os cientistas sofriam muita repressão por parte da igreja. A religião era o valor fundamental onde Deus cristão é o centro, nascendo o Teocentrismo (LARA (1991); MORAES (1997) *apud* BEHRENS; OLIARI, 2007, p.57).

Salientamos que a visão Teocêntrica foi substituída pela visão Antropocêntrica durante o período denominado de Renascimento, durante o século XIII ao X.

Neste período, ocorreu a recusa em aceitar como fonte de conhecimento o mito, a razão, a fé. O homem precisava ser liberto. Nessa nova cultura, o homem passa a ser visto como o centro, a visão teocêntrica tende a ser superada pela visão Antropocêntrica.

Percebemos que nesse período com as ideias de dois grandes cientistas, Copérnico e Galileu, iniciou-se uma revolução científica. A maior contribuição destes assentava-se:

[...] na premissa de que o homem e a Terra não eram o centro do Universo e que a Terra era quem girava em volta do Sol. Esta descoberta retira o homem de sua posição orgulhosa de centro absoluto da criação de Deus (BEHRENS; OLIARI, 2007, p.57).

Com o advento da Idade Moderna, século XV ao século XVIII, com a proposta de Descarte, nasceu o período em que o conhecimento passou a ser aceito a partir da certeza absoluta e inquestionável, acabando, portanto, com a visão de que o homem é o centro absoluto do Universo e dá origem a uma abordagem empírica de ciência.

Neste contexto, observamos que a escola adotou práticas pedagógicas centradas na razão, na certeza absoluta e inquestionável ocorrendo segundo Vasconcellos (2002), uma revolução na história do pensamento científico, onde esta racionalidade estava na matemática, na qual a natureza é objetivada e reduzida à

partes mensuráveis e observáveis. Este princípio de racionalidade surgiu com os estudos realizados por Descartes, sendo que o mesmo inaugurou:

O “Racionalismo clássico”, capaz de assegurar uma razão absoluta e de prescrever verdades eternas. Essas pressuposições básicas foram formadoras do pensamento coletivo e constituíram um conjunto de referências que fundamentam, ainda hoje, uma forma de pensar. O paradigma da ciência moderna foi capaz de construir um conhecimento hegemônico e único e, nessa perspectiva tratou de enquadrar como vulgar as outras formas de conhecimento. Esta radicalidade garantiu à clássica a razão absoluta, status construído ao longo do século XVII e do século XVIII em meio a uma mistura de “uma ciência aristotélica” com uma ciência newtoniana (SANTOS, 2000 *apud* ARRUDA, 2004, p.57).

A origem histórica do paradigma cartesiano ocorreu com Galileu Galilei, sendo que o mesmo introduziu a descrição matemática. A partir desse estudo, Descartes (1596- 1650), propôs o “Discurso do Método”, elaborando alguns pressupostos; os mesmos apresentavam-se da seguinte maneira:

Jamais acolher alguma coisa como verdade sem evidência concreta; dividir cada um dos conceitos em tantas partes quanto possível para resolvê-las; partir da ordem dos conceitos mais simples para os mais complexos para conduzir degrau a degrau o conhecimento e buscar em toda a parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que provocasse a certeza de nada omitir. (BEHRENS, 2011, p.18-19).

Compreendemos que para Descartes, toda a verdade deveria ter algo de concreto, e que todos os conceitos deveriam ser divididos em quantas partes fossem possíveis para resolvê-los. Sendo assim, os fenômenos eram reduzidos em partes. O ponto central do pensamento cartesiano estava relacionado com concepções onde:

[...] os fenômenos podem ser analisados e compreendidos se forem reduzidos às partes que os constituem. Ao conhecer uma parte de um sistema, o pesquisador chegará ao conhecimento de seu funcionamento. Assim, separasse o corpo da mente, privilegiando sempre a mente como sendo superior aos aspectos do corpo. O universo material e os seres vivos são reduzidos a visões de uma máquina com funcionamento e engrenagens perfeitas, sendo governados por leis matemáticas exatas (CAPRA, 1982 *apud* BEHRENS, OLIARI, 2007, p.57).

Observamos, portanto, que quando a fragmentação atingiu as ciências em virtude do paradigma cartesiano, conseqüentemente atingiu a educação.

Levando assim para as escolas, a fragmentação do conhecimento em áreas e disciplinas isoladas, supervalorizou a visão racional, separou a mente do corpo e centrou a formação do homem, apenas para a área técnica. Com tais características compreendemos que:

Este paradigma determinou dupla visão do mundo — de fato, o desdobramento do mesmo mundo: de um lado, o mundo de objetos submetidos a observações, experimentações, manipulações; de outro lado, o mundo de sujeitos que se questionam sobre problemas de existência, de comunicação, de consciência, de destino (MORIN 2002, p.27).

Da mesma forma, salientamos que o paradigma tradicional levou a comunidade científica a uma mentalidade reducionista na qual o homem adquiriu uma visão fragmentada não somente da verdade, mas de si mesmo, dos seus valores e sentimentos.

No paradigma cartesiano, a ideia consistia em dividir e estudar a menor parte, partindo destas para o entendimento do todo. Nesse contexto, compreende-se que no período newtoniano cartesiano, o pressuposto básico é a fragmentação do saber e a visão dualista do universo.

Analisamos que nas práticas pedagógicas da Educação Física, as manifestações corporais foram influenciadas pela visão dualista e racional, que se sustentaram na concepção positivista, e acabou fundamentando todo o pensamento moderno, principalmente, a instituição escolar. Este pensamento, que na modernidade assumiu a forma do dualismo cartesiano, separou o sujeito do seu corpo, privilegiando as experiências cognitivas e desconsiderou o corpo como elemento fundamental do processo de produção de conhecimento.

Assim, todas as manifestações ligadas ao corpo e sua expressão por meio do movimento tornaram-se inconvenientes, passando a serem reprimidas, pois “todo movimento é considerado como distração e desvio das funções da mente” (SANTIN, 2001, p.18).

A partir da fragmentação do saber, o ser humano começou a preocupar-se mais com a lógica e a razão, deixando de lado a emoção. O paradigma cartesiano-newtoniano, orienta o saber e a ação através da razão, levando o homem a separar o racional do emocional. Esse paradigma levou a Educação a um pensamento racional, fragmentado e reducionista, separando, por exemplo, mente e corpo, e razão e emoção.

O conhecimento foi dividido em áreas, as áreas em cursos e os cursos em disciplinas, sendo o currículo linear e reducionista, apresentando-se:

[...] divididos em diversas matérias, o professor assume a função de transmitir o conhecimento e considera-se como “dono do saber”. O ensino focaliza mais o resultado ou o produto e com esta visão o aluno é recompensado por seguir com fidedignidade o modelo. O aluno acaba sendo premiado por seguir as regras impostas pelo professor e pela “boa conduta”. Ao mesmo tempo, ao desobedecer às regras, é reprimido e punido pelos “erros” e, em alguns casos, com esta visão austera, o docente chega a torturar o aluno de maneira física ou psicológica (BEHRENS, OLIARI, 2007, p 60).

Essa fragmentação do saber dificultou a possibilidade de aprender e ser e aprender a conviver, afastando assim a educação da sensibilidade, do respeito à pessoa, da natureza e da visão solidária.

A Educação Física escolar como disciplina, muitas vezes apresentava-se pautada em ensinar aos alunos regras, e técnicas, esquecendo-se de ensinar condição humana ao aluno, sendo o mesmo um mero espectador ou reproduzidor de movimentos técnicos.

A visão fragmentada levou os professores e os alunos, a processos que restringem apenas à reprodução do conhecimento. Impossibilitando aos alunos muitas vezes criar, questionar, e inovar.

As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução, na cópia e na imitação. Nesse sentido, os alunos permanecem organizados em carteiras, divididos por filas, de preferência em silêncio, sem questionar, sem expressar seu pensamento, aceitando com passividade o autoritarismo e a impossibilidade de divergir.

Em geral, sobre as escolhas metodológicas dos professores, notamos pouca mudança em relação ao paradigma cartesiano, mesmo na contemporaneidade. Isto porque,

Embora quase todos percebam que o mundo ao redor está se transformando de forma contínua apresentando resultados cada vez mais preocupantes em todo o mundo e a grande maioria dos professores continuam privilegiando a velha maneira como foram ensinados, reforçando o velho ensino, afastando o aprendiz do processo de construção do conhecimento que produz seres incompetentes, incapaz de criar, pensar, construir e reconstruir o conhecimento (MORAES, 1997, p.16).

A fragmentação do ensino vai se acentuando à medida que o aluno atingiu os níveis superiores à educação também propõe uma ruptura entre o ensinar e o

formar, sendo assim, o intelecto é confiado às escolas; os valores e sentimento são reservados à família. A escola restringe-se apenas em transmitir os conhecimentos intelectuais e produtivos.

Com relação ao perfil do professor, nesse paradigma tradicional, notamos que o mesmo tende a ser severo rigoroso e quase não expressar seu lado emocional, muito menos reconhecer nos alunos as suas emoções. O professor com essa concepção geralmente “procura discipliná-los na sala de aula em nome da obediência, da organização e do silêncio”, limita-se a apenas repassar o conteúdo. (BEHRENS, 2000, p.44)

A demonstração de afetividade nessa concepção poderia ser caracterizada como falta de autoridade. Quando agimos com nossos alunos de maneira afetiva e carinhosa existe a possibilidade de torna-los seres humanos mais solidários.

Muitas vezes, o professor criava um ambiente semelhante ao que fora escolarizado, sem reconhecer seus próprios sentimentos, considerava que ao manifestar suas emoções, o mesmo demonstrava fraqueza de caráter ou insegurança. Trazemos como exemplo a questão do choro, sempre nos foi negado chorar, que isso era coisa de gente fraca, como diz o ditado: homem não chora.

A escola tradicional deixava as emoções como sendo uma segunda categoria ou algo sem importância. O ser humano, portanto passou a usar mais a razão do que a emoção para organizar sua vida. E com isso, fez calar a intuição, a sensibilidade e solidariedade, o viver e compreender o outro, um ser humano voltado mais para si, um ser individualista. Libâneo (1998, p.16) esclarece que:

No campo ético, também ocorreram mudanças preocupantes. A padronização de hábitos e costumes e de gostos vai levando a uma vida moral também descartável. O individualismo e o egoísmo estão se acentuando. Valem mais os interesses pragmáticos e imediatos dos indivíduos do que os princípios, valores, atitudes, voltado para a vida coletiva, para a solidariedade, para o respeito à vida.

Porém concluímos que o paradigma tradicional trouxe consigo algumas vantagens e desvantagens. Dentre as vantagens citamos o desenvolvimento científico- tecnológicos, que possibilitou saltos evolutivos na história das civilizações.

Neste contexto, o paradigma tradicional consentiu a democratização do conhecimento utilizando-se de técnicas que foram eficazes para construir novos

conhecimentos. Apresentou também uma investigação aberta, onde o pensamento dotado de clareza proporcionou a legitimação científica e pública do conhecimento.

Trazemos como desvantagem um período de perda no processo de humanização, onde os alunos e os professores passaram a ser vistos como máquinas, ou seja, neste processo, perdeu-se a sensibilidade, amor, sentimentos e valores, valorizando, portanto a competitividade e o individualismo.

Para continuar nossas discussões apresentamos na sequência reflexões acerca do paradigma da complexidade como proposta para uma educação na era planetária.

1.2. PARADIGMA DA COMPLEXIDADE: PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO NA ERA PLANETÁRIA.

A educação pautou-se por muitos séculos, no paradigma tradicional, caracterizando-se por fragmentar o conhecimento, focalizando apenas a formação do intelecto, onde o professor tinha a autoridade máxima e era o único detentor do saber. Durante a sua prática pedagógica buscava dividir o conhecimento em pequenas partes para dominar todas, o que começa a ser questionada no início do século XXI.

Percebemos que o paradigma newtoniano- cartesiano começa a perder forças a partir dos estudos da ciência que passou a propor um sistema de evolução, sendo o motivo desse rompimento;

[...] aconteceu, inicialmente, com os estudos de Lamarck, no limiar do século XIX, apregoando que os seres vivos teriam evoluído a partir de formas mais primitivas e mais simples sobre a influência do meio ambiente, corroborando com essa ideia, surge também a teoria evolucionista de Darwin. Estas descobertas associadas à teoria da relatividade de Einstein, e a teoria quântica de Max Planck provocaram grande impacto na ciência (BEHRENS, 2011, p. 29).

O paradigma cartesiano- newtoniano não se caracterizou como um erro histórico, mas como trajetória para um processo evolutivo do ser humano. Alicerçou assim a verdade científica do século XX, possibilitando a especialização e conduzindo as conquistas científicas e tecnológicas.

Consideramos que os resultados do impacto da ciência cartesiana fez com que o mundo passasse a perceber a necessidade da produção do conhecimento concebido em termos de conexão, inter-relações, teia, movimentos, fluxo de energia, ou seja, compreendido a partir de constantes processos de mudanças e transformações, numa visão global, sistêmica e transdisciplinar², redimensionando a prática pedagógica de maneira que:

A organização do conhecimento em disciplinas seria útil se as disciplinas não estivessem fechadas em si mesmas, compartimentadas umas em relação às outras [...].O princípio de separação torna-nos talvez mais lúcidos sobre uma pequena parte separada do seu contexto, mas torna cegos, ou míopes sobre a relação entre a parte e o seu contexto (MORIN, 1996, p. 8).

Essa nova ótica desenvolvida no sistema educacional reaproxima as disciplinas superando o sistema newtoniano-cartesiano. No século XX, a ciência percebeu por meio das reflexões da biologia organísmica³, e principalmente com as descobertas da física quântica, o desgaste do mecanicismo proposto pelo modelo newtoniano-cartesiano. Capra (1996, p. 41), neste contexto faz a seguinte crítica:

Desde Newton os físicos têm acreditado que todos os fenômenos físicos podiam ser reduzidos às propriedades de partículas, matérias rígidas e sólidas. No entanto, na década de 20, a teoria quântica forçou-os a aceitar o fato de que os objetos materiais sólidos da física clássica se dissolvem, no nível subatômico, em padrões de probabilidade semelhantes a ondas. Além disso, esses padrões não representam probabilidades de coisas, mas sim probabilidades de interconexões. As partículas subatômicas não tem significado, enquanto entidades isoladas, mas podem ser entendidas somente como interconexões, ou correlações, entre vários processos de observação e medida.

Morin (2002, p. 47), nos apresenta a seguinte contribuição para essa transformação de paradigma afirmando que:

[...] O fluxo de conhecimentos, no final do século XX, traz nova luz sobre a situação do ser humano no universo. Os progressos concomitantes da cosmologia, das ciências da Terra, da ecologia, da biologia, da pré-história, nos anos 60-70, modificaram as idéias sobre o Universo, a Terra, a Vida e sobre o próprio Homem.

Com esse processo de transformação paradigmática por meio da física quântica várias vertentes da ciência entram em choque com o paradigma vigente. É

² A abordagem transdisciplinar permite uma visão geral, unificadora e globalizante, sem jamais esgotar inteiramente a realidade (ARRUDA, 2008, p.27).

³ Vertente da biologia que interpreta o organismo ou os fenômenos como totalidades indissociáveis com funcionamento não reduzido a movimentos mecanicamente explicáveis.

nesse contexto que um novo paradigma científico foi formulado. Citamos por exemplo o surgimento do paradigma emergente ou da complexidade.

Segundo Oliari (2007), o foco principal do paradigma emergente ou da complexidade, consiste na visão do ser complexo e integral, sendo que a proposta desta nova visão depende do avanço do paradigma da ciência que impulsiona a revisão do conhecimento fragmentado.

Busca-se, portanto com este paradigma a integração do todo. Com relação ao objeto desta pesquisa que é a prática pedagógica do professor de Educação Física o mesmo pode contemplar durante suas aulas a formação integral do ser humano, pois o mundo em que estamos inseridos é repleto de dúvidas, contradições e conflitos, ou seja, um mundo complexo.

A complexidade nós leva a abandonar o posicionamento estanque e reducionista de estar e conviver no mundo. Assim, ao aceitar e vivenciar as mudanças paradigmáticas, podemos transformar nossa maneira de pensar, de agir e de nos relacionarmos com o outro.

Sendo assim, o processo de transformação nessa passagem paradigmática tem influenciado, de maneira significativa, os profissionais de todas às áreas do conhecimento. Porém analisamos que o desafio do professor é estar sempre atento as mudanças, buscando um pensamento sistêmico, onde todos os alunos possam ser beneficiados.

No final do século XX, com o advento da Sociedade do Conhecimento, da revolução da informação e da exigência da produção do conhecimento, emerge o paradigma da complexidade na ciência, onde o mesmo apresenta que o pressuposto da complexidade;

[...] busca a contextualização dos fenômenos e reconhece as causas recursivas, em especial, apresentadas pela impossibilidade de explicação dos fenômenos pelo pressuposto da simplificação. Na contextualização, amplia-se o foco dos elementos para as relações que ocorrem entre eles, sendo que nenhum dos dois desaparece, pois ambos são importantes. Percebem-se redes de interconexões, nas quais o pesquisador distingue o objeto de seu contexto, sem perder de vista sua inserção, sem isolá-lo. Passa-se do pensamento disjuntivo para o integrador, com visão de totalidade e de interconexão (BEHRENS, OLIARI, 2007, p.63).

Com esse novo paradigma ocorre o desafio na educação de buscar a superação da reprodução para a produção do conhecimento e a visão de totalidade e não de separação.

Para Morin (2003, p.35), articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo é necessário uma “reforma do pensamento”. Este autor nos orienta à necessidade de um pensamento:

[...] que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes; que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma das suas dimensões; que reconheça e trate as realidades, que são concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo o regula); que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade (MORIN, 2001, p.88).

É preciso substituir o pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo complexus: o que é tecido junto.

Para que isso ocorra, o sistema educacional necessita privilegiar a não separação das disciplinas e realizar a ligação entre as áreas. Quando o professor de Educação Física prioriza em sua prática pedagógica escolar somente o conhecimento das regras dos esportes, por exemplo, o mesmo está seguindo a tendência de não fazer a ligação da Educação Física com outras disciplinas, ocorrendo assim o isolamento da mesma.

A partir dessa reforma começa a emergir um novo paradigma. A educação buscando esse paradigma reconhece o ser humano em sua totalidade, “que é ao mesmo tempo, biológico, psíquico, social, afetivo e racional” (MORIN 2003, p.38), ou seja, um resgate pleno do ser humano. Sendo assim;

Na Educação, o resgate pleno do ser humano, numa visão paradigmática da complexidade, implica na expressão de novas formas de solidariedade e cooperação nas relações humanas. Para tanto, precisa contemplar uma proposta pedagógica que reconheça a diversidade de fenômenos da natureza e o ser humano como um indivíduo com multidimensionalidades, ou seja, dotado de múltiplas inteligências e com diferentes estilos de aprendizagens. Nesse sentido, a formação docente precisa reconhecer o processo de aprendizagem complexa, envolvendo no ensino os aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, estéticos, culturais, sociais e espirituais, entre outros. (BEHRENS, OLIARI, 2007, p.64).

Com a mudança de paradigmas na educação no ano de 1996 a pedido da UNESCO, Delors *et al* (2003), propôs por meio de um relatório intitulado: Educação, um tesouro a descobrir princípios para a educação do século XXI. A declaração que tem como foco principal a formação do ser humano ao longo da vida recomenda também ampliar as aprendizagens na escola apontando quatro pilares:

Aprender a conhecer isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes (DELORS *et al.*, 2003, p.90).

Com o objetivo de aprofundar a visão transdisciplinar da educação, a UNESCO, solicitou a Edgar Morin que o mesmo expusesse suas ideias sobre a educação do amanhã. Aceitando o desafio, aponta os sete saberes necessários à educação do futuro.

Porém para nossa pesquisa apresentamos dois saberes, os quais consideramos necessários para a reflexão acerca do nosso objeto de pesquisa, sendo eles: Ensinar a condição humana e ensinar a compreensão.

Ensinar a condição humana, diz respeito a interrogar a nossa condição humana e a nossa posição no mundo, Morin (2002, p.47), nos diz que é possível com base nas disciplinas atuais, reconhecer a unidade e a complexidade humana". Mas para que isso ocorra na educação do futuro o ensino deverá:

[...] ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.

Para a educação do futuro emerge a necessidade de promover a ligação entre os conhecimentos advindos das ciências naturais e humana, a fim de situar a condição humana no mundo e colocar em evidencia a multidimensionalidade e a complexidade humana.

Morin (2002), também nos indica como um dos sete saberes o ensinar a compreensão, onde a mesmo é um só tempo, meio e fim da comunicação humana. A ética do gênero humano a educação conduz á "autropo - ética", levando em conta o caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo indivíduo/sociedade/ espécie. Para que ocorra essa ética de caráter ternário é importante que os seres humanos adquiram a compreensão.

Com o advento da comunicação, o planeta parece estar cada vez mais conectados; a tecnologia, nos faz estar próximos uns dos outros; porém esse estar próximo, as vezes não significa compreender o outro.

Conversamos com pessoas que muitas vezes estão em outro país ou em outro hemisfério, mas ainda assim notamos que a incompreensão entre as mesmas parece ser ainda maior.

Durante minha prática pedagógica, percebo que na convivência diária entre os alunos e até mesmo entre os professores ocorrem dificuldades em compreender o outro, aceitar as diferenças, respeitar as ideias diferentes. Preferimos por muitas vezes condenar ao que compreender. “Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas” (Morin, 2002 p. 100).

A partir destas reflexões concordamos que a compreensão se faz necessária para a educação do futuro. Nesse contexto Morin (2002, p. 93), nos apresenta a seguinte crítica:

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

O mundo necessita da compreensão mútua entre os seres humano. Na educação independente do nível educativo ou da idade a mesma torna-se importante para a convivência.

Sendo assim, esses saberes necessários à educação para o futuro abrangem toda a sociedade e todos os tipos de cultura, sem exclusividade nem rejeição, tratam o ser humano em sua totalidade, pois:

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. Assim como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo (MORIN, 2003, p.67).

Com esse novo paradigma nós professores de Educação Física, procuremos durante nossa prática pedagógica reconhecer a importância de trabalhar com todos os aspectos do ser humano, atendendo a essa nova sociedade, onde os valores

humanos que tenham sido corroídos pela cultura moderna, como a harmonia, cooperação, paz, compreensão e amor passam ser resgatados.

A Educação Física na escola pode proporcionar aos alunos a convivência, o respeito ao outro, o aprender a lidar com as emoções que podem ocorrer durante as atividades corporais, ou em alguma atividade lúdica.

Nós professores de Educação Física, diante desse outro desafio da educação, necessitamos auxiliar nosso aluno no que diz respeito a aspectos emocionais.

Salientamos que com o passar do tempo o perfil do professor de Educação Física vem modificando. Essas mudanças que foram acontecendo, apresentam-se de uma maneira significativa. Salientamos que este profissional já conseguiu “superar a figura do professor sargento/aluno recruta, professor médico/ aluno paciente e também professor técnico/ aluno atleta”. A Educação Física escolar quando atrelada ao processo educacional pode tornar-se uma disciplina essencial para o desenvolvimento integral do ser humano. (SOLER, 2006, p.35).

Ainda para o mesmo autor, acima citado, hoje o professor de Educação Física é o mediador entre o aluno, o processo de conhecimento, atuando como orientador facilitador da aprendizagem, integrando, aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais.

Com essa outra proposta da prática pedagógica na Educação Física escolar e as mudanças de paradigmas que foram ocorrendo na educação emerge a necessidade de investigar junto aos professores de Educação Física do município de Curitiba- SC, como os mesmos auxiliam seus alunos na aprendizagem emocional. Sendo assim, o próximo capítulo abordará o percurso metodológico dessa pesquisa, ou seja, quais foram os caminhos percorridos para a sua realização.

2ºSOAR DO APITO: PERCURSO DA PESQUISA.

A finalidade deste capítulo é apresentar o percurso metodológico que foi utilizado para realizar a pesquisa, sendo que a mesma tem como objetivo pesquisar a prática pedagógica dos professores de Educação Física inseridos e atuantes nas escolas. Porém, em um primeiro momento consideramos necessário discutir o que é pesquisa. Demo (1990, p.16) afirma que:

Pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como *princípio educativo* que é na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é, sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude da pesquisa é parte intrínseca.

Para realizar uma pesquisa segundo Lüdke e André (1986), é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado. Há necessidade de determinação, de diálogos constantes com teóricos, relacionando-os a uma prática contínua e reflexiva. É nessa relação constante entre teoria e prática, que procuramos nos aproximar da realidade.

A pesquisa prática – que nunca pode ser bem feita sem teoria, método e empiria – é modo salutar de produção do conhecimento, que possui ainda a vantagem de puxar para o cotidiano a ciência[...] Pesquisa prática não significa apenas a noção de aplicabilidade concreta, porque seria irônica uma teoria não aplicável, mas, sobretudo a prática comoparte intrigante do processo científico como tal. [...]Pesquisa prática quer dizer “olhos abertos” para a realidade, tomando-a como mestra de nossas concepções. Quem é inteligente sempre aprende, porque está em atitude de pesquisa (DEMO, 1990, p.28).

A pesquisa coincide com a vontade de viver, de estar no mundo, de sobreviver, de mudar, de transformar o meio em que estamos inseridos, ou seja, reconstruir a realidade, demonstrando que não se perdeu o senso pela alternativa, que a esperança é sempre maior que qualquer fracasso, porém, o que a pesquisa precisa é ajudar a compreender que é sempre possível reiniciar, inovar (*ibid.*, p.40).

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para essa atividade, o investigador recorre a observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta e a experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados a sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado a sua vida (CHIZZOTI,2001, p.11).

Minayo,(1994, p. 17-18), aponta que “a pesquisa é uma atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”, afirma que, a pesquisa alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo, vinculando o pensamento e a ação, e os problemas que surgem, emergem da vida prática.

Essa pesquisa surgiu da vida prática da pesquisadora, que como professora de Educação Física, percebia durante as aulas muitos conflitos, brigas, agressões físicas e verbais, devido as suas aulas serem voltadas principalmente para a competição. Sendo assim, tornou-se necessário buscar na teoria algo que pudesse vir ao encontro dessas angústias e refletir sobre as práticas pedagógicas, pois:

Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novas referências (*ibid.*, p.18).

A pesquisa definida por Demo (1999, p.128), “é vista como um diálogo com a realidade, sendo este crítico e criativo, o que vai culminar com a elaboração da própria e na sua capacidade de intervenção”, ou seja, a pesquisa é a atitude de aprender a aprender, e como tal faz parte de um processo educativo e emancipatório.

A construção do conhecimento em educação realizada por meio da pesquisa científica é um processo instigante e desafiador. A pesquisa na educação se faz importante porque produz novos conhecimentos e pode nos auxiliar a reduzir as práticas que privilegiam apenas a transmissão dos conteúdos.

A sala de aula, lugar em si privilegiado para processos emancipatório, através da formação educativa, torna-se prisão da criatividade cerceada, á medida que se instala um ambiente meramente transmissivo e imitativo de informações de segunda mão. Na frente está quem ensina de autoridade incontestável, imune a qualquer avaliação; na plateia cativa estão os alunos, cuja função é ouvir, copiar e reproduzir, na mais tocada fidelidade. “Bom aluno” é o discípulo que engole sem digerir o que o professor despeja sobre ele, á imagem e semelhança (DEMO, 1990, p.83).

As pesquisas em educação no Brasil têm crescido muito nos últimos 20 anos. Um dos fatores desse crescimento diz respeito à expansão da pós-graduação. Porém, ocorrem mudanças nas temáticas e problemáticas, seja nos referencias teóricos, nas abordagens metodológicas e nos contextos de produções de trabalhos científicos. Na década de 60-70, as análises centravam-se nas variáveis de contexto

e nos seus impactos sobre o produto. Nos anos 80, a preocupação com o cotidiano escolar, a interação sociais na escola (ANDRÉ, 2001).

Gamboa (2005), aponta que quando realizamos uma investigação científica educativa, a mesma nos remete à ideia de lugar enquanto sujeitos desta investigação. Não se trata de estar perto ou longe, mas de estar “dentro” do nosso objeto de investigação, ou seja, a noção de que “o sujeito se reintroduz de forma autocrítica e auto-reflexivo em seu conhecimento dos objetos. Aplicar o conhecimento implica em um processo metacognitivo. Se somos passivos intelectualmente não podemos ser livres moralmente. O conhecimento fragmentado, induz à uma prática fragmentada.

Após as reflexões trazidas sobre a relevância da pesquisa científica, e essa ser pautada na educação relatamos os elementos metodológicos que fizeram parte dessa pesquisa.

Por metodologia, entendemos ser o caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade. A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Compreendemos, portanto que:

A metodologia empregada partirá da investigação dialética da realidade social, isto é, do ponto de vista da totalidade concreta na qual cada fenômeno pode ser compreendido como um momento do todo. (Minayo, 1994,p.16).

Ao iniciar a pesquisa foi realizada uma busca de bibliografias sobre tema, Minayo (1994, p.31) a descreve com sendo “uma fase exploratória.” A mesma abrange as bibliografias já tornadas públicas em relação ao tema de estudo. Consiste em livros, revistas, monografias, teses, matérias cartográficos, pesquisas entre outros.

Para essa pesquisa, buscou-se as referências bibliográficas relacionadas à mudanças de paradigmas na educação, aprendizagem emocional, e Educação Física Escolar. Nessa perspectiva, essa pesquisa baseia-se em uma abordagem metodológicas qualitativa, pois:

Os métodos qualitativos procuram explicar o porquê das coisas, inferindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos, subjetivos e se valem de diferentes abordagens (DIEZ HORN, 2011, p. 22).

A abordagem qualitativa em pesquisas tem como objetivo o aprofundamento e a compreensão do seu objeto. Para Minayo (1994, p.21), “a mesma responde à questões muito particulares”.

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Sendo que esse tipo de pesquisa trabalha com o universo de significado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis, sendo assim:

No que se refere às pesquisas qualitativas é indispensável ter presente que, muito mais do que descrever um objeto, buscam conhecer trajetória de vida, experiências sociais do sujeito o que exige uma grande disponibilidade do pesquisador e um real interesse em vivenciar a experiência da pesquisa (MARTINELLI, 1999 p. 25).

2.1 Sujeitos e *Lócus* da pesquisa.

Os sujeitos de interesse dessa pesquisa foram dez professores de Educação Física que lecionam no município de Curitiba - Santa Catarina. A escolha desses professores ocorreu, pela disponibilidade dos mesmos em querer participar da pesquisa. A pesquisadora entrou em contato com os mesmos marcando horário, dia e local para realizar a entrevista. Sendo que o critério utilizado foi a aceitação voluntária e acessibilidade.

Os professores entrevistados lecionam nas seguintes escolas: três professores da Escola de Educação Básica Casimiro de Abreu, um professor da Escola Estadual Básica Santa Teresinha, dois professores da Escola Educação Básica Sólton Rosa, um professor da Escola Educação Básica Deputado Altir Webber de Mello, dois professores do Colégio Maria Imaculada, e um professor da Escola de Educação Básica Getulio Vargas.

Consideramos que dez participantes é um número expressivo para essa pesquisa. É importante ressaltar que, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1996 determina a obrigatoriedade de duas aulas de Educação Física na grade curricular do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Logo um mesmo professor pode atuar em várias turmas ou até mesmo em várias escolas, conhecendo e vivenciando realidades diferentes.

Sendo assim destacamos as escolas onde os professores pesquisados estão inseridos atualmente. Trazemos para essa pesquisa a descrição dessas escolas, tendo como fonte as descrições do Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada escola.

- Escola de Educação Básica Casimiro de Abreu.

O Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Básica Casimiro de Abreu foi organizado em consonância com as Resoluções Nº 405/2004, 158/2008 e 107/99, estabelecido pelo Conselho Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina e, vem sendo edificado no seu dia-a-dia, estabelecendo o compromisso da Escola com a população, com vistas à formação integral do cidadão, garantindo a eles os direitos preconizados pela Constituição Federativa do Brasil, artigos 205 a 214, Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 170/98 – Lei do Sistema de Educação no Estado de Santa Catarina e o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

A Escola de Educação Básica Casimiro de Abreu tem por objetivo atender aos princípios estabelecidos pelo Decreto SE nº 1057, Lei nº 5692/71, Lei 7044/82, Lei 9394/96, Lei nº 170/98 e Parecer do Conselho Estadual de Educação nº 66/85, que autorizou o funcionamento do Ensino Médio nesta escola.

Prioriza a educação de jovens e adolescentes em dois níveis de Ensino:

- Ensino Fundamental – 7ª a 8ª séries
- Ensino Médio – 1ª a 3ª séries.
- EMIEP - Técnico em Informática – 1ª a 4ª série
- Pós-Médio – Técnico em Enfermagem.

São 08 turmas de Ensino Fundamental e 28 turmas de Ensino Médio. 01 turma do EMIEP – Técnico em Manutenção e Suporte em Informática e 03 turmas do Técnico em Enfermagem.

A Escola de Educação Básica Casimiro de Abreu está localizada à Rua Luis Dacol, nº 93, bem no centro da cidade de Curitiba. Atende a uma clientela bem diversificada de alunos, oriundos de todos os bairros de nossa cidade e localidades da região.

Estatisticamente, pode-se distribuir as condições econômicas do seguinte modo:

- 20% das famílias com renda maior que 05 salários mínimos;
- 50% das famílias com renda entre 03 e 05 salários mínimos;
- 30% das famílias com renda inferior a 03 salários mínimos, sendo que nestes enquadram as famílias subempregadas e desempregadas.

A comunidade estudantil é bem heterogênea tanto em nível econômico, como cultural. São filhos de famílias trabalhadoras que pertencem à classe média e médio-baixa, com renda igual ou inferior a três salários mínimos.

A pesquisadora estudou nessa escola, durante o ensino médio.

- Escola de Educação Básica Santa Teresinha.

A Escola de Educação Básica Santa Teresinha, com sede, à Avenida Frei Rogério, 96, Bairro Centro, CEP 89520-000, Município de Curitiba, Estado de Santa Catarina, pertencente a 11ª Regional, da Secretaria do Estado de Educação, é mantida pelo Governo Estadual, sob o código 42035309.

A EEB Santa Teresinha, é uma escola estadual, mas o prédio pertence a Congregação Sagrada Família, que é responsável pela manutenção do espaço físico. Conta com 1535 alunos, é bem estruturada fisicamente, com boa conservação, porém ainda, pelo grande número de alunos, falta espaço para salas ambiente. Os recursos financeiros são provenientes do PDDE e outros recursos do governo estadual na forma de materiais.

A escola, atende uma clientela diversificada, com alunos advindos de vários bairros da cidade. A EEB Santa Teresinha, há 77 anos está a serviço da Educação Curitibanense. A pesquisadora estudou nessa escola da pré- escola até a 8º série.

- Escola de Educação Básica Sólon Rosa.

A criação do grupo escolar Sólon Rosa, ocorreu por meio do decreto nº. 9282/70, de 7 de julho de 1970 da SEE. Localizado na Rua Cornélio de Haro Varela, S/N, Bairro Nossa Senhora Aparecida, endereço no qual se localiza hoje a 11ª GERED- Gerência Regional de Educação de Curitiba, SC. PORTARIA Nº 014/77/SEE. Aprova as normas para autorização e funcionamento de estabelecimento de Educação Pré- Escolar no estado de Santa Catarina; PORTARIA 162/83 de 30 de maio de 1983. Grupo escolar Sólon Rosa, com

aprovação do Conselho estadual passa a chamar-se Escola Básica Sólon Rosa; PORTARIA de 20 de junho de 1983, Diário Oficial de 30 de junho de 1983., resolve autorizar o funcionamento do ensino fundamental de 5º a 8º série do ensino de 1º grau, a partir de 1984, na Escola Básica Sólon Rosa. Portaria de 27 de janeiro de 1998 E/021/SED Autoriza o funcionamento do Curso do Ensino Médio na Escola Básica Sólon Rosa. Código 03580-7 município de Curitibanos/SC. Mantida pelo estado de Santa Catarina, passando a denominar-se Colégio Estadual Sólon Rosa. Resolução nº. 152 de 11 de dezembro de 2001, reconhece o Ensino Médio, na Escola de Educação Básica Sólon Rosa, pertencente à rede estadual de ensino, mantida pelo Estado de Santa Catarina, no município de Curitibanos; DECRETO nº. 4058 de 21/02/2002 Reconhece o curso de Ensino Médio na Escola de Educação Básica Sólon Rosa. Atualmente, a escola denomina-se Escola de Educação Básica Sólon Rosa. Localizada a Rua Carlos Betz, nº 450, Bairro: Água Santa, Curitibanos, SC.

A escola atende uma clientela diversificada nos aspectos socioeconômicos e culturais faz-se necessária uma caracterização da mesma. Este levantamento foi realizado em março de 2012.

Pelo levantamento realizado, através de questionários, observou-se os seguintes dados: 61.3% dos alunos, residem no bairro da escola e outros 32% residem em bairros vizinhos sendo 6,7% residem no interior; a maioria mora com seus pais. Os alunos quando não estão na escola, ajudam nos afazeres domésticos, estudam, brincam, assistem TV, entre outras atividades dessa ordem. A renda familiar da maioria concentra-se entre 1 e 2 salários mínimos. A expectativa quanto à escola, tanto da família como dos alunos é de concluir o ensino Fundamental e Médio e chegar à Universidade para ter uma condição melhor de vida e ajudar a família.

- Escola de Educação Básica Deputado Altir Webber de Mello.

Esta Unidade Escolar atende uma clientela bem diversificada como alunos oriundos principalmente dos Bairros São José, Bom Jesus e imediação a escola está localizada na Rua. Carlos Goetten, S/N - Bairro Bom Jesus - Curitibanos SC.

A comunidade estudantil é bem heterogênea, tanto em nível econômico como cultural. São filhos de trabalhadores que pertencem à classe média baixa e

pobre. A base da economia do município é a agricultura o que gera trabalhos temporários, ou seja, somente nos períodos de safra. Existe ainda a indústria da madeira que exige pouca mão de obra qualificada e a atividade pastoril que gera pouco ou nenhum emprego. Parte das famílias trabalham no comércio local, garantindo uma melhor qualidade de vida a seus filhos. Muitas mães são na sua maioria diaristas e catadoras de material reciclável.

Enquanto escola procura-se atender à diversidade existente no sentido de promover o desenvolvimento cognitivo e social dos nossos alunos.

- Colégio Maria Imaculada

O Colégio Maria Imaculada, encontra-se situado à Rua Madre Iva Poupon – 69, no bairro Nossa Senhora Aparecida. Tem como mantenedora a Sociedade Educadora Beneficente Providência Azul, e pertence à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Castres.

Em 1976, por iniciativa da Superior Provincial Ana Rosa Toledo, a Congregação procurou entendimentos com as autoridades de Curitiba, bem como da Diocese de Lages, com a finalidade de estabelecer aqui um colégio de irmãs. Embora a cidade possuísse vários estabelecimentos de ensino, dispunha apenas de um colégio religioso.

A finalidade primordial da instalação da Escola das Irmãs Azuis, em Curitiba, trouxe em consonância com os ideais da Madre Fundadora Emilie de Villeneuve:

- Ser uma casa próxima da comunidade de Abdon Batista;
- Promover a educação integral da juventude e ao mesmo tempo, a assistência aos pobres;
- Incentivar a Pastoral Vocacional.

Há 04 de fevereiro de 1981, com a chegada das primeiras irmãs, deu-se a instalação, às 8 horas, da nova comunidade, sendo composta pelas seguintes componentes: Madre Mectilde Marie Bonatti, Irmãs Maria Lúcia Cani, Ana Célia de Oliveira e Márcia Oliveira Amaral.

Com as fundadoras, veio também, a Nova Provincial, Madre Maria Antonieta Poltronieri, 3ª Provincial do Brasil.

As primeiras atividades desenvolvidas foram da Pré-Escola, Educação Infantil, com 88 alunos na faixa de 4 a 6 anos idade.

No ano de 1982 – Educação Infantil e 1ª série do Ensino Fundamental.

No ano de 1983, com início das atividades, tratou-se de um novo bloco ou ala para o funcionamento além da Educação Infantil, as 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental.

Durante o ano letivo de 1984, a Escola possuía seis classes do Jardim I a 3ª Série do 1º Grau, com 282 alunos.

Ressalta-se, que as demais séries e níveis de ensino foram sendo implantadas gradativamente, de acordo com a demanda emergida da comunidade curitibanense.

No ano de 1998, o Colégio Maria Imaculada, recebe autorização para o funcionamento do Ensino Médio em turnos diurno e noturno. Este nível de ensino obteve o reconhecimento do Conselho Estadual de Educação em 18 de dezembro de 2001.

O Colégio Maria Imaculada, do Maternal ao Ensino Médio, cumpre todas as exigências legais junto aos órgãos superiores, no que se refere à autorizações e reconhecimento.

- Escola Getulio Vargas

A Escola Isolada Serraria Santa Fé, foi criada em 11 de agosto de 1964, através do decreto de criação nº 1.762. Funcionou inicialmente na Serraria Santa Fé, por isso levando esse nome. Mais tarde passou a chamar-se de Escola Isolada Xaxim, funcionando na Rua Gregório Ribeiro no bairro Getúlio Vargas.

Com o passar dos anos, o bairro foi crescendo e o número de alunos aumentando, ficando assim insuficiente o espaço físico. Em 31 de março de 2000, inaugurou-se o novo prédio, situado na Rua Prudente Visconde de Moraes, 353, que atende a uma clientela diversificada de alunos, oriundos do mesmo bairro e alguns bairros vizinhos. Atualmente, o Núcleo Municipal Getúlio Vargas, engloba o Ensino Fundamental e Ensino Médio, atendendo 680 alunos. O Ensino Médio foi criado em fevereiro de 2006, para que os alunos que saíam, então, do Ensino Fundamental não precisassem se deslocar para outros bairros.

Hoje, esta escola tem como objetivo a integração da Comunidade com a escola, desenvolvendo projetos que visem o aprendizado constante de nossos educandos. Tendo como Diretor geral desta unidade o Sra. Juliana Paula Inácio Belizario e uma equipe de 39 professores que desenvolvem os trabalhos para garantir melhor qualidade na educação deste educandário.

2.2. TIPO DE PESQUISA:

2.2.1-**Pesquisa de campo:**

Para melhor elucidar essa pesquisa, se fez necessário ir a campo, ou seja, por meio desse recurso metodológico podemos investigar o objeto em questão. Essa modalidade de pesquisa tem como fonte de dados o próprio campo em que ocorrem os fenômenos. No caso dessa pesquisa, o campo é o espaço educativo- a escola, pois:

A pesquisa de campo em Educação, portanto, caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para a coleta de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem. Pela análise e interpretação desses dados, a pesquisa poderá contribuir para a construção do saber educacional e o avanço dos processos educativos (TOZONI-REIS,2009 p.39).

Com base em Minayo (1994), a pesquisa de campo é concebida como um recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir de concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação. Para Marconi e Lakatos (2007, p.83):

A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e /ou conhecimento acerca de um problema para qual se procura uma resposta, ou hipóteses, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Porém consideramos que a pesquisa de campo não é uma simples coleta de dados, exige contar com os controles e com os objetivos que discriminam o que vai ser coletado.

2.3 Instrumentos da pesquisa:

2.3.1- **Entrevista.**

Foi realizada para essa pesquisa uma entrevista semi- estruturada⁴ com roteiro de perguntas previamente elaborado pela pesquisadora e orientadora, para

⁴ O roteiro da entrevista semi-estruturada estão disponíveis no apêndice dessa dissertação

os dez professores de Educação Física atuantes. Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um gravador, padronizando assim as entrevistas, pois:

O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo “que todas elas sejam comparadas como o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devam refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças na perguntas (LODI, 1974 *apud* LAKATOS E MARCONI, 1991, p.94).

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto. Pode ser considerada como um instrumento na investigação social. Para essa pesquisa marcamos previamente um encontro com os professores a serem pesquisados em seus locais de trabalho. Segundo Minayo (1994, p.57):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informações contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que esta sendo focalizada.

2.4 Tratamento de dados:

2.4.1 Análise de conteúdos:

Após coletar os dados, os mesmo serão descritos utilizando a metodologia proposta por Laurence Bardin. Bardin (1977, p.33), descreve que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações:

Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será o único instrumento, mas marcado por grande disparidade das formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (*ibid*, p.33).

Para Bardin, a análise de conteúdo visa obter:

por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (*ibid*, p.44).

A análise do conteúdo contempla segundo Bardin (1977, p. 30), os seguintes objetivos:

- *a superação da incerteza*: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo esta <<visão>> muito pessoal ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha válida e generalizável? – e *o enriquecimento da leitura*: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta a aumentar a produtividade é a pertinência. Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptível de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a *priori* não possuímos a compreensão (ibid., p.31).

Ou seja, consideramos que o objetivo da análise do conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações. Com essa técnica procuramos reduzir o volume amplo de informações contidas na comunicação a algumas características particulares ou no caso dessa pesquisa, as categorias conceituais, sendo que a mesma permite passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigação à compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação, verificando a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação (CHIZZOTI, 2001).

Após apresentados os caminhos metodológicos percorridos para a realização da pesquisa, trazemos para o próximo capítulo, a revisão de literatura referente aos conceitos de emoção e razão, reflexões sobre a prática pedagógica dos professores de Educação Física, voltada para a formação humana com o intuito de que os alunos aprendam a viver juntos, aprendam a ser, por meio da proposta dos jogos cooperativos, e da aprendizagem significativa.

Na finalização do 3^a soar do apito abordamos conceitos sobre as inteligências múltiplas numa perspectiva da educação emocional.

3º SOAR DO APITO: RAZÃO E EMOÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: APRENDIZAGEM EMOCIONAL COMO PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO HUMANA.

A sociedade avança no tempo por meio de contradições entre a razão e a emoção. Uma das crenças fortemente enraizadas em nossa cultura ocidental tem sido durante séculos de que a razão e a emoção constituem dois aspectos distintos do ser humano, ou seja, agimos em determinados momentos mais com a razão do que com a emoção, ou seja,

Nossa cultura, não obstante, fez do corpo e das emoções algo menor e de categoria inferior à mente e à razão. Nossa cultura distinguiu, à base de separar e opor o corporal, o emocional e o mental (TORO, 2007. p.231).

As discussões entre a razão e a emoção sempre existiram. Já na Grécia a razão era um conceito essencial e muito estudado, por diversos filósofos.

As crenças que existem no que diz respeito às emoções são muito curiosas. Nos textos escritos de Aristóteles trazido por Moreno e Sastre (2002 p. 23), encontramos a ideia de que os sentimentos, ou seja, a “emoção reside no coração, e que o cérebro tem a função de esfriar esse coração e os sentimentos nele localizados”.

Observamos a razão separada da emoção, ou seja, a razão é considerada como porto seguro, a qual pode nos conduzir ao êxito, a verdade ou ao menos se aproxima dela, enquanto a emoção pode nós conduzir ao erro as armadilhas, ao perigo.

Durante século XVIII, período considerado como iluminista procurou-se mobilizar o poder da razão. Os filósofos do Iluminismo afirmavam que quanto mais compreendêssemos racionalmente o mundo e a nós mesmos, mais será possível moldar a história a nosso favor. Afirmavam que por meio da razão, o homem poderia conquistar a liberdade, a felicidade, o seu progresso. Não se negava a emoção, mas também não a valorizava.

A partir do século XX, muitos estudos foram desenvolvidos no campo da razão e da emoção. As investigações realizadas no que diz respeito à emoção, apontam que se emocionar e principalmente estar ciente dessa emoção é uma qualidade que permite ao ser humano relacionar-se melhor com o outro.

Nesse sentido, compreendemos que a escola é um lugar onde relacionar-se bem com outro, contribuirá para a formação do ser humano como um todo.

Porém salientamos que os sistemas educacionais por muito tempo primaram, destacaram e priorizaram as ideias, os conceitos, os conhecimentos e saberes intelectuais, sendo, portanto uma educação baseada nas afirmações de Descartes “penso logo existo”, demonstrando que o sensível e o emocional anulavam o racional. Com relação a esse conceito Toro, (2007, p.231) apresenta-nos a seguinte crítica:

A escola continua a estar mais preocupada com a transmissão de conhecimento do que com a qualidade e com o modo de vida da pessoa que fará o uso deles. A dimensão afetiva- emocional é básica, essencial e fundamental na pessoa e, portanto, em sua educação e desenvolvimento.

Concordamos com a crítica deste autor, e pensamos a educação no tempo presente e no futuro buscando como objetivo o ensino centrado na condição humana; onde o ser humano em si mesmo é uma teia complexa de estruturas interligadas: a física, a biológica, e espiritual e a psicológica, sendo as mesmas tratadas e desenvolvidas como uma unidade formada por diferentes partes interconectadas e unidas. (MORIN 2003).

O conceito de teia da vida trazido por Capra (2001) apresenta-se da seguinte maneira:

A teia da vida é, naturalmente, uma ideia antiga, que tem sido utilizada por poetas, filósofos e místicos ao longo das eras para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependências de todos os fenômenos (ibid., p. 44).

Considerando a ideia de Capra que somos uma teia e que tudo está interligado concordamos que a razão e emoção também se entrelaçam aos acontecimentos. Ou seja, ao mesmo tempo em que somos razão, consideramos que a emoção faz parte da emancipação do ser humano. As emoções são para o ser humano fontes de motivação e ação para futuras atitudes, neste contexto compreendemos que:

São elas que definem o rumo de cada ação e dão a partida nas realizações de longo prazo. Mas nossas emoções podem também nós trazer problemas. Quando o medo se transforma em ansiedade, o desejo dá lugar a ganância, uma contrariedade converte-se em raiva e a raiva em ira, a amizade dá lugar a inveja e o amor a obsessão, ou o prazer se torna um vício, as emoções começam a voltar-se contra nós (LE DOUX, 2001, p.19).

Para amenizar os problemas que as emoções podem trazer emerge a necessidade de aprender a lidar com a mesma. Discutir a aprendizagem emocional durante a prática pedagógica do professor de Educação Física é necessário, pois na escola a formação do ser humano como um todo é fundamental.

Nessa perspectiva, concordamos que a aprendizagem emocional, tem como proposta auxiliar o aluno a aprender e desenvolver a melhor maneira de identificar, selecionar, transformar e apresentar as emoções. O objetivo que almejamos com essa aprendizagem é de que os mesmos construam uma condição humana mais harmônica e menos violenta, onde o aluno tome decisões adequadas ao solucionar um conflito.

Um estudo realizado por Damásio (1996) com pacientes com lesão cerebrais (em especial no córtex pré-frontal⁵) aponta que há uma intrincada participação da emoção nos processos de tomada de decisão e raciocínio que se impossibilita de pensar num processo de racionalismo puro do homem. Para esse autor a emoção auxilia na nossa capacidade de elaborar planos, ter responsabilidade sobre si mesmo e os outros, no convívio social. Considera portando, que uma inteligência desprovida de emoção é uma inteligência voltada para a violência, contrariando os interesses da preservação humana.

Consideramos necessário que a aprendizagem emocional faça parte da proposta pedagógica da escola e dos professores, pois a mesma pode auxiliar na construção de um mundo, uma sociedade melhor e talvez com menos conflitos, mais humanizada, pois as emoções estão dentro da escola, pois:

As emoções nunca estiveram fora da escola ou à margem de qualquer situação ou contexto educativo. Onde quer que se dê uma relação humana, a emoção está presente. Simplesmente não pode ser de outro modo (TORO, 2007, p.227).

Acreditamos, que quando o professor de Educação Física cria vínculos emocionais e afetivos com o aluno durante a sua prática pedagógica, por meio de jogos, brincadeiras lúdicas, poderá fazer com que ocorra a aprendizagem emocional. Corroborando com essa ideia, Dantas (1992, p. 90) afirma que;

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica um “ser afetivo”. Entende-se que, não somente na relação professor e aluno existe um vínculo afetivo, mais em todas as relações humana.

⁵**Córtex Pré-frontal**, Resolução de problemas, emoção, raciocínio.

Emerge a partir dessas reflexões, os seguintes questionamentos: a prática da Educação Física, deve contemplar apenas a competição exacerbada ou proporcionar aos alunos uma prática para aprender a viver juntos? Quais as implicações da Educação Física escolar para a formação humana? Como as inteligências múltiplas podem auxiliar na educação emocional? Essas reflexões apresentam-se na sequência da nossa discussão.

3.1 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENSINAR A COMPETIR OU A APRENDER A VIVER JUNTOS NA COOPERAÇÃO?

Para que aconteça a prática pedagógica do professor de Educação Física o mesmo utilizar-se-á de concepções a cerca dos objetivos propostos para a sua aula. Pode desenvolver uma prática transformadora, significativa tendo como base o contexto social de seus alunos; ou a mesma pode apoiar-se em uma prática mecânica, que tem como principio básico o uso de atividades meramente repetitivas, assim sendo:

Ao se tratar de prática, reporta-se a idéia de algo que é praticado, um exercício. A prática pedagógica vai além deste conceito, pois deve ser uma atividade desenvolvida constantemente, porém com um fim e objetivo a serem atingidos. A práxis é uma atividade que deve ser direcionada. Por isso [...] toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis (VÁSQUEZ, 2007, p. 219).

Consideramos que quando a prática pedagógica do professor de Educação Física apresenta-se pautada no paradigma da complexidade pode ser transformada, modificada, repensada e ressignificada. Por meio desse paradigma, nos é permitido superar a visão linear e disciplinar da educação. Esse paradigma tem como base a ligação das diferentes áreas do conhecimento e tem como conceito:

O pensamento complexo pressupõe a integração no ato pedagógico de múltiplas dimensões, o que requer o diálogo com várias orientações de pensamento, reconhecendo que nenhuma teoria pedagógica é capaz, sozinha, de atender a necessidades educativas sociais e individuais (LIBÂNEO, 1998, p.20).

Para contextualizar a prática pedagógica do professor de Educação Física trazemos para essa pesquisa momentos históricos que consideramos relevantes para Educação Física no Brasil, abordadas por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's(1998).

Constatamos por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais que a Educação Física, teve seu início no Brasil em instituições militares, o que levou o professor a ser rotulado por muitas vezes de militar, onde a disciplina exacerbada e as regras faziam parte da aprendizagem, neste contexto:

O ensino da educação física no Brasil fundamentou-se na experiência das escolas militares (Escola de Educação Física do Exército e Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo) que obviamente tinham destinação utilitária voltadas para as necessidades próprias das suas organizações militares (OLIVEIRA,1992 *apud* DANTAS, 1987,p.35).

No período denominado como Higienista⁶ favorecia uma educação do corpo, ou seja, o principal objetivo do professor de Educação Física, era a constituição de um corpo saudável e não suscetível a doenças de seus alunos. Também havia nesse período uma preocupação com a eugênia⁷.

No ano de 1851, por meio da reforma Couto Ferraz a Educação Física tornou-se obrigatória nas escolas do município da corte. Porém, muitos pais não se mostraram satisfeitos com essa ideia, pois era um momento em que seus filhos não estavam realizando uma atividade intelectual. Em 1882, Rui Barbosa deu seu parecer sobre o projeto 224 — reforma Leôncio de Carvalho, Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, defendendo a prática da Educação Física na escola, mas defendia que para sustentar uma atividade intelectual era importante ter um corpo saudável.

Durante os anos 30, a Educação Física em virtude do processo de industrialização e urbanização do Estado Novo, deveria fortalecer o trabalhador, ou seja, para melhorar sua capacidade produtiva, os professores de Educação Física, deveriam desenvolver o espírito de cooperação em benefício da coletividade.

Na década de 70, com o governo militar, o professor de Educação Física, tinha como função a manutenção da ordem e do progresso, ou seja, ações pautadas na nacionalidade e na formação do homem forte e saudável. A prática do esporte aparece com grande força nessa década, pois havia um interesse do estado em desenvolver atletas de elite financiados pela iniciativa privada, promovendo assim o Brasil.

⁶ Período em que os médicos assumiram uma função higienista e buscaram modificar os hábitos de saúde e higiene da população

⁷ Eugênia é uma ação que visa o melhoramento genético da raça humana, utilizando-se para tanto de esterilização de deficientes, exames pré-nupciais e proibição de casamentos consanguíneos.

Porém, essa ideia de modelo nação olímpica não deu muito certo. Sendo assim, na década de 80 do Séc. XX, a Educação Física, passa por uma crise de identidade o que originou uma mudança nas políticas públicas, direcionando o enfoque da mesma para a psicomotricidade do aluno e tirando a função da escola de desenvolver o esporte de rendimento. Assim:

A busca da identidade própria é um aspecto crucial para se vencer as ambiguidades existentes na Educação Física [...] Historicamente, a Educação Física como intervenção profissional esteve ligada a duas tendências principais: a) aquela que considera a atividade física como um fator de terapia e profilaxia, estabelecendo como seu objeto a melhoria da aptidão física; b) aquela que considera a Educação Física um integrante da educação como um todo e assume a atividade física como um elemento importante para que os objetivos dessa educação sejam alcançados (TANI,2011, p, 26).

Nesse sentido, analisamos que a falta de uma identidade, pode ser a contribuinte para que a prática pedagógica do professor de Educação Física, na escola se caracterize como algo de menor valor, sem importância.

Presencie durante minha prática pedagógica, questionamento de aluno, como: por que ter aula de Educação Física, se ela não faz parte dos conteúdos do vestibular? , e de professores de outras disciplinas, afirmando que dar aula de Educação Física é muito fácil, pois consiste em deixar os alunos jogarem na quadra. Geralmente o reconhecimento do professor de Educação Física na sociedade ainda é demasiadamente baixo.

Morford, (1972), *apud* Tani, (2011, p.27), apresenta uma crítica de que os professores de Educação Física, se caracterizam para a sociedade “como executores com pouca ou nenhuma fundamentação teórica” para que execute-a tendo sido, em grande parte, executores de alguma atividade e não pensadores.

Busco no exercício de minha atividade como professora de Educação Física, modificar essa imagem de ser apenas mera executora, passando de um sistema de ensino onde “a didática e as metodologias resumiam-se a um sistema disciplinar de movimentos analíticos quantificados”, para uma Educação Física integrada plenamente nos projetos educacionais, junto e à altura das outras disciplinas (NIETA, 2012, p. 15)

Atualmente, a Educação Física faz parte da Lei de Diretrizes e Bases (LDB); e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S). Essas leis buscam trazer para o professor embasamento teórico que pode ser utilizado durante a sua prática

pedagógica. Porém, ao professor cabe ir além dessas leis, ou seja, é necessário que sempre esteja em constante busca do conhecimento e aperfeiçoamento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, específicos da Educação Física, nos apontam que a prática pedagógica do professor contemple além do esporte, do jogo, das danças, do conhecimento do corpo, e das lutas, a democratização e a humanização, incorporando também as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Sendo assim, consideramos que a aprendizagem emocional está atrelada a essas esferas de aprendizagem.

Trazemos para essa pesquisa, reflexões acerca do esporte escolar, por considerar que é por meio do mesmo que emergem significativamente as mais diferentes emoções nos alunos. Sendo assim apresentamos a seguir conceitos que consideramos necessários sobre o esporte.

O esporte é um jogo, tanto no esporte como no jogo as características lúdicas estão presentes; a diferença é que no jogo as regras podem mudar de acordo com os jogadores e os espaços não precisam ter o tamanho padrão por exemplo. No esporte, o jogador não tem o poder de modificar as regras, obedecendo às regras de uma confederação.

Consideramos que os jogos sempre acompanharam a evolução do ser humano, pois:

[...] Homero, já fala de jogos infantis na *Odisseia*, datada do ano VIIIa.C.,[...]Sabemos que de alguma forma ele sempre seguiu nossos passos. Acredito que tudo o que for falado sobre o jogo é muito importante e é só olhar para o lado e perceber que tudo gira em torno dele.[...] A palavra *jogo* (*jocu*) tem origem latina e possui significado maior *gracejo*, ou seja, o jogo é divertimento e distração. Porém, o jogo também significa trabalho sério, pois tem o poder de transformar valores, normas e atitudes (SOLER, 2011, p.27).

O ato de jogar pode ser considerado como algo anterior à própria civilização, sendo assim sempre esteve presente nas manifestações do ser humano. O jogo está relacionado a fatores históricos, sócias e culturais. Neste contexto apresentamos o conceito trazido por de Huizinga (1996) sobre o jogo, onde nos aponta que:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão,

alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (*ibid*, p.33).

Consideramos que nas últimas décadas o esporte que faz parte do jogo tornou-se um fenômeno social e de muita relevância dentro da sociedade e sempre “esteve imerso num ambiente dinâmico e de constantes modificações, quanto às suas definições, aplicações e dimensões” (BROTTO,2013, p.27).

Por fazer parte da nossa sociedade o esporte é considerado segundo os PCN’S (1998) um dos eixos temáticos da Educação Física escolar, assim como: o conhecimento do corpo, as lutas, as ginásticas e as atividades rítmicas e expressivas. Sendo assim:

O esporte é, com certeza um dos cinco grandes conteúdos da E.F.E e deve fazer parte do programa, só que não devemos cobrar resultados baseados na alta performance, pois falamos de crianças que estão em um momento de escolhas. Nosso principal objetivo é fazer com que a criança goste do Esporte, se divirta com ele para que no futuro possa, se quiser, especializar-se (SOLER,2006, p 67).

Por meio da citação acima, percebemos que o esporte, enquanto conteúdo da Educação Física escolar pode contribuir para o desenvolvimento físico, psicológico e social da criança. “Resaltamos que o mesmo: desenvolve as competências motoras, (correr, saltar, arremessa, flexibilidade, aptidão física),” ensina a cooperar, ajuda a conhecer as suas capacidades pela cooperação com o outro, desenvolve a autoconfiança e estabilidade emocional, auxilia a tomar decisões e aceitar responsabilidade, entre outros. Na maioria das vezes, é o conteúdo que mais desperta o interesse dos alunos (BARBANTI, 2005, p. 06).

Salientamos que o objetivo da Educação Física escolar é propor atitudes de respeito mútuo, solidariedade e dignidade entre os alunos servindo também como alternativa para preencherem o tempo livre fora do âmbito escolar. Por meio da regulamentação da educação física os PCN’s, (1998) afirmam que:

Um dos objetivos da Educação Física escolar é propiciar às crianças a participação em diferentes atividades corporais, procurando adotar atitudes de cooperação e solidariedade, sem discriminar os colegas pelo desempenho ou por razões sociais, físicas, sexuais e culturais (SOLER, 2006, p.31).

O jogo ou o esporte escolar quando desenvolvidos nas aulas de Educação Física almejam alcançar inúmeros objetivos educacionais de uma maneira prazerosa

e divertida. Sendo assim, ao professor, cabe ir além das regras, técnicas e táticas, ou seja, resignificar a sua prática pedagógica.

O importante é que por meio dos jogos, os alunos podem desenvolver sua criatividade, sua cognição, aprender a harmonizar os conflitos, superar crises e aperfeiçoar a convivência com o outro e alcançar objetivos. Além disso:

O jogo deve sugerir alguma coisa interessante e desafiante para a criança; Um bom jogo em grupo deve possibilitar à criança avaliar os resultados de suas ações. [...] A participação de todas as crianças durante o jogo é fundamental [...] O contexto do jogo deve ser estimulante para a atividade mental da criança. (FRIRDMANN, 1996, p.75).

Por meio da reflexão acima, notamos que o esporte na escola pode ser considerado como um veículo para várias situações onde uma criança, um jovem ou um adulto aprende para a vida, pois a grande maioria dos alunos ao sair dos bancos escolares não se torna atleta. Mas questiono-me: isso realmente acontece? Será que quando se realiza o esporte na escola ou o jogo, o mesmo não fica apenas centrado na competição exacerbada? Ou no jogar só por jogar? A cooperação faz parte da prática pedagógica dos professores de Educação Física?

Constatamos que a palavra competir quando abordada pelo senso comum significa vencer, ou seja, entramos no jogo para derrotar o outro, onde o sucesso de um depende das falhas do outro.

Brotto (2013) considera que o senso comum costuma associar a competição com o jogo, como se ambos fossem sinônimos e como se um não existisse sem o outro.

Para o senso comum, o jogo competitivo exala a vitória, o êxito a supremacia e trata os perdedores como derrotados. E a velha história de que o importante é competir, serve apenas de consolo, talvez seja esse o motivo de tanta violência nos estádios.

Chama-nos à atenção por que “a palavra competir na raiz latina significa, justamente, esforçar-se para obter algo junto, empenharem-se juntos” Porém, o que observo enquanto professora de Educação Física, é que durante os jogos esportivos competir tem um sentido de destruir, eliminar e humilhar o adversário (SOLER, 2011, p. 45).

Quando nós professores centramos a nossa prática pedagógica, somente no ensino das habilidades motoras fundamentais, nos gestos técnicos e na competição

exacerbada, estamos muitas vezes excluindo alguns alunos da vivência esportiva. Entretanto, para o aluno adquirir um conhecimento mais amplo do esporte é necessário que a prática pedagógica do professor esteja além da aprendizagem de movimento corporal e do competir só por competir, percebemos, portanto:

Nosso sistema educacional reforça a competição. Não ensinamos as crianças a amarem o aprendizado, mas tirarem notas altas; como na Educação Física não ensinamos as crianças amarem os esportes, nós ensinamos a vencer os jogos (SOLER, 2011, p. 65).

Corroborando com essa ideia de Soler, trazemos a contribuição de Brown (1993) que nos alerta para a seguinte questão:

O ensino da Educação física não exige reforçar a competição. A Educação Física deve procurar desenvolver as destrezas de todos, e não somente dos melhores. Imagine que se para o ensino de outra matéria – ciências, por exemplo, – se fizesse uma prova para formar um equipe, enquanto os outros assistem por que nada sabem. Há alternativas para os professores de Educação Física (*ibid.*, p. 42).

É possível verificar quando nós professores de Educação Física trabalhamos de maneira exacerbada a competição, geralmente os alunos ficam agressivos e não respeitam os colegas que não apresentam uma habilidade motora de excelência para a atividade que está sendo executada, notamos assim que:

Quando o professor de educação física contempla em sua prática apenas o esporte visando o rendimento motor e a competição exacerbada, o mesmo estará descriminando, excluindo os alunos que não apresentam uma habilidade motora adequada para o esporte. A proposta não é acabar com o esporte competitivo, pois esse sempre irá existir e é ótimo que continue existindo. Devemos, sim, criar alternativas que façam com que a criança tenha uma nova opção, tentando com isto humanizar a competição, que vencer não seja a coisa mais importante dentro do processo, uma questão de vida ou morte (SOLER, 2006, p 68).

Entendemos que a competição está presente na sociedade, porém Soler (2011) traz os estudos da antropóloga Margaret Mead,(1961), que provou a existências de povos ancestrais (índios zuni e os iroquois) que não pautavam suas vidas na competição, a mesma era desconhecida, demonstrando em suas pesquisas que a:

Competição e cooperação são definidas pela estrutura social, não nascemos competindo ou cooperando, mas sim, aprendemos a agir destas duas formas. Podemos dizer que nascemos com as duas formas, e dependendo das interações que temos durante nossa vida, potencializamos uma forma ou outra (*ibid.*, p.47).

Compreendemos assim que a cooperação e a competição fazem parte de algumas escolhas, decisões e atitudes praticadas na interação com o outro.

Durante a minha prática pedagógica, percebo que a competição, na maioria das vezes, retira a graça do jogo, pois os alunos ficam preocupados com o resultado final e não se divertem. Por outro lado, o aluno que não apresenta habilidade motora específica para a competição, sente-se excluído e muitas vezes não se considera parte do time. Com relação a essa situação Rodrigues (1972) apresenta a seguinte crítica:

A intercomunicação de ideias, a coordenação de esforços, a amizade e o orgulho por pertencer ao grupo, que são fundamentais para a harmonia e a eficácia do grupo, parecem desaparecer quando seus membros se veem na situação de competir para a obtenção de objetivos mutuamente exclusivos (*ibid.*, p.151).

A competição exacerbada muitas vezes faz que quem joga sintam-se estressado, angustiados, preocupados, negando o outro. Soler (2011, p.48) sinaliza que:

Na competição, utilizamos máscaras e nunca somos nós mesmos, pois mostrando nossas deficiências nunca somos aceitos, uma vez que o que mais importa são os pontos que conseguimos marcar. E quando não conseguimos ser melhor do que somos, acontece o fracasso, que irá refletir como auto-imagem que temos sobre nós e fatalmente, a nossa auto-estima será afetada.

Geralmente a competição é defendida a partir da alegação de que quando competimos aprendemos a perder, como se alguém gostasse disso. O sucesso e a competição apresentam-se de forma bem distintas. Podemos trabalhar e ter sucesso na vida sem derrotar alguém. A competência de uma pessoa pode ser adquirida sem ser prejudicial ao outro. Porém, compreendemos que:

A criança não aprende a perder em nossa sociedade, mas é treinada a só competir em todos os momentos, e isso é muito cruel, pois ela só consegue ver um pedaço da verdade. Existem inúmeros momentos em que não precisamos da competição, mas ela continua sendo sempre escolhida para resolver a situação, afinal, não conhecemos outra saída (SOLER, 2011, p.48).

Ao desenvolver, por exemplo, uma aula de voleibol, o professor geralmente ensina seus alunos o toque, o saque, a manchete, a cortada, ou seja, apenas o fundamento motor dos esportes preocupa-se em ensinar bem seus alunos para que quando forem competir vençam.

E preciso compreender que o esporte pode auxiliar os alunos em vários sentidos. Dentre esses saberes destacam-se, “conviver em grupo, conhecer o próprio corpo, cooperar, ter coragem, e a lidar com as próprias emoções” (FREIRE, 2012, p. 25). Para esse mesmo autor:

Ensinar além do esporte é uma arte: arte de educar, de bem ensinar, e algo para alguém que se dispõe a levar a sério a profissão[...] o esporte significa, entre outras coisas, ensinar a gostar do esporte, nem que seja apenas para apreciá-lo nos campos ou nas telas de televisão (*ibid.*, p.25).

Concordamos que a Educação Física escolar pode contribuir no processo de ensino- aprendizagem dessa nova consciência do esporte, mas para que isso ocorra é necessário outras abordagens, pois algumas apresentam-se esgotadas, uma vez que podem reforçar a cultura de exclusão e do individualismo.

Para auxiliar na aprendizagem emocional dos alunos trazemos para essa pesquisa a abordagem dos jogos cooperativos, onde, Soler (2006), Brotto (2013), apontam que as aulas de Educação Física podem tornar-se um espaço onde todas as diferenças possam conviver e aprender umas com as outras, em harmonia, sendo respeitadas e valorizadas. Portanto:

Os jogos cooperativos são baseados em valores como o trabalho em grupo, a solidariedade, colaboração e companheirismo, [...] e levam ao prazer, à comunicação, à expressão e a cooperação (SOLER, 2001, p. 96).

O conceito trazido por Brotto (2013) sobre jogos cooperativos apresenta-se da seguinte maneira:

Os jogos cooperativos são jogos de compartilhar, unir as pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, tendo pouca preocupação com o fracasso e o sucesso em si mesmo. Eles reforçam a confiança pessoal e interpessoal, uma vez que ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento de todos (BROTTO, 2013, p.68).

Soler (2011) orienta de que por meio dos jogos cooperativos aprendemos a conviver com o outro, pois uma das maiores dificuldades do ser humano moderno é a convivência, o individualismo, ou seja, o distanciamento das pessoas é cada vez maior. Neste contexto os jogos cooperativos podem auxiliar as pessoas a estarem e permanecerem juntas, sendo assim:

O jogo cooperativo consiste em jogos e atividades em que os participantes joguem juntos, ao invés de contra os outros, apenas pela diversão. Através desse tipo de jogo, nós aprendemos a

trabalhar em grupo, adquirimos confiança e coesão grupal. A ênfase está na participação total, espontaneidade, partilha, prazer em jogar, aceitação de todos os jogadores, dar o melhor, mudar as regras e limites que restringem os jogadores e no reconhecimento de que todo jogador é importante. Nós não comparamos nossas diferentes habilidades nem performances anteriores, nós não enfatizamos a vitória e a derrota, resultados ou marcas (SOBEL, 1983, p.01)

A proposta dos jogos cooperativos é diminuir a competição exagerada e a valorização do individualismo, algo que cresce muito em nossa cultura ocidental. Por meio dos jogos cooperativos podemos construir relacionamentos interpessoais e grupais mais humanizados.

Salientamos que os jogos cooperativos podem auxiliar as crianças, jovens e adultos a desenvolverem confiança nas capacidades motoras, sentimentos, superarem medos, harmonizar os conflitos.

Soler (2011, p.85), traz algumas características marcantes no comportamento das pessoas nas duas formas de jogar e viver: na forma competitiva e na forma cooperativa:

Na forma competitiva:- Lutando para vencer sozinho, não importando as armas, que tenha para usar; - Revanche; - Exclusão dos menos hábeis; - Vencer ou perder como fins em si mesmos;- Jogos de guerra;- Nós jogamos contra eles;- Comparando;- Culpa pela derrota ou vitória;- Medo, inveja, ódio, ambição em vencer;- Cada um por si;- Sempre o mesmo líder. De preferência, o melhor jogador;- Jogo com final previsível. Assim que se atinge o objetivo final perde a graça. Na forma cooperativa: - Negociando para resolver conflitos de modo que todos possam vencer; - Perdão;- Vencer ou perder como meio para um novo aprendizado; - Inclusão de todas as diferenças;- Jogos de Paz; - Nós jogamos com eles;- Apreciando;- Sugerindo;- Responsabilidade pela vitória ou derrota;- Coragem, solidariedade, amor, e vontade em continuar jogando;- Interdependência;- Liderança compartilhada. De preferência que todos possam viver essa liderança; - Jogo infinito; continua enquanto o grupo se dispõe a jogar.

Consideramos que nos jogos cooperativos desenvolvidos nas aulas de Educação Física, a convivência entre as crianças torne-se melhor, pois quando jogo com o outro e não contra o outro passo a ver o outro como legítimo outro na convivência, o que para Maturana (1998),consiste em ver no outro um amigo, um solidário e não um adversário.

Os jogos cooperativos quando desenvolvidos nas aulas de Educação Física podem vir a resignificar a prática pedagógica do professor, e auxiliar os alunos na aprendizagem emocional, pois na escola temos um grande poder de transformação.

Sendo assim, abordamos nessa pesquisa, além dos jogos cooperativos como proposta de resignificação da prática pedagógica do professor de Educação Física, os quatro pilares da educação, elaborados a partir do MEC (2003) por Jacques Delores. Esses pilares do conhecimento consistem em: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, e aprender a ser.

Resumidamente consideramos que o aprender a conhecer é oportunizar aos nossos alunos um conhecer em profundidade; o aprender a fazer significa que o professor desenvolva em seus alunos não somente uma qualificação profissional, mas sim conhecer as competências que possibilitam a pessoa a enfrentar as diversas situações e o trabalho em equipe; aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. No que diz respeito ao aprender a viver juntos faremos uma descrição mais aprofundada, pois o mesmo é considerado como um dos eixos dessa pesquisa.

Aprender a viver juntos pode ser considerado como algo difícil. Talvez seja um dos maiores desafios da educação e da humanidade. Vivemos em uma sociedade violenta, individualista, competitiva, onde um quer ser melhor que outro, e apenas o sucesso individual importa. Porém:

O mundo contemporâneo é um cenário de co-existência cada vez mais complexo, isto é vivemos num ambiente de acentuadas e íntimas conexões, sendo cada uma delas parte-todo da grande “Teia da Vida” (Capra, 1998). Na medida em que as fronteiras entre as nações diminuem, o grau de interdependência entre os povos se acentua, exigindo assim o necessário refinamento de nossas atitudes (ações, sensações, pensamentos, sentimentos e intuições) e de todos os relacionamentos: consigo mesmo, como os outros, com o ambiente (BROTTO, 2013, p.57).

Delores (2003, p. 97), afirma que a tarefa de ensinar a viver juntos e a viver com o outro, pode ser árdua por que os seres humanos valorizam muito as suas qualidades e as do grupo a que pertencem desenvolvendo assim o preconceito em relação ao outro.

Um exemplo desse preconceito, vivenciado em minha prática pedagógica, é quando os alunos não aceitam em sua equipe, uma criança que não apresenta coordenação motora excelente para as aulas práticas de Educação Física.

Essa atitude leva a desmotivação das crianças que foram excluídas em realizar atividades físicas. Percebo ainda que, quando oriento e ensino meus alunos

a respeitar o outro e aceito-ló da maneira que ele é, a aula torna-se mais agradável. Consideramos que ensinar os seres humanos a viver juntos é indispensável para a educação do século XXI.

Todavia, acreditamos que é necessário verificar se os professores de Educação Física durante a sua prática pedagógica refletem com seus alunos sobre o que ocorre em suas aulas, e se esses compreendem a necessidade de relacionar-se com o outro, pois a Educação Física escolar pode ser uma ferramenta para auxiliar os alunos na aprendizagem emocional e a desenvolverem-se como um todo, ou seja, uma educação voltada para a formação humana.

Concordamos que na nossa cultura ocidental, a educação sempre foi vista como processo de formação humana. Essa formação diz respeito à humanização do homem como um ente que não nasce pronto, e que está em contínuo desenvolvimento.

Nessa perspectiva, é importante lembrar que o sentido dessa categoria envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se como um ser, onde:

A ideia de formação é, pois, aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo (SEVERINO, 2006, p.621).

Para que aconteça a formação humana Morin (2001) instiga-nos a fazer uma reforma do pensamento:

A reforma do pensamento é que permitiria o pleno emprego das inteligências para responder a esses desafios e permitiria a ligação de duas culturas dissociadas. Trata-se de uma reforma não programática, mas paradigmática, concernente a nossa aptidão para organizar o conhecimento.[...] A reforma do ensino deve levar á reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar a reforma do ensino (Ibid., p. 21).

A reforma do pensamento poderá vir a gerar uma reflexão do contexto e do complexo que liga e enfrenta as incertezas. O que almejamos com essa reforma é uma cabeça bem feita, não necessariamente que essa seja uma cabeça cheia, com saberes acumulados e não problematizados. Uma cabeça bem feita que ligue os saberes conectando conhecimento científico com conhecimento humanista.

Segundo Morin (2001), a reforma do ensino somente será possível, quando a sociedade aceitar reformar o pensamento. É preciso ao educar, que o professor de Educação Física, esteja atento a uma educação direcionada para a compreensão humana entre os próximos, ou seja, uma educação que garanta a cidadania, o respeito a si e ao outro. Para que isso ocorra, precisamos fazer com que a reflexão faça parte da nossa prática pedagógica, sendo essa nossa próxima discussão.

3.2 O PROFESSOR REFLEXIVO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, EMOÇÕES E LINGUAGENS.

Quando abordamos a relação da aprendizagem emocional com a prática pedagógica do professor de Educação Física e a importância que a mesma tem na formação do ser humano como um todo, é imprescindível um professor reflexivo.

Percebemos que durante muito tempo o perfil do professor de Educação Física foi rotulado com muitas descrições. Porém, esse perfil vem modificando-se influenciado pelas mudanças ocorridas na sociedade, assim sendo, consideramos que:

Atualmente, a Educação Física de acordo com todas as propostas para a área, deve estar atrelada ao processo educacional e tornou-se uma disciplina essencial para o desenvolvimento integral do ser humano. E, para que efetivamente ocorra, é preciso mudar, não só o discurso, mas fundamentalmente a prática (SOLER, 2003,p.35).

O professor de Educação Física atuando como mediador entre o aluno e o processo de conhecimento, facilita a aprendizagem dos processos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais. Nesse caso, emerge a importância do professor reflexivo.

Quando abordamos o termo reflexão, a ideia que se tem sobre a mesma é que a reflexão está na ação e sobre a ação; assim, está ligada à nossa experiência. É evidente que um ser humano pense constantemente antes, durante e depois das suas ações. No entanto, será que somente isso basta para se transformar em um profissional reflexivo?

Perrenoud (2002), por meio de suas pesquisas, afirma que uma das características do professor reflexivo é que o mesmo sempre está refletindo, e isso se torna uma constante em sua profissão de educador. Sendo assim:

Um “professor reflexivo” não pára de refletir a partir do momento em que consegue sobreviver a sala de aula, no momento em que consegue entender melhor sua tarefa e em que sua angústia diminui. Ele continua progredindo em sua profissão mesmo quando não passa por dificuldades e nem, por situação de crise, por prazer ou por que não pode evitar, pois a reflexão transformou-se em uma forma de identidade e de satisfação profissionais (ibid., p. 43).

Concordamos que a reflexão da prática educativa quando se faz constante na escola promove a formação integral do aluno, e para que isso ocorra é necessária à reflexão também do corpo docente, pois:

Queremos que os professores sejam seres pensantes, intelectuais, capaz de gerir a sua ação profissional. Queremos também que a escola se questione a si própria, como motor do seu desenvolvimento institucional. Na escola, e nos professores, a constante atitude de reflexão manterá presente a importante questão da função que os professores e a escola desempenham na sociedade e ajudará a equacionar e resolver dilemas e problemas (ALARÇÃO, 2003, p. 46).

O professor de Educação Física, pautando a sua prática na reflexão, consolidará a sua autonomia profissional. Espera-se que o professor reflexivo seja capaz de questionar sua prática, agir sobre ela, e não ser apenas um mero reprodutor de técnicas e movimentos corporais proporcionadas nas aulas de Educação Física. A prática reflexiva quando se torna uma constante constrói e reconstrói conhecimentos. Sendo assim, a reflexão pode ser entendida como:

Por reflexão (volta do pensamento sobre si mesmo), descobrimos que nosso pensamento quase sempre reage através de *interrogativas*. Tanto no processo do conhecer como no do agir, ao tomar consciência do problema e ao formulá-lo, ainda que mentalmente apenas, o ser humano recorre aos interrogativos: *o que? Quem? Por quê? Para que? Como? onde? donde? para onde? quando? quantos? quais?* (SALOMON, 2006, p.6).

Foi por meio desse processo de reflexão (questionamentos) da minha prática pedagógica que busquei pesquisar a compreensão dos professores de Educação Física, sobre aprendizagem emocional.

Para compreender essa prática voltada para as emoções que podem emergir nas aulas de Educação Física, refletimos os conceitos de aprendizagem significativa que nos levarão a contextualizar melhor a aprendizagem emocional, favorecendo assim ao professor de educação física compreender, refletir, discutir o ato de aprender, pois concordamos que :

Aprender é nosso principal instrumento de sobrevivência [...] Quando paramos de aprender, morremos. Podendo, inclusive, acontecer isso ainda em vida. Esbarramos de vez em quando em pessoas, embora

ainda respirem e se movam, desistiram de aprender (SANTOS, 2008, p.11).

A teoria da aprendizagem significativa foi proposta na década de 1970, por David Ausubel, considerada como uma visão clássica desse modelo de aprendizagem. Passados quase 50 anos, novas visões surgiram de aprendizagem significativa mas todas se apresentam como enriquecedoras dessa visão clássica. Alguns estudiosos como Joseph Novak, dá à aprendizagem significativa uma visão humanista descrevendo que a mesma subjaz à integração positiva, engrandecedora, de pensamentos, sentimentos e ações (MASINI, MOREIRA, 2008).

Essa teoria é recentemente defendida por Moreira, na qual apresenta uma visão mais crítica para a aprendizagem significativa, defendendo uma perspectiva na qual não basta apenas captar significados aceitos é preciso captá-los criticamente, destacamos portanto que :

Essa visão leva em conta a progressividade da aprendizagem significativa, a incerteza do conhecimento, a linguagem como conhecimento, a diversidade de materiais e estratégias instrucionais e a importância do questionamento e da aprendizagem pelo erro (MASINI, MOREIRA, 2008, p. 41).

Este mesmo autor afirma que a aprendizagem significativa é aquela em que o significado do novo conhecimento é adquirido, atribuído, construído, por meio de interação com o conhecimento prévio do aluno, ainda que o mesmo seja relevante para a estrutura cognitiva do aprendiz. Quando há essa interação entre os conhecimentos o novo passa a ter significado e o prévio adquire novos significados.

Como novos conhecimentos Maturana (2001), afirma por meio do conceito de autopoietica⁸ os novos conhecimentos são perturbações que:

Na aprendizagem significativa, receberão significados e, ao mesmo tempo, por meio de uma interação perturbadora modificarão em alguma medida, a estrutura dos conhecimentos prévios sem alterar a sua organização (MASINI, MOREIRA, 2008, p.53).

No entanto, novos conhecimentos podem ser incorporados de maneira arbitrária e literal, como se fossem informações a serem memorizadas, ao pé da letra, pois a mente humana tem a capacidade de armazenar informações sem dar significado.

⁸Os seres vivos são máquinas autopoieticas, ou seja, máquinas que continuamente especificam e produzem sua própria organização por meio de produção de seus próprios componentes, sob condições de continua perturbação e compensação dessas perturbações (MOREIRA, 2008, p. 52).

Imbricados nessa idéia, percebemos que durante a prática esportiva os alunos geralmente apresentam essa memorização quando conversamos com eles sobre as emoções que se apresentam na prática esportiva, eles, os alunos sabem que brigar, bater, agredir verbalmente e fisicamente o outro não é uma postura adequada. Porém, na hora do jogo, essa aprendizagem não aparece, ou seja, o aluno memorizou sem dar significado a esses valores.

Entendemos que quando essa aprendizagem se apresenta apenas memorizada é denominada de “mecânica, ou seja, é aquela que encontra bem pouca ou nenhuma informação prévia na estrutura cognitiva, a qual possa se relacionar “(SANTOS, 2008, p. 54).

A aprendizagem mecânica é uma aprendizagem sem compreensão, sem transferência, quase sem significado e com pouca retenção. Passando algum tempo é como se o sujeito nunca tivesse aprendido determinados conteúdos (MASINI, MOREIRA 2008, p. 25).

Analisamos, portanto a aprendizagem significativa mais eficaz do que a mecânica, pois na época em que é tão abordado aprender a aprender, parece necessário que toda ação educativa na escola tenha um significado para o aluno.

Quando relacionamos a aprendizagem significativa com a aprendizagem emocional trazemos também para essa discussão, Humberto Maturana. O mesmo afirma que aprendemos por meio da linguagem e que através dela mudamos o mundo, sendo que a mesma faz desabar o imperialismo da razão, afirmando que o ser humano se constitui no entrelaçamento racional e emocional.

Segundo Maturana (1998, p. 18), “o aparecimento da linguagem surgiu há cerca de três milhões de anos” quando havia primatas bípedes que, como nós, tinham um caminha ereto, viviam em grupos pequenos, com famílias constituídas de dez a doze indivíduos, que compartilhavam seus alimentos, porém apresentavam um cérebro muito menor. Surgiu, portanto o questionamento de que maneira o cérebro humano evoluiu?

A história da transformação do cérebro humano frequentemente está relacionada à utilização de instrumentos, ou a manipulação de objetos. Porém Maturana (1998), sustenta que na evolução dos homínídeos, a transformação do cérebro tem a ver com a linguagem, e que o peculiar do ser humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional.

Para Maturana (1998), a linguagem não é a manipulação de símbolos, nem simplesmente comunicação. Para ele, a linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais qualquer. Mais ainda, a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações:

Ou seja, não podemos deixar de notar que os seres humanos somos humanos na linguagem, e ao sê-lo, o somos fazendo reflexões sobre o que nos acontece. [...] O fato de nos encontrarmos na linguagem é também algo que simplesmente ocorre conosco. Quando refletimos sobre a linguagem, já estamos nela (MATURANA, 1998 p.37-37).

Compreendemos, portanto, que a consensualidade de ações que dão origem a linguagem aparecem um modo de vida recorrente de cooperação, e na aceitação mútua dos seres humanos. Sem a aceitação mútua não há espaço para coordenações consensuais. Ou seja, durante a prática da Educação Física escolar, sabemos que ao invés de ocorrer à cooperação geralmente aparece a competição exacerbada, e segundo Maturana (1998), a competição não tem participação na evolução do humano, pois culturalmente a vitória se constitui na derrota do outro.

Emerge assim a discussão de que não podemos negar que, por exemplo, a prática esportiva é uma ferramenta utilizada nas aulas de Educação Física escolar no ensino fundamental. Portanto, essa prática esportiva não pode tornar-se uma negação do outro.

A prática pedagógica do professor de Educação Física quando desenvolvida na cooperação entre os alunos, leva-os à aceitação do outro. Quando aceitamos o outro tornamos a nossa convivência mais humanizada, pois nossa ação enquanto ser humano, para o mesmo autor, é pautada no amor e nas emoções, pois não somos seres totalmente racionais, ou seja:

Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre a razão e a emoção, que se constituiu nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. (MATURANA, 1998, p.15).

A emoção e a razão foram por muito tempo tratadas como oponentes. Um dos motivos disso, diz respeito ao pensamento clássico que pontuou a emoção como algo que pudesse ser controlado a todo tempo pela razão. Sendo seres racionais controlamos as nossas emoções.

Buscou-se por muito tempo uma razão que fosse sabia e neutra. August Comte (1798- 1857), buscava uma ciência positivista que mantivesse separada a razão da emoção para garantir a objetividade nos estudos dos fenômenos (ARRUDA, 2004).

Ainda para o mesmo autor, geralmente usamos o termo razão para nos diferenciar dos animais, afirmando, portanto que somos seres racionais e desvalorizamos as emoções, não conseguimos perceber que a razão e a emoção estão entrelaçadas, e que todo sistema racional tem um fundamento no emocional. Por isso, afirmamos que não há ação humana sem uma emoção. Todo sistema racional se constitui no operar com premissas previamente aceitas, a partir de certa emoção.

Podemos perceber durante a prática da Educação Física um exemplo dessa situação de que a razão é movida pela emoção durante uma determinada ação. Quando estamos realizando uma atividade com os alunos, todos estão brincando e se divertindo, alegres, e motivados ,porém de repente um aluno se machuca, cai ou briga, percebemos que as emoções das crianças e do professor mudam.

Ou seja, enquanto educadora essa situação não é diferente; estou trabalhando com meus alunos, feliz, alegre com os resultados que estão ocorrendo e na aula acontece a mesma situação acima citada, o que acontece? Minhas emoções se modificam; é impossível dizer que quando acontece isso conseguimos agir apenas com a razão. Dizer que um ser humano pensa e age sempre maneira racional seria uma mentira, pois:

Finalmente, não é a razão o que nos leva a ação, mas a emoção. Cada vez que escutamos alguém dizer que ela ou ele é racional e não emocional, podemos escutar o eco da emoção que está sob essa afirmação, em termo de desejo de ser ou de obter (MATURANA, 1998, p. 23).

Maturana, ao afirmar que toda ação humana depende de uma emoção para se constituir, define também que a emoção que funda o social no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor. Para esse autor, as relações humanas que não estão fundadas no amor, não são relações sócias.

Durante as aulas de Educação Física, seria interessante que o professor não fosse apenas um mero reprodutor de conhecimento, mas sim um mediador entre seus alunos e as atitudes de respeito e amor ao outro, para poder assim estabelecer as relações sociais entre os mesmos, por que:

O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social (MATURANA, 1998, p.23-24).

Vivamos nosso educar de modo que as crianças aprendam a aceitar-se, respeitar-se, sabendo resolver problemas sociais no contexto da sociedade atual. Durante a prática da Educação Física escolar esses valores podem ser trabalhados e valorizados de uma maneira lúdica e significativa, ou seja, ensinar para a complexidade, por meio da inteligência múltipla e da educação emocional.

3.3. AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMOCIONAL.

A inteligência pode ser definida, como sendo a capacidade de resolver problemas ou de criar produtos que sejam valorizados dentro de uma ou mais cultura. O estudo sobre a inteligência faz parte das reflexões de estudiosos desde as primeiras civilizações. Gardner comenta que:

Durante bem mais de dois mil anos, pelo menos desde a ascensão da cidade- estado grega, um determinado conjunto de ideias dominou as discussões sobre a condição humana em nossa civilização (*ibid*,1994, p.4)

Por isso que, no decorrer de dois mil anos, a mente humana foi objetivo de investigação. Nos últimos dois séculos ocorrem avanços sobre a mente humana que focalizaram a quantificação da inteligência humana.

No início do século vinte, no ano de 1900, surgiu na França uma proposta de testar a inteligência humana, com o intuito de medir e dimensionar a mesma, Gardner nos relata que:

Permitam-me transportar a nós todos para Paris de 1900- La Belle Époque- quando os pais procuravam um psicólogo chamado Alfred Binet com um pedido incomum: seria possível ele desenvolver algum tipo de medida que predissesse quais crianças iriam ter sucesso e quais iriam fracassar nas séries primárias das escolas parisienses? Como todos sabem, Binet conseguiu. Rapidamente, sua descoberta veio a ser chamada de “teste de inteligência”, sua medida o “QI” (*ibid*, 1994,p.12)

O teste de inteligência de Binet, trabalhava basicamente com as disciplinas de línguas, lógica e matemática, focava em conteúdos ensinados nas escolas, sendo reduzido o conhecimento da criança apenas a essas informações. Então o objetivo era medir a inteligência da mesma, tendo como finalidade determinar em qual séries poderia estudar.

Esse teste fez muito sucesso na França, Europa e nos Estados Unidos, por ter sido considerado como uma avaliação exata da inteligência de uma pessoa. De maneira geral, o teste rotulava a pessoa para toda a vida, pois:

Os testes de inteligência passaram a ser vistos, correta ou erradamente, como uma tecnologia útil basicamente para selecionar indivíduos para preencher nichos acadêmicos ou vocacionais. [...] O influente psicólogo de Harvard E. G. Boring declarou: “Inteligência é o que o teste testa”. Enquanto esses testes continuarem a fazer o que supostamente deveriam fazer- ou seja, fornecer previsões razoáveis sobre o êxito do aluno na escola- não pareceu necessário nem prudente aprofundar muito seus significados nem explorar outras visões do que seja a inteligência ou de como ela pode ser avaliada (GARDNER, 2001, p.24-25).

O teste de QI recortava um momento da vida pessoal, desconsiderava o momento emocional, a criatividade, as frustrações os traumas. Deixava de considerar o ser humano em sua amplitude complexa, pois desconsidera as potencialidades dos indivíduos.

Muitas pessoas que obtiveram score baixo no teste de QI, saíram-se bem em outras esferas da vida, o que levou o teste a ser questionado e criticado. “A Inteligência é importante demais para ser deixada nas mãos daqueles que testam a inteligência” (GARDNER, 2001 p.13).

Atualmente compreende-se que a inteligência não pode ser medida por um recorte no tempo, ou somente ser feita por meio de testes, ou nas informações que uma pessoa adquiriu até determinado momento de sua vida.

No dicionário Aurélio, a inteligência é definida como, “faculdade ou capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se facilmente; intelecto, intelectualidade, ou ainda destreza mental; agudeza; perspicácia” FERREIRA (2002).

Gardner, (2001, p.47) define a inteligência como:

Um potencial biopsicológico para processar informações que podem ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura. [...] as inteligências

não são objetos que podem ser vistos nem contados. Elas são potenciais- neurais presumivelmente- que poderão ser ativados, dependendo dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nessa cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou suas famílias, seus professores e outros.

Da mesma forma que a inteligência não pode ser medida ou ser deixado de lado questões culturais do indivíduo, a escola também não pode centrar em um só tipo de inteligência ou capacidade. Garder (2000), propõe que a escola deve ser centrada na individualidade, e ainda nos apresenta uma teoria de inteligência, declarando que:

[...] gostaria de introduzir o conceito de uma escola centrada no indivíduo, que considera seriamente esta visão multifacetada de inteligência, Esse modelo de escola baseia-se, em parte, nos achados científicos que ainda não existiam no tempo de Binet: a ciência cognitiva (estudo da mente) e a neurociência (estudo do cérebro). É uma abordagem que chamei de “teoria de inteligências múltiplas” (*ibid*, p.13).

Os estudos de Gardner (2001), sobre inteligências múltiplas oportunizaram o início de uma mudança no que diz respeito a observar e categorizar a inteligência, o que proporcionou ao indivíduo novas abordagens sobre a capacidade e a possibilidade do desenvolvimento cognitivo. O mesmo nomeia as inteligências da seguinte maneira: a inteligência linguística, musical, físico- cinestésica, lógico – matemática, espacial, interpessoal, intrapessoal.

A inteligência linguística descrita por Gardner (2001,p.56), é percebida nos poetas, escritores, locutores, advogados, sendo que estes estão entre pessoas de inteligência linguística elevada. Acrescenta que “ inteligência linguística envolve a sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade de aprender línguas e a capacidade de usar a língua para atingir seus objetivos”.

Ao descrever a inteligência musical, Gardner coloca que “a inteligência musical acarreta habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais”. Músicos, compositores, como Vila Lobos, Chopin, Stauss, possuíam essa inteligência. Desfrutamos até hoje ás maravilhosas melodias. Ao explicitar sobre inteligência físico- cinestésica, Gardner (2001), descreve que:

Acarreta a usar o corpo (como mão e boca) para resolver problemas ou fabricar produtos. Obviamente, os dançarinos, os atores e os atletas põem em primeiro plano a inteligência físico- cinestésica. No entanto, esta forma de inteligência é também importante para

artesões, cirurgiões, cientistas, mecânicos e outros profissionais da área técnica (*ibid*,p.57).

Ou seja, a inteligência físico- cinestésica, é utilizada quando a capacidade do próprio corpo expressa uma qualidade física, como por exemplo jogar, dançar, criar objetos.

Ao descrever a inteligência lógica – matemática, Gardner (2001, p.56) explica como sendo a “capacidade de analisar os problemas com lógica, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente”.

Podemos citar como exemplo Einstein, sem dúvida, poderia ser destacado com uma a inteligência lógica – matemática, por nos fascinar com sua percepção e lógica matemática.

Outra inteligência defendida por Gardner (2001) é definida como inteligência espacial, a qual o cientista descreve da seguinte maneira:

A inteligência espacial tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço. (aquele usado, por exemplo, por navegadores e pilotos) bem como os padrões de áreas mais confinadas (como os que são importantes para escultores, cirurgiões, jogadores de xadrez, artistas gráficos ou arquitetos. (*ibid*, p. 57)

As duas últimas inteligências estão relacionadas à própria pessoa, ao seu modo de ser, assim como o modo da pessoa se relacionar com os outros e de interagir nas relações sociais; sendo elas: a inteligência interpessoal e intrapessoal. Consideramos que essas inteligências estão interligadas com a aprendizagem emocional, assim como a inteligência emocional que será definida no decorrer dessa pesquisa. A inteligência interpessoal pode ser definida como:

[...] A capacidade de entender as intenções, as motivações, e os desejos do próximo, e conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Vendedores, professores, clínicos, líder religiosos, líderes políticos e atores precisam ter uma inteligência interpessoal aguda (GARDNER, 2001, p.57-58).

As pessoas que são de fácil relacionamento com certeza possuem essa inteligência e conseguem fazer de sua convivência com o outro algo agradável. Na escola, muitas vezes nos deparamos com alunos que têm uma facilidade em conviver de maneira harmoniosa com os demais. Por outro lado, alguns alunos demonstram dificuldades nessa convivência e levam esse problema para a vida adulta.

No que diz respeito a inteligência intrapessoal, a mesma “envolve a capacidade de a pessoa se conhecer”, ou seja inclui aí os desejos, os medos as capacidades. Poderia ser definida também como o conhecimento dos aspectos internos do indivíduo. As pessoas que possuem essa inteligência podem ter um modelo viável e efetivo de si mesma. (GARDNER, 2001 p.58).

As duas últimas inteligências estão relacionadas ao modo de ser de uma pessoa e sobre a sua aceitação e relacionamento com o outro. Sendo também as mesmas consideradas como base para uma vida emocional equilibrada do ser humano.

Nesse sentido é importante para essa pesquisa a contribuição de Daniel Goleman (1995), que em seu livro *Inteligência Emocional* descreve uma série de capacidades que tem a ver com o conhecimento de emoções, controle de emoções e a sensibilidade para os estados emocionais com os outros.

Goleman (1995, p. 46), define a inteligência emocional como sendo:

[...] talentos como a capacidade de motivar-se e persistir diante as frustrações; controlar os impulsos e adiar a satisfação; regular o próprio estado de espírito e impedir que a aflição invada a capacidade de pensar criar empatia e esperar.

Para os autores Salovey e Sluyter trazem o conceito de que:

Inteligência emocional é a inteligência que envolve a capacidade de perceber acuradamente, avaliar e expressar emoção; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção ;e a capacidade de controlar emoções reflexivamente, de modo a promover o crescimento emocional e intelectual (1999, p.39).

Observamos, portanto, que a inteligência emocional deve privilegiar, a ação do pensamento sobre o sentimento e não ser simplesmente entendida como saber controlar as emoções.

Segundo Salovey (1997, p.401), a inteligência emocional pode ser definida como uma capacidade de:

[...] perceber, avaliar e expressar emoções com precisão; a capacidade de acessar e/ou gerar sentimentos quando estes facilitam o pensamento; a capacidade de entender as emoções e o conhecimento emocional e a capacidade de regular emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

Ainda para esse mesmo autor, as pessoas que apresentam uma prática emocional bem desenvolvida tem maior probabilidade de sentirem satisfeitas, de bem com os outros e consigo mesmas, por outro lado as pessoas que não

conseguem desenvolver essa prática, geralmente travam batalhas internas, sentem-se muitas vezes insatisfeitas e infelizes, salienta ainda que:

Quando as emoções são abafadas demais, criam o embotamento e a distância; quando descontroladas, extremas e persistentes demais, tornam-se patológicas, como na depressão paralisante, na ansiedade esmagadora, na raiva demente e na agitação maníaca.(GOLEMAN, 1995,p.69).

Goleman (1995), diz que é necessário desenvolver nas crianças aptidões emocionais que podem ser apreendidas e melhoradas, se a família e os educadores ensiná-las. Considera ainda que o domínio do campo emocional é complicado porque as aptidões geralmente ocorrem quando as crianças estão em geral, menos capazes de receber nova informação, pois geralmente é abordado sobre as emoções quando ocorre algo conflitante entre as mesmas, ou seja, durante uma briga, ou discussão.

As características da Inteligência Emocional segundo Goleman (1995) é baseada em cinco componentes e segundo o autor está intimamente ligada à definição de caráter,sendo elas; Autopercepção incluem autoconfiança e consciência das emoções compreendendo e manejando nossas próprias emoções de modo a saber o comportamento correto diante de cada situação; Auto-regulação incluem o autocontrole, em utilizar nossas emoções de forma que favoreçam o dia-a-dia; Motivação é ser perseverante diante de situações que possam nos causar frustração, é utilizar nossos desejos para nos alavancar em direção aos nossos objetivos; Empatia é criar conexões afetivas com um número grande de pessoas, é perceber seus anseios e utilizá-los de forma favorável para cultivar a sintonia com o maior número de indivíduos possível. Habilidade social é a capacidade de compreender as redes sociais, interagindo com facilidade, ser capaz de liderar as situações, ser um bom negociador, ter habilidades com equipes e grupos e facilidade para solucionar divergências.

Mesmo sendo distintas há uma relação entre as teorias da inteligência múltipla e da inteligência emocional, pois o objetivo das mesmas não está centrado em mensurar a inteligência, mas sim em otimizá-la. A maior diferença entre elas talvez esteja no fato de que Goleman (1995), faz um detalhamento maior ao papel das emoções. Porém as duas teorias podem auxiliar as crianças a adquirirem uma aprendizagem emocional, porém é necessário que essa aprendizagem ocorra por meio de uma educação emocional.

Concordamos que ter uma educação emocional é uma necessidade no tempo em que se vive. Sempre que abrimos uma revista ou assistimos a um jornal nos deparamos com situação que nos deixam paralisados, filhos que matam os pais, crianças que agredem colegas na escola, a violência exacerbada, o roubo, percebemos um desequilíbrio emocional muito presente em nossa sociedade, pois:

As notícias de todo o dia nos chegam peçadas de informações sobre a desintegração da civilidade e da segurança, uma onda de impulsos mesquinhos que corre desenfreada. Mas as notícias apenas refletem de volta, em maior escala um arrepiante senso de emoções descontroladas em nossas vidas e nas das pessoas que nos cercam. Ninguém está protegido dessa instável maré de descontrole e arrependimento, que alcança nossas vidas de uma maneira ou outra (GOLEMAN, 1995 p. 10).

Por esse motivo, a Educação Emocional das crianças precisa tornar-se parte do currículo das escolas, porém não pode ser vista como um fenômeno exclusivamente escolar. Consiste num processo de construção permanente que se origina na família, passando pela escola e sendo contínuo por toda a vida.

Portanto, é necessário alertar que a educação emocional não é uma receita ou algo que vai resolver todos os problemas, pois essa educação tem como premissa o crescimento emotivo-intelctual do ser humano e deve ser vista como uma forma otimizadora do processo cognitivo.

Apresentaremos no próximo capítulo, a análise dos dados coletados com os professores de Educação Física.

4 ° SOAR DO APITO: REFLEXÕES E ESCUTA DE PROFESSORES

Nesse capítulo, apresentaremos reflexões sobre a escuta de dez professores de Educação Física, atuantes em sala de aula, que se dispuseram a participar dessa pesquisa. Procuramos, nesse momento, articular os dados empíricos à fundamentação teórica previamente sistematizada, sempre respeitando os passos metodológicos pré-estabelecidos e os objetivos traçados para a pesquisa.

A coleta dos dados orientou-se pelos objetivos específicos e cada professor foi identificado por uma cor de apito; preto, azul, rosa, cinza, vermelho, lilás, verde, branco, amarelo e laranja. Essa opção de dar codinomes aos entrevistados teve como finalidade proteger as identidades dos professores e foi combinado previamente durante as entrevista que o sigilo seria mantido.

Para compreender qual o entendimento que professor de Educação Física, tem sobre aprendizagem emocional foi necessário permitir-nos pensar além da razão e ponderar dados sobre sua vida profissional e pessoal. Consideramos a afirmação de Maturana (1995), de que todo sistema racional emerge como um sistema de coordenações, tendo como base as emoções vividas no instante em que estamos pensando. Para esse cientista, a existência humana se realiza na linguagem e no racional a partir do emocional e todas as dimensões humanas estão mutuamente implicadas.

As entrevistas foram realizadas por meio de perguntas abertas e fechadas, em blocos previamente definidos pela pesquisadora e orientadora. Os depoimentos foram analisados e relacionados com os objetivos da pesquisa.

Os professores de Educação Física, mostraram interesse pela pesquisa, estavam cientes e concordaram que a mesma fosse utilizada de forma anônima para fins dessa investigação. As entrevistas tiveram duração aproximada de 20 minutos e foram realizadas no local de trabalho dos mesmos (ginásio de esporte).

Para a investigação do entendimento do professor de Educação Física acerca da aprendizagem emocional, que para Moreno e Sastre (2002), consiste em trabalhar com os sentimentos e as emoções dos alunos, com o intuito de promover o progresso dos mesmos no campo das relações interpessoais. Os dados passaram pela análise de conteúdo e por meio dessa estratégia metodológica, adquiriram novos significados.

Os resultados encontrados foram reunidos em três eixos de acordo com os objetivos específicos. São eles:

4.1- Quem é esse professor?

4.2 Possibilidades da aprendizagem emocional na Educação Física escolar;

4.3 A prática pedagógica frente aos desafios da aprendizagem emocional na Educação Física escolar

Os referidos eixos obedecem à organização interna do roteiro da entrevista e permitem ao leitor conhecer os entrevistados e suas concepções acerca da aprendizagem emocional.

Optamos por transcrever na íntegra, as respostas dos professores que em nosso ponto de vista esclareciam nossos questionamentos. Ao leitor, cabe a opção de centrar-se nos destaques que foram feitos ou no percorrer de toda a resposta. De nossa parte, decidimos apresentar a fala completa oportunizando assim ao leitor a opção de uma informação mais contextualizada. Também optamos por deixar em negrito, o que consideramos importante para as reflexões da nossa pesquisa.

4.1 QUEM É ESSE PROFESSOR?

Mas afinal, quem são esses professores? Para responder esse questionamento inicial procuramos centrar-nos nas seguintes informações: gênero, idade, tempo de atuação e formação profissional.

Dos professores entrevistados seis são do gênero masculino e quatro do gênero feminino. As idades variaram entre 25 e 50 anos, tendo o tempo de atuação como professor de Educação Física de 6 a 30 anos.

Embora todos os professores entrevistados tenham concluído o curso de licenciatura em Educação Física, eles não possuem uma trajetória acadêmica. Três entrevistados apontaram ter somente a graduação. Observamos que no nível de especialização, quatro entrevistados relataram possuir essa titulação. No que se refere ao mestrado dois professores entrevistados possuem. Percebemos portanto, que há pouco interesse no que diz respeito à busca do mestrado e de outros conhecimentos. Neste sentido Rios (2010, p. 24) faz a seguinte crítica:

O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores.

Cabe portanto ao educador, estar em busca de novos conhecimentos, pois se espera que o mesmo tenha compreensão do mundo que vive, para entender o contexto da escola e de seus alunos. Sendo assim, consideramos a busca pelo aperfeiçoamento uma constante na vida do educador.

Na sequência, apresentaremos as reflexões realizadas na primeira categoria de nossa pesquisa de campo.

4.2. POSSIBILIDADES DA APRENDIZAGEM EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Neste item, constatamos a opinião dos professores como trabalhar as emoções de seus alunos durante as suas aulas, a compreensão dos mesmos sobre a aprendizagem emocional, solicitando aos mesmos um relato sobre alguma situação emocionalmente difícil, vivida junto a seus alunos e quais os encaminhamentos para possível solução da mesma.

Ao iniciar a entrevista, realizamos a seguinte questão desencadeadora: Professor em sua opinião é importante trabalhar as emoções de seus alunos? Podemos aprender como lidar com as nossas emoções? Como você faz isso?

As contribuições apresentadas por todos os entrevistados foram de que é importante trabalhar as emoções dos alunos e que se trata de um aprendizado mútuo conforme o professor do apito preto relatou:

Com certeza, trabalhar as emoções dos nossos alunos é bem importante. **Podemos aprender e ensinar a lidar com as emoções por meio de reflexões**, exemplos passados por nós para os alunos, pela nossa experiência e pela experiência deles, fazendo uma correlação entre a nossa experiência e o convívio atual deles.

Nota-se que para esse professor trabalhar com as emoções dos alunos requer a reflexão de atitudes tanto do professor quanto do aluno, ou seja, é uma relação de troca. Refletir implica em analisar criticamente o trabalho que estamos realizando. Quando refletimos sobre nosso trabalho, podemos questionar a sua importância, e o seu real significado para a sociedade que estamos construindo (RIOS, 2010). Do mesmo modo o professor do apito azul pontuou:

É muito importante eles saberem controlar suas emoções. Eu acho fundamental aprender essa habilidade de controlar as emoções. **Nos jogos de futebol, por exemplo, o aluno tem que controlar as emoções.** Então, eu oriento bastante por meio de diálogos e reflexões e também desenvolvendo jogos cooperativos.

A resposta do professor do apito azul, nos fez refletir sobre um problema que ocorre com frequência entre torcidas organizadas, principalmente nos estádios de futebol: a violência. Sabemos que todo o ser humano é movido pela emoção, e em uma partida de futebol pode ocorrer com algumas pessoas uma explosão dessas emoções, dentre elas a alegria ou a tristeza. Dependendo do resultado da partida, muitos expressam esses sentimentos com agressões físicas e verbais, ou seja, não conseguem controlar seus sentimentos.

Trazemos como exemplo, o fato ocorrido no dia 08/12/2013 publicado pelo jornal Zero Hora (2013), entre as torcidas organizadas dos times Vasco da Gama e Atlético Paranaense, onde muitos torcedores ficaram feridos durante uma briga na arquibancada.

Como educadora, refleti que essas pessoas que começaram com essa violência, passaram por um “banco escolar”, e o que a escola fez? Sem querer imputar à escola a culpa desse ocorrido, o exemplo citado nos faz refletir sobre a importância de resgatar o esporte na escola como um instrumento educativo. Saber ser torcedor e lidar com suas emoções é também uma questão importante para o planejamento dos professores de Educação Física.

Quando falamos de emoções, estamos quase sempre procurando desvalorizar as emoções, pois “não vemos o entrelaçamento entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional” (Maturana, 1998, p.15).

No livro Amar e Brincar - Fundamentos Esquecidos do Humano de Maturana & Verden-Zoller (1993), discutem os fundamentos da condição humana que permeiam o afetivo e o lúdico. Destacam como a cultura do patriarcado Europeu nos levou à atual situação de autoritarismo, dominação, competição, desrespeito à diversidade biológica e cultural é profunda ignorância do que são os direitos humanos. Nesse sentido, é preciso retomar à discussão sobre respeito entre homem e mulher, diferença e direitos no próprio planejamento.

A vida humana, e de todos os seres vivos é vivida no fluxo das emoções que constitui o cenário básico de nossas ações. Dessa forma, são nossas emoções (desejos, alegrias, medos, ambições...) - e não a razão - que determinam, a cada momento, o que fazemos ou deixamos de fazer.

Maturana & Verden-Zoller (1993, p.63), apontam em suas reflexões que para vivermos num mundo melhor, é preciso considerar que “a aprendizagem do emocional é transferível”, sintetizam portando, a ideia de que é no presente com as crianças que tecemos as novas redes de sustentação para a comunidade humana.

Nessa mesma direção, sobre a importância de trabalhar as emoções dos alunos e a necessidade de aprendermos sobre como lidar com as mesmas, o professor do apito vermelho afirmou:

O professor de Educação Física é inerente ao trabalho com a emoção, até em função do tipo de atividade que desenvolvemos não tem como nós não trabalharmos a questão emocional dos nossos alunos, seja em competições, ou seja, durante o nosso dia a dia durante a aula. Como que a gente pode aprender a lidar com as nossas emoções? **Em função das situações que aparecem durante a própria aula**, nós vamos trabalhando dentro do que vai aparecendo, nós já vamos aproveitando a situação ensinado e mostrando para o nosso aluno como pode, trabalhar, controlar aproveito as situações que ocorrem nas aulas.

Percebemos que as respostas dos professores dos apitos branco, verde, azul, amarelo e cinza coincidem no aspecto da relevância de se trabalhar as emoções nas aulas de Educação Física, pois durante a mesma, emergem muitas situações conflituosas. Notamos também que se aproximam do tema por meio de reflexões, diálogos, com situações decorrentes durante a aula, e por meio não do incentivo à competição, mas aos jogos cooperativos. Sendo assim, as emoções não são tratadas isoladamente, em um único momento, mas sim fazendo conexões com o que está acontecendo. Capra, a respeito disso comenta:

Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos o que significa que estão interligados e são independentes (2001, p.23).

Essa interdependência também nos fez, no decorrer das entrevistas, questionar os professores sobre compreensão que os mesmos têm por aprendizagem emocional. O professor do apito verde compreende que:

[...] seria o aluno conseguir aprender a controlar suas emoções para não atingir o outro. Vejo que para que aconteça essa aprendizagem emocional precisamos ter nas escolas profissionais como psicólogos para auxiliar os alunos e até mesmo os professores, por que eles já vêm de situações difíceis, **a família não está mais presente**, o filho fica a margem, as crianças mudaram muito de uns 10 anos atrás.

O professor do apito verde, nos fez refletir sobre a importância que a família tem na construção de vínculos afetivos, pois o vazio deixado pelos pais pode

provocar grandes perdas na formação das crianças. Entretanto se o professor buscar ampliar seu arcabouço teórico sobre as expressões das emoções, mais ele terá condições de guiar jogos cooperativos favorecendo o respeito e ações educativas. No que diz respeito à ausência da família, consideramos:

A família, enquanto instituição socializadora primeira tem na criação de vínculos afetivos uma das suas atribuições básicas [...] Observamos que em algumas escolas particulares que a criança tem tudo em termos materiais (estojo sofisticado, canetas de todos os tipos, coleção de borrachas e grafites), mas falta o principal: a atenção o carinho, a certeza do amor. A relação amorosa presente na família é o forte elo nas relações da criança com o mundo (VASCONCELOS, 2009, p.202).

Entender melhor o que fazemos ou não fazemos como os membros da família, considerando os fundamentos emocionais do nosso ser cultural, nos leva ao entendimento e a percepção do que influencia nossas ações.

Para o professor do apito azul, a aprendizagem emocional consiste em “aprender a controlar as emoções nos extremos, por exemplo, quando perde um jogo não ficar irritado quando ganha não ficar tão eufórico” Colaboram nessa discussão, Moreno e Sastre (2002, p.51):

Se não há uma aprendizagem, o sujeito recorre a “cortar com os dedos”. No caso dos conflitos, isto supõe deixar-se levar pelas emoções e pelos impulsos sem nenhuma reflexão prévia que conduz a respostas primitivas, tais como agredir, inibir-se para agir, esconder-se no ressentimento e outras respostas afins.

Contribuindo com a afirmação de que a aprendizagem emocional consiste em aprender a respeitar o outro, a controlar as suas emoções no sentido de não agir sem pensar, o professor do apito cinza, afirma que é preciso também saber lidar com as situações emocionais, ou seja, destaca que a aprendizagem emocional consiste em: “aprender a lidar com situações de tristeza, de alegria, de conflitos entre os alunos entre nós mesmos; e você aprender a refletir as suas atitudes”.

Nessa direção, o professor do apito lilás, enfatizou que a aprendizagem emocional consiste em:

Aprender a conviver entre eles, porém, essa convivência está muito difícil, eles não sabem mais trabalhar em grupo, o contato entre eles geram muitas confusões, e a aprendizagem emocional é o aluno saber portanto como fazer o contato sem machucar o outro. Eles têm medo do contato, ser tocado e deixar ser tocado, eu acredito que essa falta de aprendizagem emocional vem da família, e as famílias estão muito agressivas. Trabalho em um escola de periferia, onde às

vezes o pai é alcoólatra ou mãe então a convivência entre eles é complicada.

Ou seja, a escola é um espaço coletivo de convivência e diversidade. Precisamos ensinar nossos alunos a conviver em harmonia, a cooperar e zelar pelo outro, pois:

Viver em sociedade é um exercício de solidariedade e cooperação destinado a gerar estados de bem estar para todo o mundo, em níveis cada vez mais amplo e complexo. Sendo um exercício carece da convivência consciente de atitudes valores e significados (BROTTO, 2013 p.36).

Lembrando que para Maturana & Verden-Zoller (1993,p.7) “... digo que o que nos constitui como seres humanos é nossa existência no conversar”. Para os autores, precisamos e aprendemos a viver no conversar como uma maneira cotidiana de vida que se conservou ao longo das gerações, pela aprendizagem dos filhos.

Nessa conversação, vale ressaltar que o professor necessita conhecer e praticar os princípios do saber conviver durante as suas aulas. Por meio deste saber poderá alcançar a solidariedade e uma convivência mais harmônica e humanizada entre os alunos, sendo assim:

[...] A solidariedade e o novo espírito comunitário podem ressurgir naturalmente como princípios orgânico e organizador da vida, como alternativa á exclusão e a desvitalização suicida doo tecido social. Neste quadro, as instâncias básicas e estáveis da socialização como a família a escola são reconvocadas a reassumirem o seu papel nuclear na implantação dos alicerces duradouros da sociedade do futuro (CARDOSO, *apud*, DELORES et AL., 2003 p.22).

O professor do apito preto nos relatou que considera difícil trabalhar a aprendizagem emocional quando o próprio professor não sabe aceitar e compreender suas próprias emoções. Ou seja, explica que para auxiliar seus alunos nessa aprendizagem é necessário lidar primeiramente consigo e ter disponibilidade para mudar. Sendo assim, destaca: “A partir do momento que o professor está bem emocionalmente, poderá ajudar os seus alunos. Eu não posso ensinar a lidar com as emoções se eu não estou bem comigo mesmo”

As contribuições dos professores dão ênfase à importância de se trabalhar com as emoções dos alunos, principalmente com o intuito de desenvolver a formação humana.

Dessa forma, cada vez que distinguimos uma emoção em nós mesmos, fazemos uma apreciação das ações possíveis que poderão acontecer. Assim, ao

falar de amor, medo, vergonha, inveja, pode fundamentar discussões educativas e reflexivas tanto para o professor como para o aluno.

No decorrer da entrevista, solicitamos aos professores que relatassem uma situação em que se envolveram emocionalmente e qual foi a solução encontrada para a mesma. O professor do apito amarelo, expôs a seguinte situação emocionalmente difícil:

Onde trabalho vejo muitas histórias tristes, às vezes chego em casa e não tenho nem vontade de comer. Mas a que me deixou muito abalada ocorreu no ano passado. Tem um aluno que eu particularmente gosto bastante. Ele é inteligente, gosta da Educação Física, mas com os outros professores ele tem muitos problemas. Eu não vejo problema nele, mas ele é agitado demais. Quando fui conversar com ele para entender um pouco, cheguei até chorar. Ele me contou que foi abandonado pela mãe, que ela se separou do pai dele e não quis leva-lo junto. Dai ele teve que morar com o pai e a vó. Ele me contou que sentia a rejeição da mãe, e que seu pai era muito doente. Tinha uma obesidade mórbida, mas era uma pessoa maravilhosa. **O aluno tinha uma frustração muito grande por ter sido abandonado e porque o pai era gordo.** Chegou um tempo que percebemos que ele estava ficando muito quieto, fraco, qualquer coisinha desmaiava. Dai descobri que ele comia e logo após se dirigia ao banheiro para vomitar, porque não queria ficar gordo igual o pai. Ele achava que a mãe não quis o pai por que ele era gordo. Não deu uns dois meses o pai morreu. O maior sentimento do menino é que a mãe não veio no velório. Agora ele mora com a vó. Encaminhamos ele para o psicólogo para ajudar ele, Hoje ele está melhor. **Mas essa não é ainda a pior historia, tem a questão de muito abuso sexual, agressões físicas e verbais dos pais.**

Portanto, para entender o que acontece numa conversação, é preciso prestar atenção nesse entrelaçamento entre emoções e linguagem, como afirma Maturana &...(1993, p.9):

Por causa do contínuo entrelaçamento do linguajar e do emocionar que implica o conversar, as conversações recorrentes estabilizam o emocionar que elas implicam. Ao mesmo tempo, devido a esse mesmo entrelaçamento do linguajar com o emocionar, mudanças nas circunstâncias do viver que modificam o conversar implicam alterações no fluir do emocionar, tanto quanto no fluxo das coordenações de ações daqueles que participam dessas conversações.

E assim, o professor pode acalmar seu aluno orientando-o no sentido de novas emoções. Na continuidade, trazemos o relato do professor do apito rosa, o qual nos emocionou tendo em vista o contexto de vida do aluno acrescido da história da irmã conforme relato que se segue;

[...] a situação emocional mais complicada foi quando a irmã de uma aluna **se enforcou aos nove anos de idade**. A família não soube o motivo, pois a menina aparentava ser uma criança normal [...] converso muito com essa aluna, mas não é uma situação fácil.

O desafio que percebemos ao analisar esse depoimento é que existe por parte destes professores uma preocupação em trabalhar as emoções dos seus alunos. Entretanto, uma lacuna teórica pode impedir a atuação de tais professores no trato dessa emoção.

Retomamos então o aporte teórico de Maturana, para ressaltar que as emoções constituem o fundamento de nossos afazeres. As emoções são centrais na evolução de todos os seres vivos, porque definem o curso de seus fazeres, sendo assim:

As emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições a razão: *as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos*. Uma mudança emocional implica uma mudança de domínio da ação. Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo por uma emoção que a torne possível (MATURANA, 2002, p.92).

Na verdade, não estaremos como professores enfrentando uma realidade estável, homogênea e determinada. Mas momentos incertos, complexo, e aluno/sujeito imprevisível numa sala de aula cheia de emergências que requerem processos auto-eco-re-organizadores para os quais não estamos, individual e coletivamente, preparados.

O tecido social se constitui também na escola, por isso, a necessidade da contextualização da problemática da aprendizagem emocional é importante e fundamental, para mudar a vulnerabilidade da convivência com a qual nos deparamos, hoje.

Finalizamos esse eixo de discussão, considerando que os professores entrevistados pensam ser importante trabalhar a aprendizagem emocional de seus alunos. Porém, percebemos que há uma lacuna teórica por parte dos professores, como citamos anteriormente, que os impede de avançar nessa direção.

Constatamos também, por meio dos relatos dos professores que há o mesmo comprometimento na estrutura familiar que acaba não favorecendo a aprendizagem emocional. Nesse sentido, é preciso intensificar os mais diferentes diálogos, para compreender e apoiar família e escola que se apresentam como ambientes educacionais de excelência.

4.3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Nesse eixo consideraremos a prática pedagógica dos professores e o desafio da aprendizagem emocional. As construções teóricas, as implicações de alguns princípios do Pensamento de Maturana e Varela, do Pensamento Complexo de Edgar Morin, entre outras teorias correspondentes, as discussões contemporâneas seguem fundamentando essas reflexões.

Assim, essas teorias nos esclarecem a importância da reforma do pensamento, como pretende Morin (2003), de se fazer materializar o pensamento ecossistêmico na educação (Moraes, 2004), para que as novas gerações possam aprender a religar os saberes, e também a religar tudo aquilo que precisa ser religado na tentativa de melhor compreender a vida e a ideia de uma cidadania planetária.

O educar ocorre de forma contínua e de maneira recíproca. Maturana (1999) compreende que a educação é um processo de transformação na convivência, por meio do qual o ser aprendente se conserva em sua humanidade ou se perde no devir da história, a partir de sua formação.

Sendo assim, a prática pedagógica pode ser entendida como um processo de aprendizado mútuo, de transmissão e conservação de saberes e também de possibilidades para a criação de outros tantos. Esse processo articula teoria e prática da docência. Porém, para não se sentirem ultrapassados durante a sua prática pedagógica, “os professores precisam urgentemente de se recontextualizarem na sua identidade e responsabilidades profissionais” (ALARÇÃO, 2003 p.32).

Dessa forma, perguntamos aos professores o que caracterizou sua formação acadêmica; uma formação que priorizou a técnica esportiva ou a formação humana? Quais as mudanças percebidas por eles na Educação Física escolar no século XIX? O que priorizam em seus planejamentos anuais, quais as emoções que observam em suas aulas e, se consideram a formação humana importante, de que maneira eles proporcionam a formação humana de seus alunos? Para finalizar, como esses professores auxiliam seus alunos nos conflitos emocionais e interpessoais que podem emergir durante a aula.

Com relação às características da formação acadêmica dos professores entrevistados, percebemos que todos tiveram uma formação voltada para a parte técnica da Educação Física, e alguns relataram sentir falta de uma formação humana.

O professor do apito azul afirmou que sua formação foi “100% técnica”, relatando ainda que “na época as aulas na Universidade eram voltadas totalmente à formação técnica”. Os professores dos apitos: verde, branco, vermelho, amarelo, concordam no sentido de que, os docentes pareciam estar mais preocupados em ensinar as regras, e as técnicas das modalidades esportivas aos acadêmicos. Nessa mesma perspectiva, o professor do apito cinza comentou:

Na universidade tive 100% da formação técnica, até por que você não pode ser um bom profissional sem ter a formação técnica, mas é preciso ter a formação humana porque trabalhamos com pessoas. A formação humana eu tive em casa na família e com os amigos.

No depoimento dos professores dos apitos: laranja, preto, rosa, lilás, amarelo, ficou evidente que fez falta o estudo sobre a formação humana e das emoções durante o período em que se encontram na Universidade. Relataram, que, por diversas vezes durante sua prática pedagógica, não souberam agir com seus alunos de uma maneira mais humana.

Os professores dos apitos laranja e amarelo, assim descreveram suas experiências “aprendemos a lidar com as emoções dos nossos alunos na prática, durante as aulas, [...] eu tinha muitas dúvidas de como agir com meus alunos de uma maneira mais humana. Isso, a Universidade não ensinou”.

Para Maturana, ensinar é criar um espaço experiencial. Criar circunstâncias para que a aprendizagem verdadeiramente aconteça, dentro e fora da escola. Para ensinar não basta instruir, mas experimentar já que aprendizagem envolve as capacidades sensório-motoras (percepção e ação), dependendo dos contextos biológico, psicológico, sócio-cultural e emocional. Aula, como cenário ou oficina, como espaços conversacionais dinâmicos como convém à Educação Física.

Nos depoimentos, ficou evidente que nas disciplinas cursadas durante a graduação, não havia a preocupação com a formação humana.

Ao contrário do que destacamos, o professor do apito vermelho, comentou que não sentiu falta da formação humana, relatando-nos:

Minha formação acadêmica foi altamente técnica. Sou filhote de uma **educação física mais militarista**, não senti falta da formação humana. Fui aprendendo com a experiência, a minha formação

enquanto pessoa eu trouxe de casa, como por exemplo, valores, mas na minha aula enquanto professor, sempre trabalhei muito a questão humana, mas na graduação não senti falta.

O período sinalizado pelo professor acima mostra a característica de sua formação. Sabemos que a Educação Física no Brasil teve forte influência do militarismo tendo como objetivo principal o “adestramento do físico”. Neste sentido Soares *apud* CARNEIRO (2012 p. 67) nos traz a seguinte contribuição:

[...] nesse período, a Educação Física escolar era entendida como atividade exclusivamente prática, fato que contribuía para não diferenciá-la da instrução física militar. Certamente também não houve uma ação teórico- prática de crítica ao quadro apontando, no sentido de desenvolver um corpo de conhecimento científico que pudesse imprimir uma identidade pedagógica à Educação Física no currículo escolar.

À luz do pensamento de Medina (2013, p.66), fica evidente que as práticas vivenciadas pelos acadêmicos de Educação Física na Universidade precisam ser modificadas:

Enquanto as escolas de Educação Física não se convencerem de que a par das informações técnica dada aos alunos, devem dar a eles subsídio que os ensinem a viver mais plenamente todas as suas dimensões intelectuais, sensoriais, afetivas, gestuais e expressivas, estarão sendo inautênticas pobres e insignificantes no que diz respeito a promover vidas mais cheias de vida.

Neste sentido, afirmamos que o papel da Universidade como um dos espaços educativos formalizados, e da produção do conhecimento científico, seja também o da formação humana, pois:

O mundo atual estaria a exigir: pessoas que saibam trabalhar em equipes, que saibam administrar suas emoções não se sobrepondo aos demais, que saibam ouvir e dar espaço para a fala do outro (GOHN, 1997, p.3).

Sendo assim, durante o curso de graduação ou de especialização torna-se fundamental, trabalhar com as emoções, formar pares, dialogar com o outro, colocar-se no lugar do outro, pois diante da complexidade que permeia a vida é impossível para o sujeito realizar-se mediante o descontrole emocional e atividade solitária.

Nossa preocupação neste momento se desloca para as estratégias de ensino e de aprendizagem prazerosas, criativas, acolhedoras, interativas, geradoras de ambientes de aprendizagem onde pensamentos e crenças possam influenciar positivamente os comportamentos tanto de alunos quanto dos professores.

Ambientes que favoreçam o desenvolvimento das inteligências individuais e coletivas, para a evolução do pensamento, da razão e da emoção. Tudo isto logicamente associado à necessidade de maior conscientização político-social de natureza transformadora, como pretendia Paulo Freire.

As reflexões realizadas até aqui, demonstram o universo complexo que envolve a formação profissional do professor de Educação Física e do aluno, levando em consideração a aprendizagem emocional. Conscientes ou não, somos co-responsáveis pelo que acontece ao nosso redor, com os nossos alunos pois, estamos informacionalmente acoplados ao ambiente em que vivemos/convivemos.

Na sequência da entrevista, os professores foram questionados se percebem mudanças na prática pedagógica do professor de Educação Física, na última década e o que eles destacariam.

Sabe-se que a Educação Física baseava-se de modo geral em um caráter biologicista e mecanicista, promovendo uma pedagogia tecnicista centrada no professor, na qual os conteúdos remetem ao desenvolvimento da aptidão física e das habilidades desportivas, neste sentido compreendemos:

[...] a Educação Física, filha do liberalismo e do positivismo, deles absorveu o gosto pelas leis, pelas normas, pela hierarquia, pela disciplina, pela organização da forma. Do liberalismo, forjou suas 'regras' para os esportes modernos (que, não por acaso, surgiram na Inglaterra), dando-lhes aparência de serem 'universais' e, deste modo, permitindo a todos ganhar o jogo e vencer na vida pelo seu próprio esforço. Do positivismo, absorveu, com muita propriedade, sua concepção de homem como ser puramente biológico e orgânico, ser que é determinado por caracteres genéticos e hereditários, que precisa ser 'adestrado', 'disciplinado'. Um ser que se avalia pelo que resiste (SOARES, 2001, p. 62).

Em meados dos anos 80, ocorreu a chamada crise de identidade da Educação Física, e tivemos o início de debates e discussões sobre o objeto de estudo da área, questionando principalmente o paradigma educacional, ou seja:

Essa crise foi gerada e deu origem ao chamado movimento renovador da educação física brasileira. Naquele momento, o que foi colocado em questão foi o sentido, a função educacional da educação física no sistema educacional brasileiro, concomitantemente ao questionamento radical da função social de tal sistema (MEDINA, *apud* BRACHT, 2013 p.99).

Essa crise assumiu, em algumas vertentes, uma conotação de viés mais pedagógico. Esse movimento buscou uma perspectiva social de educação, criticando a visão fragmentada do ser humano, o reducionismo biológico, a

mecanização e a automatização de movimentos a que os indivíduos eram sujeitados pelo paradigma da aptidão física.

Frente a essas mudanças que ocorreram na Educação Física, o professor do apito rosa comentou;

O que percebo é que antigamente era mais técnico. Buscava-se o rendimento era a equipe de vôlei, basquete, handebol, hoje percebo inclusão, integração a participação de todos, e devemos desenvolver o gosto dos alunos pela atividade física.

Percebemos assim, que um dos objetivos encontrados nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, propõe como princípio básico a necessidade das aulas serem dirigidas a todos os alunos, descrevendo que:

A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e validação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimentos, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência (PCN 1998 ,p.19).

A observação do professor do apito amarelo sobre as mudanças ocorridas na Educação Física, nos orienta na perspectiva de que “o professor consciente mudou bastante. Ele se voltou mais para o humano”. Nesse mesmo sentido, o professor do “apito laranja” relata que ocorreram mudanças significativas trazendo como exemplo um fato ocorrido em sua infância:

Eu me lembro das minhas aulas de Educação Física na escola. **Nós não tínhamos tanta informação como os alunos tem hoje em dia, sobre saúde, qualidade de vida, alongamento [...]** o conhecimento de exercícios direcionados para cada modalidade, a gente só aprendia as regras do jogo mas não aprendíamos a respeitar o outro.

O professor dá destaque à mudança e à reforma do pensamento conforme enfatiza Morin (2003), ao falar da articulação, religação dos saberes. Um tempo no qual necessitamos de espaços que favoreça o aprendiz e a fruição de suas emoções. Espaços amorosos, não competitivos, mas facilitadores de processos cooperativos.

Consideramos que o professor é um elemento dinamizador na vida dos alunos, não apenas para o repasse de informações, mas também pela possibilidade de assimilar e de construir novas informações. Alarcão (2003, p.30), nessa direção, traz a seguinte contribuição:

Haverá alunos que não vão precisar de muita informação substantiva dos professores, embora precisem da informação processual no

sentido de a digerirem e criticarem. Porém outros alunos necessitarão que o professor os informe sobre a substância e sobre o processo.

Na continuidade da análise dos depoimentos e escuta sobre as mudanças significativas na Educação Física, os professores correspondentes aos apitos: vermelho, verde, lilás e branco, perceberam mudanças, relataram que as mesmas não são tão boas. O professor do apito vermelho apresenta suas dúvidas sobre essa mudança relatando que:

Não sei se essa mudança é positiva ou negativa, por exemplo, o perfil dos acadêmicos de Educação Física mudou. Antigamente o acadêmico era voltado ao esporte, o perfil de atleta tinha um vínculo com o esporte, sendo assim as aulas eram mais voltadas ao esporte.

Destaca certa desconfiança quanto à mudança paradigmática em Educação que junta razão e emoção. Talvez porque o perfil técnico do esportista seja mais convincente para a Educação Física. A razão se sobrepondo à formação humana.

O professor do apito lilás relatou sua indignação “alguns professores têm muita falta de compromisso. Muitos deles no horário da aula oferecem uma bola os alunos e vão ler jornal”. E a aula exige conversação, escuta, orientação. Como ressalta Morin (2000, p. 61), a criação humana em sua multidimensionalidade, brota da união entre as profundezas obscuras psicoafetivas e a chama viva da consciência.

Os professores dos apitos verde e branco concordaram no sentido de que alguns professores de Educação Física, não estão preocupados em ensinar o essencial desta disciplina que é o esporte. Deixam sempre os alunos à vontade para realizar qualquer atividade.

Mediante esta questão, Medina (2013), argumenta que a Educação Física precisa entrar em crise novamente caso pretenda evoluir, pois:

A crise é um instante decisivo, que traz a tona praticamente todas as anomalias que perturbam um organismo, uma instituição, um grupo ou mesmo uma pessoa. E esse é o momento crucial em que se exigem decisões e providências rápidas e sábias, se é que pretendemos debelar o mal que nos aflige. Muitas vezes por trás de certas situações de aparente normalidade, escondem-se a mais variada distorção ou patologias, que, em virtude daquela aparência, não são colocadas em questão (*ibid*, p.23).

A estrutura convencional de nossas escolas ainda não assimilaram a necessidade de mudança e seguem separando em disciplinas, em compartimentos

os saberes que isolados não fazem sentido e separam o ser do fazer, razão de emoção.

Na sequência da entrevista, questionamos os professores sobre seus planejamentos anuais e sobre o desenvolvimento das suas aulas, tendo como objetivo desvelar se os mesmos abordavam temas referentes à formação humana e à aprendizagem emocional com seus alunos.

Sendo assim, apresentamos o conceito de planejamento que pode ser compreendido de várias maneiras Vasconcellos (2000, p.79):

[...] construção-transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo.

Na definição acima, o planejamento visa a integração do aluno com a sociedade e busca realizações de ações articuladas dentro de um processo teórico-metodológico, ou prática pedagógica.

De um modo geral, percebemos que a maioria dos professores entrevistados está preocupada em desenvolver as habilidades motoras de seus alunos e o conhecimento das modalidades esportivas. Ênfase, vem sendo dada ao "fazer" , ao treinamento. O professor do apito branco, relatou que busca durante o ano melhorar as habilidades motoras de seus alunos com o intuito de que os mesmo consigam participar de modalidades desportivas.

Para os professores dos apitos cinza, lilás, rosa ,amarelo, ficou evidente que o planejamento de suas aulas consiste em ensinar regras dos principais esportes e a coordenação motora. O professor do apito vermelho destacou: "eu priorizo muito as modalidades esportivas [...] direciono as atividades com relação à faixa etária dos educados. Neste contexto Freire (2012, p.26) faz a seguinte critica à essa prática centrada apenas nas modalidades esportivas:

Os que focam seus esforços apenas em ensinar mecanicamente as técnicas esportivas precisam, conseqüentemente eliminar todos os que não possuem algum doto especial para as práticas esportivas. [...] Ensinar o esporte significa, entre outras coisas, ensinar a gostar do esporte, nem que seja para aprecia-lo nos campos ou nas telas de televisão, porém, criticamente.

Porém, quando questionado, o professor do apito laranja, relatou que em seu planejamento, suas aulas vão depender da faixa etária dos alunos com quem estará trabalhando, ou seja:

Minhas aulas variam de acordo com a idade dos alunos, com os pequenos, trabalho a psicomotricidade, questão de desenvolvimento, motor, social e emocional e com as séries finais, trabalho uma Educação Física priorizando a saúde.

Pensamento que de acordo com a teoria de Morin(2003), compreende o cérebro como uma máquina hipercomplexa e defende a inseparabilidade de seus aspectos físicos, biológicos e psíquicos, por estarem sempre em total interação. O professor que compreende essa articulação, compreende a multidimensionalidade humana.

O professor do apito preto destacou [...] “ em minhas aulas viso à socialização dos alunos, trabalho que atende essa atividades, brincadeiras, para que eles aprendam a ter o contato sem a agressão”. Esse professor parece priorizar apenas a questão social. Entretanto, o professor do apito azul, amplia ao relatar que desenvolve suas aulas com foco na convivência e nos jogos de cooperação. Soler (2011, p.55), com relação às aulas voltadas para a cooperação afirma que:

Quando jogamos cooperativamente, mostramos o que realmente somos, nos entregamos ao jogo da forma mais intensa, contribuindo com aquilo que conseguimos, e que é possível. E cada pessoa passa a ser muito importante, pois para que o grupo alcance seu objetivo precisará de todos, cada um dando aquilo que pode no momento.

Concordamos que por meio dos jogos cooperativos, podemos também trabalhar com a formação humana dos nossos alunos estimulando a aprendizagem emocional no melhor sentido; o da inteligência emocional. Compreendemos que a inteligência emocional consiste na:

[...] capacidade de perceber, avaliar e expressar emoções com precisão; a capacidade de acessar e/ou gerar sentimentos quando estes facilitam o pensamento; a capacidade de entender as emoções e o conhecimento emocional e a capacidade de regular emoções. (MAYER; SALOVEY, 1997, p.401 apud VALLE, 2006, p.33)

Portanto, a inteligência emocional se apresenta como capacidade de discernir, analisar as emoções de acordo com à situação a ser enfrentada, ou seja, pode-se achar a melhor forma de administrar a manifestação das emoções. Sendo assim a mesma poderá proporcionar crescimento ao aluno.

Durante as aulas de Educação Física, poderão ocorrer manifestações das emoções, pois quando o aluno se expõe aos colegas, durante a realização de uma

atividade, diversos sentimentos podem se manifestar, como a vergonha, medo de errar entre outros.

É fundamental que o professor de Educação Física estimule a participação de seus alunos frente às situações emocionais, refletindo as causas de sua manifestação. Isso poderá levar o aluno a desenvolver sua autoconfiança, e a lidar com suas próprias emoções.

Neste sentido, analisamos que todos os professores entrevistados em seu discurso, relatam a aprendizagem emocional e formação humana como sendo importante e necessária para seus alunos, mas quando relatam sua prática, evidenciam uma preocupação maior com a aprendizagem das modalidades esportivas e a coordenação motora. Assim, a prática é que faz realçar esse paradoxo.

Porém, para professor do apito preto, desenvolver atividades físicas voltadas à formação humana, traz-nos a seguinte reflexão:

[...] a formação humana ficou meio esquecida na sociedade. A tecnologia tomou conta do mundo, globalizou tudo. Podemos ver que as crianças não brincam mais na rua, de taco, jogando bola e hoje ate para conversar elas conversam pelo computador, [...] **não pensamos o ser humano e sim a tecnológica**. Antigamente as crianças brincavam de quem corria mais rápido, hoje elas brincam de quem passa mais rápido de fase, não estão tendo a visão de que **o mundo é feito de seres humanos e não de máquinas**. A máquina não é mais importante que um ser humano. As vezes a criança prefere mandar uma mensagem virtual para um amigo que está na sua frente do que dar um abraço e conversar com esse amigo.

Vasconcelos (2009 p. 67), colabora com nossa compreensão apontando a seguinte crítica com relação ao avanço da tecnologia;

Os avanços tecnológicos a que as crianças e jovens têm acesso apresentam caráter ambivalente. Há estudos mostrando que os jogos eletrônicos desenvolvem a motricidade fina e o raciocínio lógico; no entanto, aponta-se para o risco do sedentarismo e do isolamento social.

O relato do professor do apito vermelho, destaca o seguinte: “ser um educador humanista é essencial, mas nem todos os professores trabalham nesta perspectiva”.

Afinal, o que é ser um professor humanista?

De acordo com Maturana; Rezepka (2002, p. 14), “por esse motivo o professor precisa estar ciente de que as crianças aprendem (transformam-se) em coerência com o seu emocionar”. Por isso a relevância e a importância de valorizar

as emoções nas aulas, pois elas podem dar significado à aprendizagem e torná-la ação.

Porém, observamos no relato de alguns dos professores entrevistados que durante suas aulas práticas e teóricas, o trabalho sobre a humanização é deixado de lado. Quando solicitamos que os mesmos destacassem o que consideravam importante para o aprendizado dos seus alunos nas aulas de Educação Física, dentre as opções oferecidas, identificaram a coordenação motora e as habilidades motoras como premissas de suas aulas.

No relato dos professores dos apitos, azul, preto e vermelho, trabalhar a socialização e a cooperação faz parte de suas aulas. Constantemente isso é incentivado, por meio de jogos cooperativos e do respeito aos outros. Afirmaram também, que nas aulas de Educação Física muitas emoções podem emergir e que as mesmas precisam ser trabalhadas e problematizadas.

No relato dos professores durante as aulas de Educação Física, emergem muitas emoções entre os alunos, e a emoção mais evidenciada por esses professores foi a agressão, tanto física como verbal.

A agressividade está muito presente nas escolas, e geralmente ocorre de forma mais evidente nas aulas de Educação Física. Definimos a agressão como sendo um comportamento que ofende ou tem o potencial para ofender outra pessoa ou objeto. Pode ser um ataque físico, ou de ataque verbal. Nesse sentido o professor com o apito branco, destacou que:

Hoje as crianças estão vindo muito agressiva para escola. Sempre estão se empurrando, dando soco uma na outra, agredindo-se verbalmente, não sabem perder um jogo, se perdem já querem sair batendo em quem ganhou.

Novamente Vasconcelos (2009,p.235), colabora com o nosso entendimento salientando “a agressão do aluno é algo que desnorteia o professor. De fato, trata-se da negação do vínculo educativo mais elementar: o respeito pelo outro.” Cabe ao professor, reconhecer a agressão como uma emoção e auxiliar os alunos quando surgirem motivos que levem os mesmo a se agredirem mutuamente pois “A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor” (Maturana, 1999, p. 23). Entretanto, na convivência, espaço/tempo das relações dos sistemas, é o “lugar” de constante recriação da vida, e várias emoções são experimentadas.

O depoimento acima revelou a preocupação que existe por parte dos professores no que diz respeito às agressões físicas e verbais entre os alunos,

porém sem o conhecimento de teorias que expliquem as emoções, os professores seguem culpando a família.

Destacamos o relato do professor do apito rosa:

A família está muito ausente na vida dos nossos alunos, às vezes a agressão é uma maneira deles chamarem a atenção, ou ainda o que mais me preocupa, reproduzem o que passam em casa. Eu, enquanto professora, preciso saber da vida do meu aluno. Sei de muitos pais que agredem seus filhos, aí eles veem revoltados para a escola e querem muitas vezes descontar a raiva no seu colega.

Mediante esta questão Vasconcellos (2009, p. 203), argumenta que a família tem como atribuições básicas a criação de vínculos afetivos, pois “a relação amorosa presente na família é o forte elo nas relações da criança com o mundo”.

É nesse sentido que as contribuições de Maturana sobre a educação ampliam essa discussão por considerá-la como algo construído culturalmente. Para o autor, a competição não é um exercício de caráter natural/biológico. Sendo assim,

A competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro[...]. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico”(MATURANA, 1998, p. 13).

Os processos educativos competitivos afastam o ser humano da natureza, exclui o outro de determinado processo, porque desconsidera o outro como legítimo outro, por essa via teórica o professor pode apreender e ensinar na Educação Física.

Consideramos que é fundamental a escola também proporcionar aos educandos situações de solidariedade, cooperação, valores, esperança, alegria, amor, carinho é chamar o professor a mudar o paradigma de ensino aprendizagem. Citamos nesse sentido, as contribuições de Yus, que reforça o modo de ser professor no paradigma da complexidade:

Desejamos professores centrados nos alunos que mostrem uma reverência e um respeito pelos indivíduos. Os educadores deveriam ser conscientes e estar atentos para as necessidades, diferenças, e habilidades, e serem capazes de responder as necessidades em todos os níveis. Os educadores têm de considerar sempre cada indivíduo nos contextos da família, da escola, da sociedade, da comunidade global e do cosmo (*ibid* 2002, p.60)

Percebemos assim que, a nossa tarefa de educadores torna-se, de fato, complexa nessa trama de relações que perpassam a escola. Como a sociedade está em constante processo de transformação, esquecemos às vezes do significado da palavra emoção, diálogo, afeto, e de que somos seres humanos e temos

sentimentos próprios. Tornamo-nos seres de racionalidade excessiva e nos esquecemos de viver nossas emoções e as emoções dos nossos alunos, pois:

Nós, seres humanos modernos, do mundo ocidental, vivemos numa cultura que desvaloriza as emoções em favor da razão e da racionalidade. Em consequência, tornamo-nos culturalmente limitados para os fundamentos biológicos da condição humana. Valorizar a razão e a racionalidade como expressões básicas da existência humana é positivo, mas desvalorizar as emoções – que também são expressões fundamentais dessa mesma existência, não o é (MATURANA; ZÖLLER, 2004, p. 221).

Portanto, nós professores de Educação Física, podemos promover por meio da valorização das emoções a formação humana de nossos alunos, pois para o professor do apito cinza, os mesmos necessitam aprender a viver de uma maneira harmônica em sociedade, respeitando outro, evitando a violência e as agressões.

Perguntamos ainda aos professores de que maneira o professor de Educação Física, durante sua prática pedagógica pode possibilitar a aprendizagem emocional e fortalecer a formação humana?

O professor do apito verde relatou:

Eu acho que essa aprendizagem emocional voltada para a formação humana, teria que ocorrer em participações não só nos jogos de Educação Física, mas, por exemplo, organizar gincana, onde alunos e professores tenham contato, interagindo juntos [...], envolver alunos e professores fora da sala de aula. Ter uma união maior entre eles. Hoje tem professor que não cumprimenta seus alunos com um bom dia, boa tarde ou boa noite.

Concordamos com a reflexão do professor do apito verde no sentido de que o professor precisa estabelecer vínculos afetivos com seus alunos para poder auxiliá-los na aprendizagem emocional. Ter e criar vínculos afetivos significa a princípio para o aluno “se sentir amado, desejado, querido, incluído, respeitado, valorizado (da mesma forma que ama ,deseja,quer,inclui,respeita e valoriza)”. Sendo que essas são necessidades básicas de todos os seres humanos,

Os sujeitos querem ser reconhecidos, uns pelos outros, amados, notados, eles desejam ter valor para o outro. Cada um deseja ser engendrado, reconhecido e revelado pelo outro como merecedor de sua estima. (DOLTO 1981, *apud* VASCONCELLOS 2009, p.95).

Na continuidade da análise desse eixo, destacamos que os professores dos apitos lilás e amarelo, concordaram no sentido de que a aprendizagem emocional pode contribuir para a formação humana tendo em vista as possibilidades que

ocorrem a todo o momento na aula não havendo um momento específico para essa aprendizagem.

Porém, o professor do apito rosa, ressaltou que é possível desenvolver a aprendizagem emocional, “a partir do momento que desenvolvemos atividades de cooperação, onde todos têm que se ajudar”.

Goleman(1995), aponta que a aprendizagem emocional consiste em desenvolver maneiras para identificar, selecionar, transformar e apresentar as emoções de uma forma correta. Afirmo ainda, que é nas relações interpessoais e sociais que o homem encontra a maior parte do seu desenvolvimento emocional, o que o auxiliará a enfrentar os desafios da sociedade atual.

Concordamos que para enfrentar os desafios da sociedade atual, precisamos da colaboração de todos em benefício não só de si, mas de toda a humanidade, sendo essa, a chave para a sobrevivência humana. Sendo assim, precisamos que aprender e ensinar nossos alunos a cooperação.

Para Brotto (2013, p.54), o desenvolvimento da cooperação pode aprimorar as relações humanas, porém é necessário nutrir o processo de cooperação entre as pessoas pois:

O desenvolvimento da Cooperação como um exercício de coresponsabilidade para o aprimoramento das relações humanas, em todas as suas dimensões e nos mais diversificados contextos, deixou de ser apenas uma tendência, passou a ser uma necessidade e, em muitos casos, já é um fato consumado. Porém não é definitivo. É preciso nutrir e sustentar permanentemente o processo de integração da Cooperação no cotidiano pessoal, comunitário e planetário, reconhecendo-a como um “estilo de vida”, uma conduta ética vital, que esteve consciente ou inconscientemente presente ao longo da história de nossa civilização.

A cooperação conforme as revisões de literatura e dados que levantamos apresenta-se como o elemento dinamizador da aprendizagem emocional. O professor do apito laranja, quando questionado sobre esse eixo temático relatou a seguinte reflexão: “além de trabalhar com atividade de cooperação, ficou evidente que a aprendizagem emocional para a formação humana pode ocorrer no momento que acontece os conflitos, ou seja, as brigas”. Sendo assim, concordamos que os conflitos estão presentes nas relações humanas, pois:

[...] Todavia, fazem parte das relações humanas em geral e naturalmente, das relações do interior da escola. Muito pior do que o conflito é a indiferença. Os conflitos podem dar origem a novas formas de relacionamento e de organização do trabalho pedagógico.

A tarefa, portanto, não é negá-los ou camuflá-los, mas buscar a sua adequada medição (VASCONCELLOS,2009, p. 221).

O conflito é considerado inerente e intrínseco ao ser humano e pode fazer emergir muitas emoções. Durante a prática da Educação Física na convivência entre as crianças, os conflitos estão presentes quase que em todos os momentos.

Sendo assim, convém ao professor realizar a mediação coerente dos conflitos quando os mesmos aparecerem. Concordamos que essa mediação contemple situações em que o aluno reflita e reveja suas atitudes. Saiba lidar com as emoções quando surgirem os conflitos e compreenda a importância de respeitar o outro, o que sem dúvidas poderá melhorar a convivência interpessoais e sociais.

Arruda (2008), discute mediação como o exercício de dar volta com o outro, com universos de emoções. Exercício possível que requer escuta e dedicação. Nessa direção, o professor do apito preto, nos relatou que tenta fazer a mediação dos conflitos por meio de conversas e reflexões, afirmando: “o professor tem que respeitar e entender o aluno, e questionar o porquê da agressão”, salientando ainda que: “muitas vezes a briga é por futilidade, ou por brincadeiras agressivas”. Para ele existem diferenças entre brigas do sexo masculino e feminino, relatando que “as meninas brigam muito por fofoca, e os meninos por situações de jogo”.

Assim, emoções diferentes criam e recriam o cotidiano da Educação Física. A prática educativa requer mudança na finalidade da educação, passando da educação mercadológica para a melhor qualidade da convivência humana. Vem daí a importância de se investir em formação humana conforme problematiza e reflete esse estudo.

O professor do apito rosa, além de sugerir a reflexão desse aluno acrescenta: “a escola não é um *ring* de luta livre, as crianças têm que aprender a viverem umas com as outras e respeitar cada um como ele é”.

O professor do apito amarelo sugere que além de refletir, os alunos dialoguem entre si “[...] os faço refletirem, e deixo-os dialogando entre si e quando chegam a uma solução eles voltam para a aula”.

Para que serve a educação? É o que sempre devemos nos perguntar. Palavras, e ações são construídas nas relações, mas de maneira autônoma e partilhada ao mesmo tempo. Por isso, a importância de saber relacionar-se, mantendo a responsabilidade do sujeito:

Nós, seres vivos, somos sistemas determinados em nossa estrutura. Isso quer dizer que somos sistemas tais que, quando algo externo incide sobre nós, o que acontece conosco depende de nós, de nossa estrutura nesse momento, e não de algo externo (MATURANA, 1998b, p. 27).

Vasconcellos (2009,p.225), nos orienta que a utilização do “diálogo, enquanto estratégia reflexiva, favorece o desenvolvimento da reversibilidade e da capacidade de se colocar no lugar do outro” Ou seja, quando ocorre além da reflexão o diálogo entre os envolvidos, o aluno pode desenvolver algumas habilidades essenciais para a aprendizagem emocional que se caracteriza por escutar , entender, refletir, confrontar ideias e solucionar conflitos, sem a intervenção por exemplo do diretor da escola ou o assistente pedagógico.

Os professores dos apitos, verde, lilás e azul, concordam que levar os alunos a solucionarem seus conflitos com a direção da escola é o melhor caminho. Por sua vez, Vasconcellos (2009), faz a seguinte crítica a essa postura de solucionar os conflitos.

Os encaminhamentos para orientação ou para a coordenação pedagógica, além de não produzirem resultados, fazem com que essas instâncias fiquem “apagando focos de incêndios”.[...] de que adianta o professor ficar encaminhando “alunos problemas” para a orientação educacional, se o foco do conflito está na sua sala de aula(*ibid*, p.233).

Portanto, para que os conflitos entre professor e aluno / aluno e aluno seja educativo e auxilie na aprendizagem emocional, se faz necessário que os mesmos tentem solucionar os conflitos antes de tudo por eles mesmos e por reflexões.

Ao término da entrevista observamos que os professores de Educação Física se sentem perturbados com as questões de aprendizagem emocional e formação humana, focos desta pesquisa. Porém, não se sentem preparados para mudar o que está posto. Percebemos uma lacuna no que diz respeito a novos suportes teóricos para desenvolverem essa habilidade durante a prática pedagógica da Educação Física.

O que mais nos chamou a atenção ao finalizar as entrevistas foi o relato da professora do apito amarelo. A mesma afirmou ter ficado reflexiva a partir das questões apresentadas, concluiu dizendo:

Vou estudar mais sobre essa questão de emoções e formação humana, acho ela importante mas quase não desenvolvo em minhas aulas, (ainda brinca) **preciso rever minhas aulas e meus planejamentos.**

O relato dessa professora trouxe à tona as reflexões de Freire (2011, p. 74), “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. Concordamos que mudar planejamentos, atitudes, valores muitas vezes podem tornar-se uma árdua batalha, mas para o professor que é reflexivo, comprometido com a sua profissão e com o mundo que está inserido isso é possível.

Também os professores do apito laranja, verde e preto, relataram que não haviam refletido sobre a questão da formação humana, pois estavam apenas preocupados em desenvolver as habilidades motoras de seus alunos, mas que depois dessa entrevista mudariam suas atitudes durante sua prática pedagógica.

Os professores dos apitos, azul, rosa, cinza, lilás, verde, branco, não demonstram nenhum interesse no assunto, o que incomodou essa professora/pesquisadora em seu anseio de mudança.

Seguindo os ensinamentos de Maturana, com quem muito aprendi (1998), a conversa constitui-se, em um espaço relacional por excelência na ação educativa. Para o autor “os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar” (Maturana, 1999, p. 29), vem daí a nossa preocupação com as ações desenvolvidas na ação educativa.

Seguimos agora rumo às considerações finais dessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O Soar do Apito confirma a dualidade educacional da Educação Física?

Ao chegar à fase das considerações finais da pesquisa, experimentamos sentimentos distintos: a satisfação de ter conseguido alcançar os objetivos propostos no início dessa dissertação de mestrado, a alegria de conhecer o novo, pois, por meio da pesquisa, buscamos o fortalecimento da nossa caminhada de educadora. Realizamos muitas reflexões referentes à prática pedagógica, inclusive novas possibilidades para a aprendizagem.

De agora em diante, a cada vez que soar algum apito acenderá a vontade maior de refletir sobre a nossa profissão. Colaborar na construção dessa reflexão sobre aprendizagem emocional, nos orgulha, e nos fará obrigatoriamente refletir se, realmente durante nossa prática pedagógica, à cooperação, à cidadania, ao respeito ao outro e a si mesmo estão presentes.

Assim, escrever essas considerações finais, não significa que o processo está encerrado. Pelo contrário, espera-se que novas possibilidades e novas discussões sobre esse tema possam surgir.

O problema que guiou essa pesquisa: Como o Professor de Educação Física, pode favorecer à aprendizagem emocional durante sua prática pedagógica?

Por esse caminho, mostramos nossa inquietude e vontade de desvelar a realidade e entendimento dos professores, expressa na prática pedagógica da Educação Física, acerca da aprendizagem emocional. Seguimos procurando pela formação humana e por esse motivo, optamos em ter como eixo norteador teorias contemporâneas, como a teoria da complexidade e os argumentos de Maturana, sobre as emoções, pois consideramos que as aulas de Educação Física, podem ir além dos conteúdos voltados à técnica do esporte, pois somos ao mesmo tempo razão e emoção, e como seres vivos precisamos nos desenvolver como um todo.

A partir desse pressuposto teórico abordado no primeiro, segundo e terceiro soar do apito, fomos buscar o entendimento dos professores sobre aprendizagem emocional. Realizamos uma entrevista semi-estruturada com dez professores de Educação Físicas, atuantes em sala de aula no município de Curitiba-SC.

Porém, antecedendo a realização da entrevista uma revisão bibliográfica, foi construída e a partir dessas leituras vislumbramos as mudanças de paradigmas que

ocorreram na Educação de modo amplo, e na Educação Física de modo específico. A transição de um paradigma cartesiano firmado pela fragmentação e linearidade ao conhecimento com base no paradigma da complexidade, que busca articular o conhecimento, juntar disciplinas que reconhece o ser humano em sua totalidade mobilizou nossa atenção e deu-nos o rumo. Nesse contexto também apresentamos as mudanças ocorridas na Educação Física escolar, de uma educação militarista à uma Educação Física voltada à cooperação.

A análise dos dados considerou, no conteúdo dos depoimentos, as evidências que permitiram a inferência de conhecimentos relacionados à produção dos mesmos (BARDIN, 1977), considerando os depoimentos coletados pelas entrevistas.

Guiadas nos objetivos específicos da pesquisa, buscamos dar conta do geral que buscou compreender o entendimento o professor de Educação Física sobre aprendizagem emocional. Assim, nos detivemos a pensar a partir dos três eixos;

1- Quem é esse professor?

2 - Possibilidades da aprendizagem emocional na Educação Física escolar;

3- A prática pedagógica frente aos desafios da aprendizagem emocional na Educação Física escolar.

Ao analisar o primeiro eixo denominado: quem é esse professor, observamos que todos têm a sua formação acadêmica em Educação Física. Quanto à especialização, quatro professores têm e que os professores dos apitos azul e vermelho já buscaram o mestrado. Índícios de reorganização dos professores da Educação Física. Delors (2003), define os pilares da educação requerida para este novo tempo, destacando os seguintes aspectos: aprender a conhecer, aprender fazer, aprender viver junto e aprender a ser.

Percebemos que o aprender a conhecer, consiste em o professor de Educação Física adquirir instrumentos para a compreensão dos seus alunos. Como por exemplo, podemos citar: o aluno precisa compreender que não basta apenas saber as técnicas das modalidades esportivas. O aluno precisa compreender o trabalho em equipe e a cooperação. O aprender fazer (como um saber técnico) já não basta para a Educação Física, os professores já se movimentam rumo à Educação Continuada.

No que se refere ao aprender a viver junto, é pertinente ao professor de Educação Física ensinar aos seus alunos à cooperação o direito da participação de todos. Esse aprender está presente, por exemplo, quando da realização os jogos

cooperativos, ou atividades que contemplem à participação de todos os alunos sem distinção.

Finalmente, o aprender a ser, sendo essa uma via essencial que integra as outras três aprendizagens. Entre os quatro pilares relatados, salientamos, o saber viver e o saber ser, como sendo essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem emocional. Finalizamos esse eixo acreditando que a mudança é possível, se o professor buscar por meio do conhecimento ou da pesquisa científica aprender. Conhecer sobre a aprendizagem emocional, utilizando-se dela em benéfico próprio, e nas relações com seus alunos durante a sua prática pedagógica.

Nas reflexões realizadas sobre o segundo eixo, das possibilidades de aprendizagem emocional na Educação Física escolar, percebemos que todos os professores relataram ser importante trabalhar com a emoção de seus alunos, durante a aula, mas encontram dificuldades. Consideramos que as dificuldades encontradas podem ser devido à falta de um conhecimento teórico acerca do assunto.

Todos os professores entrevistados relataram nesse eixo, que durante as aulas de Educação Física emergem muitas situações conflituosas, principalmente quando os mesmo estão realizando alguma atividade prática, ou seja, quando estão em ação. Sendo assim, Maturana (2002), nos afirma que não há ação sem o envolvimento de uma emoção.

Ao analisarmos o entendimento dos professores entrevistados acerca da aprendizagem emocional concluímos que há uma lacuna teórica, para os professores dos apitos: verde, branco, laranja, azul, vermelho e amarelo. Notamos que a aprendizagem emocional, para esses professores consiste em apenas controlar as emoções, ou seja, não brigar.

Porém, consideramos que a aprendizagem emocional não se resume em apenas controlar emoções. Concordamos com Moreno e Sastre (2002) que em se tratando de aprendizagem emocional, temos como desafio auxiliar o aluno a não esconder-se no ressentimento, saber lidar com seus medos, angústias, e outras emoções que muitas vezes não são visíveis aos olhos do professor. Apenas o professor do apito cinza, relatou essa situação de que a aprendizagem emocional vai além de saber resolver conflitos, brigas.

Os professores indicaram também nesse eixo, a necessidade de se juntar formação técnica à humana, pois a educação é multidimensional e pode ser

entendida como um processo de crescimento, tanto pessoal, como interpessoal e grupal. Acreditamos que o educador é o responsável em proporcionar situações que favoreçam esse crescimento.

Quando o professor assume um caráter técnico transmitindo apenas os conhecimentos teóricos, e fragmentando o conhecimento, corre o risco de não auxiliar seus alunos no que diz respeito à aprendizagem emocional e à formação humana. A Educação Física quando fundamentada na teoria da complexidade pode auxiliar o aluno a obter novas descobertas, construir sonhos, compartilhar vivências, pois segundo Morin (2004, p.67), “O mundo torna-se cada vez mais um todo”. Cada parte do mundo faz, mais e mais parte do mundo, e o mundo como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes.

No terceiro eixo dessa pesquisa onde pesquisamos a prática pedagógica e os desafios da aprendizagem emocional na Educação Física escolar, evidenciamos por meio da análise que os professores relataram estar preocupados em ensinar aos seus alunos durante suas aulas as habilidades motoras específicas de cada modalidade esportiva, assim relataram os professores dos apitos: vermelho, cinza, lilás, rosa, amarelo, verde, branco.

E não vai aqui nenhum julgamento, mas é preciso contextualizar o paradigma assumido e expresso no paradigma da Educação Física, pois o professor da sociedade atual, precisa aprender a organizar e articular as informações que se encontram disponíveis. O professor necessita ser capaz de considerar todas as dimensões do ser humano e por Morin (2012), considerar que o ser humano é “ao mesmo tempo biológico, psicológico e cultural, uma cortina de ferro separa o cérebro e o espírito”, não se pode separar o homem biológico do social.

Destacamos, ainda nesse eixo que há uma preocupação dos professores do apito preto e azul, em unir esse ser humano, que em algumas situações o separamos. Relataram realizarem em suas aulas, atividades que priorizam a socialização dos alunos, o contato entre eles por meio de jogos cooperativos. Concordaram ainda, no sentido de que as aulas de Educação Física, não podem ficar apenas em ensinar regras, habilidades esportivas, ou seja, precisam ir além. Consideramos que esse termo ir além diz respeito a unir esse homem biológico e social.

As respostas dos professores dos apitos, branco, verde, azul, amarelo e cinza nesse eixo coincidem no aspecto de que é importante trabalhar com as emoções e

que aproximam-se da mesma por meio de diálogos, conversas, reflexões e com jogos cooperativos.

Nesse contexto afirmamos que o diálogo:

[...] é uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1996, p. 115).

Acreditamos, portanto, não ser possível apenas estabelecer uma relação linear onde apenas o “professor fala e o aluno ouve” para, mais tarde, reproduzir exatamente aquilo que o professor proferiu. Somente quando se estabelece uma relação amorosa entre os envolvidos, aceitando-se um ao outro na individualidade é que podemos considerar que de fato existiu o diálogo. Sendo que nessa relação amorosa pode ocorrer aprendizagem das emoções (FREIRE, 1996).

No que diz respeito ao ato de conversar com os alunos quando ocorre situações conflituosas durante a aula, Maturana (1998, pg 84), destaca que o conversar deriva do latim que significa com e versare, dar voltas com. Ainda para o mesmo autor o conversar é “o fluir entrelaçado de linguajar e emocionar”. Quando usamos a linguagem para nos comunicar com outro, nossa emoção pode mudar. Fazendo ao mesmo tempo, nosso emocionar, no fluir em um domínio de ações, modifica o curso de nosso linguajar. Educar, seria esse processo de conversação, pois aprendemos uns com os outros.

Percebemos que os professores entrevistados, além de dialogar e conversar para que ocorra a aprendizagem emocional, procuram oferecer aos alunos a oportunidade de vivenciar jogos cooperativos, sendo esses voltados a auxiliar na aprendizagem emocional. Consideramos assim, a ideia de Brotto (2013) quando o mesmo aponta que quando jogamos cooperativamente podemos melhorar as nossas relações interpessoais e sócias, ampliando assim a convivência humana.

Por fim, cabe resaltar que as entrevistas com os dez professores de Educação Física, levou-nos à seguinte conclusão: grande parte dos os professores entrevistados relataram ser importante desenvolver a aprendizagem emocional para a formação humana dos alunos, porém, quando questionados sobre o que desenvolvem em suas aulas, a preocupação primeira está em ensinar aos alunos as modalidades esportivas, as regras dos esportes, e a desenvoltura motora.

Essa é a dualidade educacional da Educação Física, pelo paradigma de constituição da disciplina a técnica segue como prioridade, mas a formação humana se insinua na própria prática pedagógica do professor. É isso que nos encantou e mostrou a sensibilidade humana dos professores que ao longo dos anos acabam mostrando essa tensão entre formação técnica e humana.

Para tanto, precisamos considerar que os seres vivos e o mundo não podem ser vistos em separado, mas em constante interação, num entrelaçamento de permanente constituição, porque são “mutuamente gerativos” (MATURANA, 1997, p. 43). Precisamos gerar novas possibilidades para o mundo.

Em momento algum, criticamos a busca do professor de Educação Física pela prática das modalidades esportivas, ou desenvoltura motora, porque faz parte da referida disciplina essas atividades. Entretanto, o que queremos com essa pesquisa é chamar a atenção dos professores (como faz o soar do apito) com relação a uma tomada de posição quanto à sua prática pedagógica; um novo momento onde razão e emoção entrelaçam-se e são aliadas.

Retomamos a ideia inicial dessas considerações finais: o Soar do Apito confirma a dualidade educacional da Educação Física? Tentamos ainda ampliar a discussão para religar formação humana e técnica a partir das considerações de Morin: “é preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une” (2001, p. 89) destacando que “é preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo complexus: o que é tecido junto” (MORIN, 2001, p. 89).

Precisamos religar os saberes, pois enquanto os saberes estiveram fragmentados, os mesmos não oferecerão sentido, interesse aos alunos. “Quando religamos os saberes podemos relacionar cada informação e cada conhecimento e seu contexto e conjunto” (MORIN, 2012 p.21).

Sendo assim, esperamos que a presente pesquisa motive professores de Educação Física ou de áreas a fim a rever suas práticas para contribuir com os desafios que nos são colocados à educação neste século.

Durante a realização dessa dissertação observamos outro assunto a ser pesquisado: a grade curricular dos cursos de Educação Física, ou seja, como estão sendo desenvolvidas as disciplinas, de que maneira estão sendo ensinado aos acadêmicos a formação humana e a aprendizagem emocional, pois com essa pesquisa percebemos que os professores pesquisados, relataram que sua formação

foi altamente técnica. Se almejamos a formação humana nas escolas, precisamos iniciar essa discussão junto aos programas de graduação.

Finalizamos essa dissertação afirmando que foi um trabalho muito agradável abordar sobre aprendizagem emocional e a formação humana na Educação Física Escolar. Também com uma certeza: querer mudar o mundo pode parecer utópico, mas querer mudar o meio em que estamos inseridas é possível basta querer, e nós queremos.

A cada leitura que realizamos, revelações foram sendo feitas, o que por certo poderão auxiliar os professores de Educação Física de um modo geral.

Consideramos que por meio da educação, a humanidade poderá alcançar a paz, a solidariedade, o respeito ao outro e a convivência. É por meio da ciência que avançaremos por outros caminhos descobrindo novas possibilidades para o ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

ANDRÉ, Marli. (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papyrus, 2001.

ANTUNES, Rita de Cassia: **As manifestações da emoção vivida no processo da aprendizagem da educação física escolar : totalidade ininterrupta de troca e construção de experiências humanas**. Dissertação Universidade Estadual de Campinas . Faculdade de Educação Física 1993

ARAÚJO, Ulisses F. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências**. SP. Moderna, 2002.

ARRUDA, M. P. **A prática da mediação em busca de um mediador de emoções**. Pelotas: Seiva, 2004.

_____. **O mediador de emoções**. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2008.

ASSAMANN, **Reencantar a educação: Rumo a sociedade aprendente**. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BARBANTI, V. J. **Atividade Física e Saúde**. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde-

de; v.10, n.4, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BEHRENS, A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 2º ed. Curitiba. Champagnat, 2000.

_____. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 5º ed. Petrópolis. Ed Vozes, 2011.

BEHRENS, A. OLIARI, A. **A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade**. Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007.

BERGER, Leoni: **As emoções na comunicação professor-aluno: um caminho para o resgate do prazer no ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis 2001

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BROTTO, F. Otoluzi. **O Jogos Cooperativos: O jogo e o esporte como um exercício de convivência.** 4º Ed. São Paulo: Palas Athena. 2013.

BROWN, H, T **O corpo parceiro e o corpo adversário.** Campinas: Papyrus, 1993.

CAMILO, S. SILVA, A. **A educação em enfermagem à luz do paradigma da complexidade.** Rev. EscEnferm USP, 2003, p 13-23. Acesso pelo site: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/09.pdf> - 14/03/2012.

CARNEIRO, K. T. **O jogo na educação física: as concepções dos professores.** São Paulo-SP: Phorte, 2012

CAPRA, F **A teia da vida uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Editora Cultrix, 1996

_____ **A teia da vida.** 5º ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

_____ **As conexões ocultas** 3º ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

CARDOSO, C.M. **A canção da inteireza- Uma visão holística da educação.** São Paulo: Summes, 1995

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4a edição. São Paulo: Cortez, 2001.

COQUEMALA, **Contribuições da Educação Física na formação humana: práticas pedagógicas no ensino fundamental.** Dissertação de Mestrado . Universidade Tuitui do Paraná , 2008

DAMASIO, A. **O Erro de Descarte.** São Paulo: Companhia das Letras ,1996

DELORES, Jaques. **Educação :Um tesouro a descobrir.** 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1985.

_____ **Dialética e qualidade política.** In. Houggette T.M.F.(org) Dialética Hoje. Petrópolis, Vozes: 1990.

_____ **Pesquisa:** principio científico da pesquisa e educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon.** In: Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DIEZ, C.L.; HORN, G. B. **Orientações para a elaboração de projetos e monografias.** 3.ed. Curitiba, PR: Vozes, 2011.

ERBS, Clarete: **As relações afetivas na educação física: espaço de encontros e reencontros.** Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis 2007.

FEIJÓ, Olavo G. **Psicologia para o esporte: corpo e movimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 1998.

FERREIRA, Aurélio B. H.; **Dicionário Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002.

FILHO, Renato. **A escola do sentir: a aliança entre o racional e o emocional**. Dissertação (mestrado em educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2001.

FONTANELLA, F, C. **O corpo no limiar da subjetividade**. Piracicaba. 1995

FREIRE, J. B. **Ensinar o esporte, ensinando a aprender**. Porto Alegre. Mediação, 2012.

FREIRE, , Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ **Educação como prática de liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRIRDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender o resgate do jogo infantil**. São Paulo. Moderna, 1996

FURASTÉ. **Normas Técnicas para trabalhos científicos**. 16^o ed. Porto Alegre. Dáctilo Plus, 2012

GAMBOA, S.S. **Paradigma**. In: FENSTERSEIFER, P. E.; GONZALEZ, Fernando Jaime (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GARDNER, Howard. **As estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____ **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos esportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.) **O ensino dos jogos desportivos**. 2^a. Edição. Porto, Universidade do Porto, 1995.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal no Brasil: Anos 90. *Cidadania/Textos*, n. 10, p. 1-138, nov. 1997.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____ **Didática do Ensino Superior**. 1^a ed. 4^areimpr.- São Paulo: Atlas, 2009.

HADDAD, S. **Juventude e escolarização: uma análise da produção de conhecimentos**. Brasília: MEC/ Inep/ Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento nº 8).

HIRAMA, Elaine Prodocimo: **As emoções na educação física escolar**.Dissertação Universidade Estadual de Campinas . Faculdade de Educação Física , 2002

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1996.

KERKOSKI, Marcio José, **Esporte e inteligência emocional**.Dissertação de mestrado Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis 2001.

KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1995

_____ **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Viana Boeira; Nelson Viana Boeira. 9ªed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LE DOUX, J. **O cérebro Emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. 7º ed. São Paulo.Objetiva, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente.São Paulo: Cortez, 1998.

_____ **As teorias pedagógicas modernas resignificadas pelo debate contemporâneo:**

Disponível em: http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/martim/profes_form/teoria_d_ebatecontempo.pdf

LÜDKE, Menga. **O professor e a pesquisa**. Campinas: Papyrus, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. – São Paulo: EPU, 1986.

LIMA, L. C. **Concepções de escola: para uma hermenêutica organizacional**. InL. C. Lima (Org.), Compreender a escola. Perspectivas de análise organizacional. Porto: Asa.2006

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____ **Fundamentos da metodologia científica**.5º ed. São Paulo. Atlas,2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINELLI, M. L (org.). O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**.São Paulo: Veras Editora, 1999. (Série Núcleo de Pesquisas) p.19-29

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**.Tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____**Cognição, ciência e vida cotidiana.** Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____**REZEPKA, Sima Nisis de. Formação Humana e Capacitação.** Tradução: Jaime A. Clasen. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____; ZÖLLER, Gerda V. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano.** São Paulo: Palas Athena, 2004.

MASINI, E.F.S, MOREIRA, M.A.**Aprendizagem significativa: condições para ocorrência e lacunas que levam a comprometimento.** São Paulo. Vetor, 2008.

MATURANA, Humberto.**Emoções e linguagens na educação e na política.** Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2002.

MEAD, Margaret. **Cooperation and comprtition among primitive people.** Boston: Beacon, 1961

MEDINA, João Paulo.S **A Educação Física cuida do corpo e da “mente”.** 26 ed. Campinas: Papyrus 2013

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. 17 ed.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma emergente. Campinas: Papyrus, 1997.

_____**Pensamento eco-sistêmico. Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2004

MORENO E SASTRE.**Resolução de conflitos e aprendizagem emocional: Gênero e transversalidade.**(Tradução: AnaVeniteFuzatol) São Paulo; moderna. 2002

MORIN, Edgar.**Complexidade e transdisciplinaridade.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____**Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 5º. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

_____**A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento ;** tradução Eloá Jacobina. – 8º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____**A noção de sujeito. In D. F. Schnitman (Org.), Novos paradigmas, cultura**

e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____**A Religação dos Saberes: O desafio do século XXI.**/idealizado e dirigido por Edgar Morin; tradução e notas, Flavia Nascimento. -10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012

NIETA, M.L. **Educação Física: Metodologia Global e Participativa** Trad. Adriana Friedmann- Petrópolis, Vozes, 2012

OLIVEIRA, V.M. **Fundamentos Pedagógicos Educação Física (org)** Rio de Janeiro, Ao livro Técnico , 1987

PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 25 junho 2013

PERRENOUD, Philippe. **As Competências para Ensinar no Século XXI**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002

_____ PERRENOUD, Phillip. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre:

Artes Médicas, 2001.

PEREIRA, Valéria Resende Teixeira. **A saúde emocional do educador: saberes necessários aos trabalhadores da educação**. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

PONTE, J. P. **A vertente profissional da formação inicial de professores de Matemática**. Educação Matemática em revista. Ano 9 – no 11A – Edição Especial – abril de 2002.

REY, F.L.G, **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RIOS, Terezinha A. **Compreender e Ensinar: Por uma docência da melhor qualidade**. 8. Ed- São Paulo: Cortez, 2010.

RODRIGUES, Arnoldo. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 1972

SALOMON, G. **O estudo sistêmico versus analítica de ambientes de aprendizagem complexos**. Em J. Ellen e RE Clark (Eds.). Manipulação Complexidade em ambientes de aprendizagem: teoria e pesquisa .Amsterdam: Elsevier. 2006.

SANTIN, S **Educação Física: temas pedagógicos**, 2.^a ed. Porto Alegre: EST Edições, 2001

SANTOS, B. DE S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 4^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTOS, J.L. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANTOS, M. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. São Paulo: Cultrix, 1984.

SANTOS, Maria José E. **Ludicidade e educação emocional na escola: limites e possibilidades**. Dissertação de mestrado. Salvador: FAGED/UFBA, 2005.

SEVERINO, A. J. Et al. **Conhecimento, pesquisa e educação**. São Paulo: M.r. Cornacchia& Cia. Ltda, 2001. 175 p.

SEVERINO, A. J. **A busca do sentido da formação humana**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006.

SEVERINO, A. J. **Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional**. In: BIANCHETTI, L;

SILVA, A. L. DA. CAMILLO, S. DE O. **A educação em enfermagem à luz do paradigma da complexidade**. In: *Revista da escola da enfermagem da USP*. v. 41, n. 3, p. 403-410, set 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/09.pdf>. Acesso em 28 ago. de 2012.

SILVA, Fabiane. **Inteligência emocional e liderança no esporte**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Campinas . Faculdade de Educação Física. 2001

SOARES, Carmem. Educação Física: Raízes Européias e Brasil. 2º ed. 2001.

Campinas, SP: autores associados, 2001

SOBEL, J.- **Everybody Wins: Non- competitive games young children** . New York:walker Publishing Company, Inc 1983

SALOVEY, Peter; SLUYTER, David J. (org.). **Inteligência emocional da criança**.Rio de Janeiro : Campus, 1999

SOLER, R. **Educação física escolar**. Rio de janeiro: Sprint, 2003

_____. **Educação Física: uma abordagem cooperativa**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

_____. **Brincando e aprendendo com os jogos cooperativos**.Rio de Janeiro: 3ºed. Sprint, 2011.

STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2001.

TANI, G **Leituras em Educação Física: retratos de uma jornada**.São Paulo: Phorte, 2011.

TORO,J.M. **As duas faces inseparáveis da educação: coração e razão**.São Paulo: Paulinas, 2007.

THIOLLENT, Michel.**Metodologia da Pesquisa-ação**.9 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados,2000.

TOZONI- REIS. a Pesquisa e a Produção de Conhecimentos. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/a_pesquisa_e_a_producao_de_conhecimentos.pdf. Acesso em: 10/04/2013

VALLE, Patrícia Barroso do. **Inteligência emocional no trabalho: um estudo exploratório**. Dissertação - (Mestrado profissionalizante em administração) – Faculdade

de Economia e Finanças IBMEC, Rio de Janeiro, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos S: **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico** Ladermos Libertad-10º Ed. São Paulo, 2002

_____. **Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente.** 1ºed- São Paulo: Cortez, 2009.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WEIL et al. **Rumo à nova transdisciplinaridade:** sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

YUS, Raphael. Educação integral uma educação holística para o século XXI. 2002. Cap1. Definição e características da educação holística. (p.13-28).

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2013/12/briga->

[generalizada-interrompe-jogo-entre-atletico-pr-e-vasco-em-joinville-4358037.html](http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2013/12/briga-generalizada-interrompe-jogo-entre-atletico-pr-e-vasco-em-joinville-4358037.html)

**APÊNDICE:****UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*– MESTRADO
ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A
PARTICIPAÇÃO NAS ENTREVISTAS**

Prezado (a) Senhor (a)

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa:
**APRENDIZAGEM EMOCIONAL: O DESAFIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Sua colaboração neste estudo é **MUITO IMPORTANTE**, mas a decisão em participar é **VOLUNTÁRIA**, o que significa que o (a) senhor (a) terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento. Obrigado(a) pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, _____,
portador do RG _____, residente e domiciliado em _____, concordo de livre e espontânea vontade **em participar como voluntário** da pesquisa. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e em caso de divulgação em publicações científicas, os meus dados pessoais não serão mencionados. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa buscando estas informações junto a Coordenação de Pós-graduação/UNIPLAC onde os mesmos estarão disponíveis.

Se, no transcorrer da pesquisa, o (a) senhor (a) tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar, poderá entrar em contato com a professora responsável pela orientação desta pesquisa, Dr^a Marina P. Arruda ou com a mestrandia responsável pela pesquisa Magali Aparecida Ribeiro de Souza, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado Acadêmico em Educação, na UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170 — Bloco do Centro de Ciências Jurídicas — CCJ (pisos térreo), ou pelo telefone (49) 3251-1143, ou pelo e-mail

mestradoeduca@gmail.com. Tenho a liberdade de não participar ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação.

Declaro estar esclarecido (a) pelo pesquisador deter entendido o que me foi explicado e consinto por minha livre e espontânea vontade, em participar desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*– MESTRADO
ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

Roteiro da entrevista: Aprendizagem emocional: o desafio da prática pedagógica do professor de educação física

1º Bloco- Quem é o professor de educação física?

1. Gênero: F () M () 2. Idade: _____
3. Formação Acadêmica: _____ Ano Conclusão: _____
4. Especialização: () Lato Sensu Ano de conclusão _____
() *Stricto Sensu* Ano de conclusão _____
5. Tempo de atuação como professor: _____

2º Bloco- Possibilidades da aprendizagem emocional na educação física escolar

6. Segundo Maturana, emoções *“são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos”*(1999, p. 15). Assim entendida, a emoção é fundamento da convivência social. Você acha importante trabalhar as emoções de seus alunos? Podemos aprender sobre como lidar com as nossas emoções? Como vc faz isso? (entrevista)
7. O que você compreende por aprendizagem emocional?
8. Comente uma experiência emocionalmente difícil vivida junto a seus alunos e os encaminhamentos que você deu para a solução da mesma.

3º Bloco- A prática pedagógica frente aos desafios da aprendizagem emocional na educação física escolar

9. O que orientou seu processo de formação: uma formação técnica, uma formação humana... Comente
10. Você percebe mudanças na prática pedagógica do professor de educação física na última década? O que você destacaria.
11. O que você prioriza em seu planejamento anual?
12. O que vc enfatiza em suas aulas práticas? E, em suas aulas teóricas?

13. Identifique o que você considera importante para o aprendizado dos seus alunos nas aulas de educação física dentre as opções (quantas opções quiser)

1. conhecer as regras dos jogos 2 cooperação 3.trabalho em equipe

4. coordenação motora 5. respeito ao outro 6.habilidades motoras

7. execução correta dos movimentos 8.aplicar corretamente as regras do jogo

14. Quais as principais emoções observadas ao longo de suas aulas:

1 medo / 2 agressão / 3 gentileza /4 rancor /5 ódio

6/insegurança / 7 tristeza / 8 felicidade / 9 alegria

Outras, quais?_____

15. Você acha importante a formação humana de seus alunos? Por que?

16. Em que momento o professor de Educação Física promove a formação humana?

17. Como possibilitar a aprendizagem emocional? Quais as dificuldades que você encontra? E as facilidades?

18. Como orientar os alunos que não conseguem solucionar os conflitos nas relações interpessoais que eventualmente podem acontecer durante suas aulas?

19. Você gostaria de comentar mais algum item sobre o qual não perguntei? Qual ou quais?